

# Açores

## A terra que te forma

Diogo Oliveira Cardoso

2022

2022

Relatório de Projecto Final  
Mestrado em Design de Produto

ESAD.CR  
Escola Superior de Artes e Design  
do Instituto Politécnico de Leiria

Rua Isidoro Inácio Alves de Carvalho  
2500-321 Caldas da Rainha  
[www.esad.ipleiria.pt](http://www.esad.ipleiria.pt)

Autor  
Diogo Oliveira Cardoso  
[diogo.xarque@gmail.com](mailto:diogo.xarque@gmail.com)

Orientador  
Fernando Brizio

# Açores

A terra que te forma  
e objetos de memória

Diogo Oliveira Cardoso

2022



# Agradecimentos

Este projeto de mestrado é resultado de um longo processo, repleto de desafios, alegrias, tristezas, ganhos, perdas e aprendizado. Neste caminho, andaram comigo inúmeras pessoas a quem sou grato.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou neste sonho. Mesmo que distante fisicamente, estando no Brasil, estiveram a dar apoio a todo o momento. Sem eles, nada deste processo seria possível e eu não estaria aqui.

Agradeço a cada um que esteve próximo de mim em Portugal. Foram vocês que me receberam em um novo país, me acolheram com amor, me fizeram sentir parte, me ensinaram muito, além de estarem presentes em todos piores e melhores dias.

Agradeço ao meu orientador, pelo apoio durante este processo, com conselhos e por me fazer ver o Design de novas perspectivas.

Agradeço ao Instituto Politécnico de Leiria e à Escola Superior de Artes e Design, pelo mestrado e estrutura.

Agradeço ao Brasil, Portugal e aos Açores.

Aos que se foram durante este processo, suas memórias estão presentes e agradeço por fazerem a base da história da minha família e por todo amor.

# Resumo

O presente projeto se trata da junção de Design de produtos com estudos históricos, que surge da busca do autor por conhecer mais a respeito daquilo que são os Açores, além do que ele cresceu “ouvindo dizer” ser açoriano em diásporas do Sul do Brasil. Principalmente, no que se trata da pouca referência ao solo no desenvolver do seu imaginário açoriano, mesmo com sua imensa relevância, ao mesmo tempo em que existe a forte ideia do “açoriano marujo”.

Dada a relação dos Designers com a sociedade para a qual criam e vivem, buscou-se estudar esta cultura que influenciou a formação do local onde o autor, que é designer, cresceu. A partir de um estudo histórico/cultural como ambientação para a pesquisa, que se foca em elementos estruturantes do solo, da agricultura e da paisagem açoriana, foram criados textos para apresentar sua importância na compreensão histórica que levam para a criação de objetos.

A partir do ponto em que os elementos geraram conhecimento histórico relevante para o autor, de forma a não ser apenas elementos estéticos ou “que lembrem os Açores”, chegou-se ao desenvolvimento de objetos que buscam ser, para o autor, “objetos de memória”.

Palavras-chave:

Design, Açores, Brasil, Solo, História, Objetos

# Abstract

This project combines Product Design and Historical Studies. It was born from the author's desire to know more about what the Azores are, in addition to what he "heard" as Azorean in the southern Brazilian diaspora. Regarding the little reference to the soil in the development of his Azorean imaginary, despite its immense importance, the idea of the "Azorean sailor" is very strong.

Considering the relationship of designers to the society for which they create and live, we have tried to study this culture that has influenced the creation of the place where the author, himself a designer, grew up. Starting from a historical-cultural study as a setting for the research, focusing on structuring elements of the soil, agriculture and the Azorean landscape, texts were created to present their importance in the historical understanding that led to the creation of objects. From the point where the elements generated relevant historical knowledge for the author, that is, not just aesthetic elements or "that remind us of the Azores", the development of objects that want to be "objects of memory" for the author was achieved.

Key words:

Design, Azores, Brazil, Soil, History, Objects

# Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução	10
Objetivos	14
Objetivo geral:	15
Objetivos específicos:	15
Metodologia	16
Desafios/ problema de projeto	19
Fundamentação teórica	20
Relação pessoal	21
com os Açores	21
Estudo de história e memória	30
Açores -	36
Uma breve	36
apresentação	36
Relação Açores e Brasil	42
A emigração para o sul	
do Brasil. Quando e por quais motivos	48
A “falta de aptidão agrícola” e o congresso	50
Identidade açoriana	60
Como estudar os Açores - Um foco no solo	68

Basalto	76
Criptoméria	84
O Milho	90
Barro e Cerâmica	98
O chá nos Açores	108
Produtos nos Açores	114
<b>Referências conceituais e estéticas</b>	<b>120</b>
Conceituais	120
Referências Estéticas	130
<b>Desenvolvimento de objetos</b>	<b>134</b>
Prato	136
Objetos de sentar Basalto e Criptoméria	150
Luminária candelabro	160
Bule	168
Biombo	196
GEO	210
<b>Considerações finais</b>	<b>230</b>

# Introdução

Este projeto tem sua origem na busca do autor por conhecer mais a respeito daquilo que são os Açores, além do que ele cresceu “ouvindo dizer” ser açoriano em diásporas do Sul do Brasil e a junção disso com o desenvolvimento de objetos.

Tendo nascido no Brasil, em uma cidade que já foi chamada de “Porto dos Casais” devido aos seus imigrantes açorianos, e crescido em uma ilha que alguns chamam de “décima ilha dos Açores” (Florianópolis/ Santa Catarina/ BR), o autor reparou ter aceitado, por vezes sem muitos questionamentos, o que Hobsbawm chama de “tradições inventadas”. Até existe, onde ele cresceu, uma lembrança do açoriano que se fixou no território brasileiro, mas há pouca referência aos Açores em si. Isso, por vezes, fez com que surgisse um imaginário açoriano com elementos que talvez não representem a origem dos Açores, ou mesmo que não são tradicionalmente açorianos. Tem-se como maior exemplo a repetida e presente imagem do “açoriano marujo” pescador e sua relação direta com o mar, enquanto praticamente se esquece, não se exalta ou até mesmo não se conhece a importante relação dos Açores com o solo. Relação que envolve a geografia, a agricultura e a paisagem e que possui fatores que influenciam tanto a formação física do arquipélago, como a formação social, cultural e até mesmo a emigração para o sul do Brasil. Ou seja, onde o autor nasceu e cresceu.

A partir de um estudo histórico/cultural construído por uma pesquisa bibliográfica, além de conversas, vídeos, comidas e músicas açorianas, o projeto se inicia por ambientar o tema. Isso acontece a partir de uma primeira parte da fundamentação teórica, que é a de compreender a relação do autor com os Açores, dos Açores com o Brasil, e dos Açores especificamente com o território de crescimento pessoal. Buscasse, assim, entender a formação do imaginário açoriano em Florianópolis. Neste ponto, é visto que a origem da “busca por açorianidade” no litoral sul brasileiro aparece muito próxima da ideia do “açoriano marujo”. É possível, por vezes, ver citações que associam “fracassos agrícolas” dos povoadores açorianos no litoral brasileiro com uma suposta não inclinação natural deste povo à agricultura. Uma ideia que não corresponde à verdade, pois no solo repleto de complexidades do arquipélago foram criadas as maiores fontes de alimento para o povo das

ilhas, abasteceu-se a coroa, exportou-se alimento e, em grande parte, influenciou-se a formação cultural. Visto que essa ideia errada de não aptidão à agricultura e de “esquecimento” da complexidade do solo na história açoriana está presente na origem da busca por uma identidade açoriana em Santa Catarina, procura-se, então, através deste projeto, buscar e apresentar, por meio de texto e de objetos, o que “o solo me conta.”

Nesta pesquisa, considera-se que o Designer, como criador, possui clara relação com a sociedade para a qual cria e na qual vive. Projetamos para uma época, produzimos para lugares/pessoas e criamos a partir das nossas influências. Dado o momento em que se percebe que existem algumas confusões contemporâneas a respeito das influências do território onde se cresceu, julgou-se que, como designer e indivíduo, era pertinente aprofundar o conhecimento além do que era dito como açoriano em Florianópolis, recorrendo, como dito anteriormente, ao estudo do solo e da sua relação com parte da história dos Açores. Este estudo histórico/cultural buscou criar textos que apresentem a importância e complexidade do solo na formação açoriana de forma a atuar singelamente na construção de um novo imaginário, que resulta na criação de objetos que representam a ligação do autor com o tema e a sua interpretação sobre ele.

Para isso, mais que o solo em si, foram elencados elementos considerados relevantes desde sua formação, passando pelo período próximo à migração para o sul do Brasil e até mesmo nos dias de hoje. Com relação ao desenvolvimento dos produtos, mesmo que por vezes exista alguma referência, não se buscou copiar técnicas artesanais açorianas ou criar produtos que “pareçam ser açorianos”. Trata-se da interpretação pessoal do autor, não açoriano, sobre a história apreendida por elementos que agregam em conhecimento histórico e que conversam com os Açores. A partir do estudo do basalto, do milho, da criptoméria, do chá e do barro, vendo esses elementos não só como matérias-primas ou referências estéticas, mas também como influenciadores históricos dos Açores, foram projetados objetos cotidianos que, para o autor, buscam ser seus “objetos de memória”.



# Objetivos

A seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste projeto.

## **Objetivo geral:**

Este projeto tem como objetivo geral, a partir do estudo histórico e da elaboração de textos, desenvolver objetos que representem o percurso de aprendizado do autor a respeito dos Açores através do solo, possibilitando o desenvolvimento de um imaginário açoriano em transformação. Objetiva-se também que esses objetos sejam considerados “objetos de memória”.

## **Objetivos específicos:**

Compreender a relação pessoal do autor com os Açores;

Buscar entender a relação dos Açores com o Brasil em aspectos variados;

Entender a origem da busca da açorianidade em Santa Catarina e sua relação com a falta do solo no imaginário açoriano em Florianópolis.

Pesquisar e apresentar textos sobre a importância do solo para o desenvolvimento territorial e cultural açoriano;

Explorar e apresentar estudos a respeito do basalto, do milho, do barro, da criptoméria e do chá e relacionar isso com a história dos Açores;

Elaborar objetos que representem o processo de aprendizado, relacionando-os com os temas apresentados;

Apresentar os processos de desenvolvimento dos objetos;

Fazer, por meio de uma conclusão final, a análise a respeito da execução dos objetivos.

# Metodologia

Neste projeto, a metodologia foi dividida em três etapas, similares às etapas de projeto de Bruce Archer, que considerava que o design é uma busca sistemática pelo conhecimento. Como dito, será uma divisão apenas similar. Não foi seguida à risca metodologias já pré-estabelecidas, de forma que, para este projeto, foi feito o uso de uma metodologia adaptativa própria.

As três macro divisões são: Análise - Síntese/Criatividade - Execução/Desenvolvimento.

Na primeira etapa, é feita uma pesquisa mais geral, depois é feita a seleção de elementos que se destacaram na primeira pesquisa e que serão aprofundados em uma segunda pesquisa.

Na segunda etapa, são interpretadas as informações da análise e são geradas as alternativas, por variados meios criativos, que se considerarem válidas.

Na terceira parte, após a interpretação das alternativas geradas, é executado o desenvolvimento físico dos produtos de forma aberta. Ou seja, permitindo alterações quando necessárias, de forma a se aproximar por

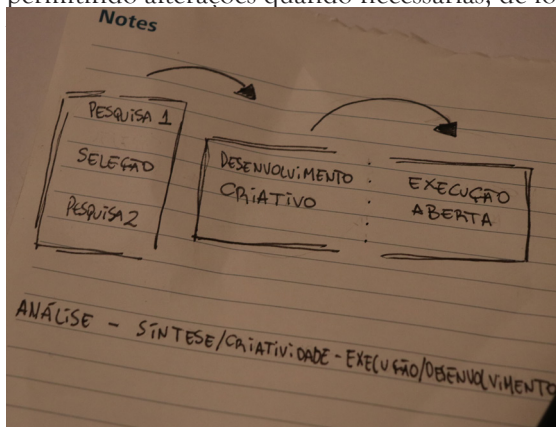


Fig.1

Esquema metodológico usado

Dentro da análise, está a pesquisa macro que, posteriormente, proporciona a seleção de elementos a se focar e que gera uma pesquisa mais focada. Todas as pesquisas são baseadas em estudos bibliográficos, experiências, e meios que proporcionem conhecimento. Neste projeto, foram feitas pesquisas em revistas, em projetos acadêmicos, em livros, em vídeos, em entrevistas, em músicas e em uma viagem aos Açores. Após isso, no segundo momento (síntese/criatividade), são geradas as alternativas com os melhores meios para cada situação, como desenhos e mockups, sem dependência um do outro. Por fim, na etapa de desenvolvimento/execução, as ideias anteriormente testadas e analisadas são executadas. Porém, esta última etapa está aberta à criatividade e a novos pensamentos, adaptações e acontecimentos, a ponto de, por vezes, estas duas últimas praticamente se juntarem.

Neste projeto, na primeira etapa, era necessário analisar os temas de uma forma “macro” até uma forma “micro”, como se fosse um funil na linha de pesquisa. Para isso, foi preciso compreender o contexto pessoal entre o autor e os Açores, de forma a compreender as motivações iniciais que iriam guiar o início da pesquisa. Com essa assimilação feita, foi necessário fazer uma exploração geral sobre os Açores. Onde ficam, quem são, quando surge, entre outros fatores.

A partir deste ponto, iniciou-se um estudo a respeito da correlação entre os Açores e o Brasil em geral, de maneira a compreender que o arquipélago não possui apenas “vínculos” com o sul do Brasil, e muito menos que essa região foi a primeira a ter contato com o povo do arquipélago português. Depois de compreender a relação “macro” entre Brasil e as Ilhas em questão, a pesquisa afunila para uma compreensão da relação dos Açorianos com o sul do Brasil, com maior foco em Florianópolis e região. A partir dessa pesquisa, chega-se à questão da falta de relações com o solo Açoriano, que acarreta na seleção de elementos. Neste caso, com maior foco no solo, define-se que os elementos a serem mais estudados serão o basalto, o milho, a criptoméria, o barro com a cerâmica e o chá. Desta forma, com os elementos definidos, é iniciada uma pesquisa sobre estes temas com dois objetivos: 1) A produção de

textos que possam auxiliar no desenvolvimento do imaginário açoriano, com foco nos elementos do seu solo. E 2) que os textos possibilitem uma interpretação pessoal por parte do autor, permitindo-o criar objetos que conversem com o seu aprendizado, com o intuito de os transformar em “objetos de memória”.

Ao finalizar a etapa de análise, levando em conta todos elementos, o estudo histórico e as possibilidades que os materiais proporcionam, inicia-se a etapa de síntese/criatividade. Por meio de desenhos, testes que buscavam ver as possibilidades de trabalho com os materiais e criação de mockups são geradas possíveis alternativas e, posteriormente, é decidido o que será levado para frente. Esta etapa será apresentada por meio de textos e de imagens.

Por fim, após todo o embasamento teórico, produção de texto, desenhos, mockups e análise dos testes, cada objeto foi desenvolvido ao seu tempo, de forma a aceitar possíveis mudanças formais, funcionais e até mesmo de significados se assim fosse julgado necessário no momento. De forma que, por fim, os objetos finais são fotografados e é feita uma análise a respeito do cumprimento ou não dos objetivos estabelecidos pelo projeto.

## **Desafios/ problema de projeto**

Como produzir uma pesquisa e produtos que auxiliem no aprendizado, memória e enaltecimento do solo na formação da identidade açoriana.

# Fundamentação teórica

# Relação pessoal com os Açores

Como ponto de partida, considerando-se que este projeto se baseia na busca de aprendizado do autor a respeito dos Açores, é necessário compreender a relação entre ele e a palavra “Açores”. A partir da sua percepção dos fatos, será apresentada tal relação, de modo a elucidar as motivações iniciais para a pesquisa e mostrar o caráter pessoal que aparecerá frequentemente durante o projeto.

A sua cidade de nascimento é Porto Alegre (Rio Grande do Sul - Brasil). Local que antigamente já foi chamado de Porto dos Casais, de forma a referenciar os casais<sup>1</sup> de açorianos que desceram naquelas terras e influenciaram de forma definitiva o desenvolvimento da região no século XVIII. Viviane Hunter, presidenta da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul, afirma que Porto Alegre pode ser considerada a maior cidade fundada por açorianos no mundo.<sup>2</sup>



Fig.2  
Porto Alegre

---

1 Quando se fala em “casais” na migração açoriana, não se está a dizer casais amorosos, e sim agrupamentos familiares. Pessoas que vivem na mesma casa.

2 Presidenta da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul durante o Encontro Açores Brasil, em 14 de outubro de 2021 em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores.

Quem nasce no Rio Grande do Sul é chamado de gaúcho/a. A formação desta identidade cultural, de certa forma, por uma percepção pessoal, parece “distanciar” por vezes a relação do povo com os Açores. A cultura gaúcha é extremamente forte no estado do Rio Grande do Sul, ao ponto que, antes de alguma vez se ouvir a palavra “açores” com relação a Porto Alegre (capital do estado), as pessoas ouvirão falar a palavra “gaúcho”. Porém, dentro desta fortíssima cultura, existem os CTGs (Centros de Tradição Gaúcha), entidades que procuram divulgar as tradições e o folclore. É de conhecimento popular que aquilo que é dito como gaúcho tem na verdade influências de outras culturas, como culturas indígenas, espanhola e portuguesa, culminando, neste território, na cultura gaúcha. Porém, nas danças, talvez o maior símbolo da tradição nos CTGs, mais do que uma origem portuguesa, existe uma influência açoriana, como apresenta Azevedo (2019 p.13-17), ao mostrar a existência da “mesma terminologia, ou influência açoriana, nas danças tradicionais do RS”, como Chimarrita, Cana-Verde, Pau-de-Fita, Tirana do Lenço e o Pezinho, danças que possuem suas versões em grande parte das ilhas do arquipélago português.

“O Pezinho, é uma das primeiras danças tradicionalistas a se aprender quando criança. O que não foi diferente comigo, que, provavelmente em 1999, sem nunca ter ouvido a palavra Açores, vestido com a indumentária gaúcha, me apresentei dançando o Pezinho.”

Fala do autor deste projeto.



FIG.3  
CTG (Centro de  
Tradições Gaúchas)



FIG.4  
Autor do projeto vestido com  
indumentária gaúcha ao se  
apresentar com a dança do  
Pezinho

Aos oito anos de idade, o autor deste projeto mudou-se de estado no Brasil. Depois de viajar 462km, passou a morar na capital do Estado de Santa Catarina, a cidade de Florianópolis<sup>3</sup>, Um local que, mesmo com significativa distância de Porto Alegre, também possui fortes laços açorianos. É neste território onde se começa a ouvir com frequência a palavra “Açores”. Essa frequência acontece, pois houve uma relevante migração açoriana para o litoral sul do Brasil, e com muita força na região litoral catarinense<sup>4</sup>. Nesta região, que abriga uma união de diferentes culturas na sua formação, como os índios e os descendentes de africanos, a cultura açoriana se mostra muito presente, tanto no nome de bairros/praias, quanto na força da Festa do Divino Espírito Santo, nas expressões culturais, como a “farra do boi”, na arquitetura e até mesmo nas palavras, ao ponto de algumas pessoas por vezes se dizerem “açorianos/as”.



FIG. 5

Praia dos Açores -  
Florianópolis

---

3 O município de Florianópolis é composto por mais de 97% de sua área na Ilha principal (Ilha de Santa Catarina), pequenas ilhas ao seu redor e por uma parte continental que finaliza a totalidade do território.

4 Catarinense: Referente ao estado de Santa Catarina.



FIG. 6  
Arquitetura Açoriana presente no Ribeirão da Ilha, Florianópolis

Vale reforçar que os açorianos não foram o único povo a contribuir para o litoral catarinense, pois outros povos passaram e influenciaram o desenvolvimento local e cultural, como povos indígenas, pessoas de outras regiões do Brasil e povos africanos. Devido ao foco de pesquisa nos povos Açorianos, essas outras culturas não serão muito referenciadas neste projeto, mas ainda assim merecem ser lembradas e apresentadas.

[...] também houve o processo histórico que ocultou as experiências da população africana e afro-brasileira, em Florianópolis e São José, e as resumiu à situação de cativo, como se não participasse do cotidiano do litoral catarinense. E perpetuar a imagem da pessoa escravizada a partir de sua despersonalização.<sup>5</sup>

---

5 Pontes (2019, p. 4).

Apesar de provas cotidianas da presença açoriana nestas cidades, num âmbito pessoal, era sentida uma falta de ligação com os Açores. Um sentimento inicial de “não pertencimento” àquele território ou cultura pode ter causado este distanciamento do autor com os Açores. Para as pessoas de Florianópolis, ele era considerado um gaúcho e, para os gaúchos, era considerado um manezinho<sup>6</sup>. Isso pode tê-lo influenciado pessoalmente a não buscar conhecimento a respeito dos Açores por não se sentir parte daquele grupo, mesmo tendo nascido e crescido em lugares influenciados por esse povo. Assim, é possível afirmar uma sensação constante de pertencer e, ao mesmo tempo, de ser um “outsider”, como Norbert Ellias diz em seu livro “Estabelecidos e Outsiders”.

As categorias estabelecidos e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência.<sup>7</sup>

Com o passar do tempo, acontece uma aproximação maior, porém lenta, a temas relacionados à açorianidade. Junto desta aproximação, é visto que, baseado na experiência de vida do autor, não é uma questão apenas sua, isto é, uma questão individual, essa sensação de distanciamento em relação aos Açores. Um grande número de moradores de Florianópolis possui pouca informação sobre o arquipélago e conseqüentemente sobre aquilo que é açoriano. Situação que pode estar atrelada ao fato de que a cidade abriga muitas pessoas vindas de outras cidades, estados e países. As culturas que outros povos (como açorianos) levaram para o Brasil, movidas com suas memórias e visões de mundo, transformaram-se no contato com culturas que já estavam naquele território e os novos povos que se juntam. Isso faz com que se compreenda a razão pela qual, em Florianópolis, muitas vezes haja uma confusão entre tradições açorianas originais e tradições açorianas que foram moldadas já no Brasil e que, por vezes, possuem pouca relação com os Açores (Portugal). E, em alguns casos, nem mesmo se fala tanto sobre o arquipélago. Mais a respeito disso será tratado ao longo do projeto.

É necessário cuidado e pelo menos um pouco de pensamento crítico na reprodução daquilo que se diz como representação de uma

---

6 Modo popular para denominar quem nasce em Florianópolis.

7 Elias; Scotson (2000, p. 8).

cultura, reconhecendo, por vezes, a possibilidade da existência das chamadas “tradições inventadas”<sup>8</sup>. Mas vale salientar também que, como Ferreira (2006, p, 56) cita Poutignat, o fato de uma identidade étnica ser “criada ou inventada” não a faz perder autenticidade, nem torna as pessoas que as reivindicam pessoas de má fé.

Em Florianópolis, é comum lembrarem que parte da arquitetura da cidade descende dos Açorianos, assim como, por exemplo, ouvir falar do folgado da “farra do boi” ter origem no “boi na corda” açoriano. É igualmente comum relacionarem a pesca em Florianópolis e as comidas vindas do mar diretamente aos açorianos, ou até mesmo ao festejo do “boi de mamão”. Porém, entre esses, alguns são originários dos Açores, e outros nem tanto, já que nem todos são essencialmente açorianos. E é neste caso que é necessário cuidado. Ferreira (2006, p.25) diz,

O século XX, sobretudo sua primeira metade, será o século dos sem origem, já que se perde a memória da ascendência. Não há nada mais brasileiro do que não saber a procedência de seus antepassados. Por isso, o movimento chamado de “resgate da açorianidade”, na segunda metade do século XX, será uma verdadeira “invenção de tradições”, um movimento de nomeação, de tentativa de descobrir a paternidade ou a maternidade de determinadas práticas. Nesse afã de descobrir as “origens açorianas”, muita coisa que tinha origem açoriana assim foi nomeada, mas infinitas outras passaram a ser açorianas sem nunca terem sido.

---

8 “Tradições Inventadas”: Ver em HOBBSAWM; RANGER, A invenção das tradições, 2020.

A partir da percepção de que pouco conhecia sobre os Açores, que tanto influenciou a cidade em que ele cresceu e a em que nasceu, o autor levou em consideração o fato de se estar fazendo este projeto em Portugal, ou seja, mais próximo dos Açores, facilitando assim sua busca por aprendizado e pela criação de objetos que possibilitem manter viva justamente a memória deste aprendizado.

FIG. 7  
Centro de Florianópolis



Percebeu-se, então, a importância que existe no nosso conhecimento a respeito das origens e das identidades culturais de onde vivemos. E se considerou um erro até mesmo pessoal, mas também como Designer, o baixo conhecimento, por parte do autor, do ambiente em que ele cresceu, vista a influência que os ambientes costumam ter sobre os indivíduos.

FIG.8  
Centro de Florianópolis



# Estudo de história e memória

A partir daquilo que foi apresentado no capítulo anterior, nota-se que, mesmo este sendo um projeto dentro da área de Design de Produto, ele se embasará constantemente no estudo de culturas. Assim, vale se analisar brevemente o termo “cultura” e, conseqüentemente, “história” e “memória”, visto que história e memória se fazem presentes ao se estudar a cultura açoriana.

**CULTURA:** São todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver”. A cultura engloba tanto a linguagem com a qual as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos[...]<sup>9</sup>

Este projeto permitirá compreender de forma mais assertiva (não absoluta), as diferenças entre as realidades dos Açores e a cultura açoriano-catarinense. Compreender as diferenças entre elas, e a sua formação é, em si, valorizá-las, de forma a não as generalizar. Quanto mais conhecimento se adquirir a respeito das mais variadas culturas e povos, maior será o embasamento para diferenciá-las, para reconhecê-las e para enaltecer os seus contrastes.

---

9 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Patrimônio Cultural Imaterial : para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012, p. 7

O Designer é alguém atuante no cotidiano contemporâneo e que deve compreender e estar preocupado com as relações pessoais de seu tempo. Desta forma, estudar e compreender culturas deveria ser um dos pontos a se estar mais atento na medida em que se projeta objetos. Este pensamento é uma preocupação em compreender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e às suas perspectivas de futuro.<sup>10</sup> Ou seja, neste projeto, a busca por conhecimento a respeito dos Açores, para conhecimento e crítica a respeito do ambiente onde o autor cresceu, passa diretamente pelo estudo cultural. Neste processo, deve-se levar em conta tanto as sociedades modernas, como, por exemplo, a atual Florianópolis, como também os Açores de séculos passados. Afinal, para compreender fatores contemporâneos não se pode descartar o caminho que o passado construiu e as transformações culturais resultantes deste processo. Por isso, aqui será visto um caminho para chegar aos objetos finais que não se baseia apenas na história contemporânea e na análise da atualidade. Considera-se que deve haver uma compreensão factual e respeitosa das diferentes etapas da história. Por mais que este projeto se conclua com a produção de produtos, parte dele é documentar os processos e aprendizados, de tal maneira que este documento sirva como local de encontro destas informações e não apenas como um guia de “passo a passo para produzir um produto”. Estudar a história ganha caráter primordial para o projeto e, por isso, documentá-la se torna essencial também.

“ A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos.”

(SANTOS, 1995, p.7)

---

10 Santos (1995, p.7)

## História e Memória

“O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus **produtos**, que remetem à **história**, à **memória** e à identidade desse povo”<sup>11</sup>

Para início da relação de história e memória, deve se considerar que memória e história podem ser percebidas como elementos diferentes um do outro. Para fazer uma simplificação dessa diferença, basta pensar que a memória está ligada diretamente à realidade do indivíduo, algo natural da vivência e que pode ser repassada. Pierre Nora, diz que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.”<sup>12</sup> Já a história é algo que, por vezes, faz uso de memórias. Nora diz que a história é aquilo que as sociedades atuais “condenadas ao esquecimento fazem do passado”, pois foram levadas pelas mudanças. Nas sociedades antigas, a memória funcionava como história, sem separação entre elas. Quando a história não era guardada ou julgada por historiadores, mas era a memória sendo passada adiante pela realidade dos indivíduos. A história pode, por vezes, ser considerada um discurso sobre a memória, onde muitas vezes cabe à história definir o que é ou não “real”. É dito que a memória naturalmente, de essência, já não existe. Aquilo que existe é uma memória que, mesmo não sendo artificial, é construída a partir de interesses específicos e localizados no nosso tempo. História é um discurso. E memória é algo mais perto da natureza. NORA (1984,1993. pp. 7-9)

Nesta separação entre memória e história, surge então os “Lugares de memória”, que podem ser considerados como rastros. São locais que possuem como utilidade uma explicação de natureza pedagógi-

---

11 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), 2012, p. 12 (grifo meu)

12 Pierre Nora em :Les lieux de mémoire. I La République. 1984 pp XVII-I-XLII - Em tradução de Yara Aun Khoury. PUC-SP- 1993. p.7

ca em busca de derrotar o esquecimento e que possuem três sentidos a trabalhar juntos. Sentido material, simbólico e funcional. Os lugares de memória ocupam espaço, são lugares rituais, na medida em que possibilitam a experiência simbólica entre aqueles que estão vivos/presentes e os que não estão, como, por exemplo, a experiência de quem vai a um museu.

“Há locais de memória porque não há mais meios de memória”

(NORA (1984,1993. P.7)

São lugares que, na modernidade acelerada, são os únicos para essa permanência da memória, mesmo que não seja pura como no passado. Onde ela se “materializa” em um espaço com o objetivo de salvar aquilo que deve ser lembrado.

Em vídeo, Roger Chartier a falar de Paul Ricoeur Memória, história, esquecimento.

“Pode existir um mal entendido entre o conhecimento histórico e a memória. A memória coletiva não está privada de recursos críticos. Os trabalhos escritos de historiadores não são seus únicos recursos de representação do passado[...] existem modos de expressão não escritos. [...] Os historiadores devem ter consciência que são os cidadãos que fazem a história, os historiadores apenas a dizem, mas também são cidadãos responsáveis pelo que dizem. [...] A memória pode ser ferida pela história.”<sup>13</sup>

Além dos museus, existem outros lugares que podem ser considerados lugares de memória. O teatro, por exemplo, é uma forma de apresentar, no presente, fragmentos do passado.

Por seguimento da lógica do termo “lugares de memória”, este projeto considera que busca, com a criação de seus objetos finais, depois do percurso de aprendizado até a consolidação formal deles, a criação de “objetos de memória”, pois eles serão a materialização para o autor de todo esse caminho de conhecimento, assim como os lugares de memória buscam derrotar o esquecimento. E isso irá ocorrer com o uso dos três sentidos dos “lugares de memória” juntos: material, simbólico e funcional. Compreende-se que dada as relações pessoais com os Açores, não existe uma “memória pura” de vivência daquilo que se estudou. Os

---

13 Roger Chartier a citar Paul Ricoeur em vídeo na plataforma Youtube dentro do canal CPF Sesc

objetos aqui desenvolvidos são resultados de uma experiência do autor com o local e cultura, mas também daquilo que a história contada o mostrou.

Leva-se em conta as críticas de Nora a respeito dos lugares de memória, como dizer que os lugares de memória poderiam não ter de existir se ainda existisse a memória pura. Mas se leva em conta também que esta ideia aqui criada de “objetos de memória” apenas se referencia a alguns pontos, aos “lugares de memória” de Nora, e não busca o ser por essência.

# Açores - Uma breve apresentação

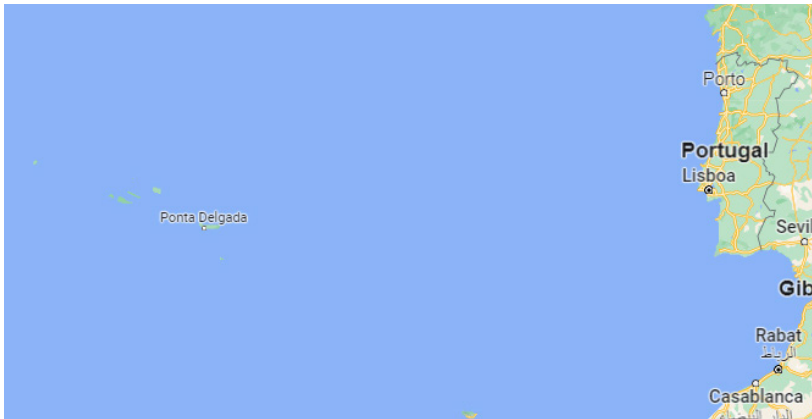


FIG.9  
Açores(esquerda) e Continente Português (direita)

Nesta parte, será apresentado um breve resumo a respeito dos Açores como arquipélago e como comunidade. Além dos objetos finais, este projeto almeja produzir um documento que reúna o aprendizado do autor, como também informações iniciais a quem se interessar sobre o tema.

Arquipélago dos Açores. Um conjunto de ilhas, a cerca de 1400 km de distância do ponto mais ocidental de Portugal continental (Cabo da Roca). É composto por 9 ilhas de origem vulcânica, divididas em três grupos: grupo oriental, central e ocidental

Oriental: Santa Maria e São Miguel  
Central: Terceira, Pico, São Jorge, Faial, Graciosa  
Ocidental: Flores e Corvo

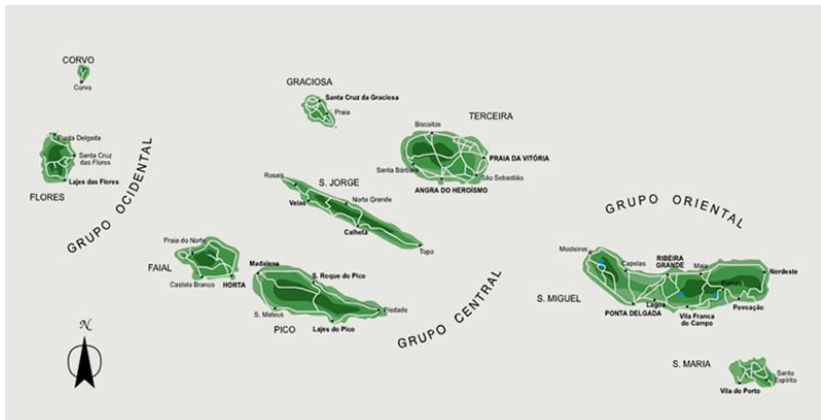


FIG.10  
Ilhas dos Açores e respectivos grupos

As ilhas começaram a se formar por atividades vulcânicas no final do período terciário, de maneira que a ilha mais antiga, Santa Maria, “emergiu” há aproximadamente 10 milhões de anos. A Ilha do Pico, que possui em suas terras o ponto mais alto de Portugal, é a ilha mais nova, com cerca de 750 mil anos.

Este conjunto de ilhas em meio ao Atlântico encontra-se na junção de três placas litosféricas. Placa Euroasiática, Africana e Norte-Americana. Situação que, segundo Pacheco (et al 2013. pp. 3-9), resulta na existência de importantes sistemas de fraturas, de forma que o local passou, e passa, por variadas situações em seu solo, como terremotos, erosão costeira e até mesmo erupções, como foram registradas no Faial, em São Jorge, em São Miguel e no Pico nos últimos cinco séculos. Assim apresentado, compreende-se que o solo açoriano possui características únicas. As atividades vulcânicas e sismos fazem parte da sua formação histórica. Os sismos presentes na vida açoriana são os fatores mais perigosos, pois, na história do arquipélago, chegaram a gerar catástrofes, como em 1757, em São Jorge, vitimando 20% da população, em 1522 arruinando Vila Franca do Campo (Ferreira 2005, p. 103) ou mesmo o sismo de 1980 que foi sentido em todas ilhas do grupo central e oriental, e que atingiu com muitos prejuízos a Ilha Terceira, São Jorge e Graciosa, acarretando em desalojamentos, feridos e mortos.

A geologia açoriana não é apenas um detalhe básico de sua história, elemento da paisagem ou algo que se descarte ao estudar a sua história. O solo está na origem, na paisagem, nas angústias, nas alegrias e na formação da identidade açoriana.

Desde cedo que os açorianos aprenderam a viver de perto com os vulcões, com os seus perigos e consequências por vezes destruidoras, mas, beneficiando também das suas virtudes, nomeadamente, dos solos férteis, dos diversos recursos geológicos e da beleza única da sua paisagem (SILVA, Carmen, 2010, p.19)

Notícia do Jornal Público a respeito dos sismos em São Jorge

FIG.11



The image shows a screenshot of a news article from the Portuguese newspaper 'Jornal Público'. The article is titled 'Sismos nos Açores: “Estamos a reforçar os voos para quem queira” sair da ilha de São Jorge'. The author is identified as 'Lusa' and the publication date is '24 de Março de 2022, 14:00'. The article text states: 'Presidente do governo regional garante que “está tudo preparado”. “Alerta de evacuação será transmitido através da rádio local, das redes sociais das entidades competentes e também através dos sinos das igrejas.”'. There is a 'Receber alertas' button. The top navigation bar includes categories like 'MÚSICA', 'PERGUNTAS E RESPOSTAS', 'NOVO GOVERNO', 'GUERRA NA UCRÂNIA', 'RÚSSIA', 'AMBIENTE', and 'ÚLTIMAS'. The article is categorized under 'AÇORES'.

Agora que já se sabe mais a respeito da formação do solo do arquipélago, deve-se compreender o início da formação desse povo.

De acordo com Viriato Santos, conforme citado por Maria Helena da Cruz Coelho (1996, pp. 100-101), foi entre os anos de 1427 e 1432 que o navegador Diogo de Silves chegou na Ilha de Santa Maria, descobrindo depois São Miguel e as ilhas do grupo central. Apenas em 1452, outro navegador, agora Diogo de Teive, chegou às ilhas do grupo ocidental, Flores e Corvo. Mas vale lembrar que há quem defenda que a presença humana nos Açores antecede a chegada dos portugueses, como pode ser visto no documentário “A Marca Invisível” da RTP Açores, com realização de Manuel Cunha. (2022)

Até 1439, os portugueses fizeram reconhecimento das ilhas co-

nhecidas, compreenderam as melhores rotas marítimas e inseriram o gado. Os animais foram inseridos anteriormente à população humana para que, quando ela começasse, já houvesse melhores meios de subsistência. Posteriormente a esse período, iniciou-se o povoamento das sete ilhas conhecidas até então, como diz Manuel Arruda (1977, p. 121), em José Damião Rodrigues (1995. pp. 33-34).

As primeiras terras foram doadas pela coroa, em um sistema onde um donatário com privilégio do reino se responsabilizava pela colonização. (Rodrigues, 1995., p.34-35)

Assim, este território começou a ser povoado. Os primeiros povoadores dos Açores vieram de diferentes partes de Portugal, como Algarve, Alto Alentejo, Madeira, além de pessoas provenientes de outros povos, como flamengos, mouros, judeus, espanhóis, franceses e alemães. (Fernandes em Silva & Silva, 2010, p. 31-32)

Desta forma, conclui-se que o arquipélago é um lugar singular no mundo. Em meio ao Atlântico, entre a Europa e o continente americano. Seu solo, que surgiu de fortes erupções vulcânicas, esteve (e está) sujeito a tremores constantemente. Neste solo vulcânico, seu povo de origem migrante, de diferentes partes de Portugal e do mundo, aprendeu a lidar e a trabalhar com a terra no desenvolvimento da sua cultura, como será mostrado nos capítulos que se seguem.



FIG.12  
Mapa "Insulae Azores". Possível mapa mais antigo a registrar os Açores

# Relação Açores e Brasil

As correlações entre Brasil e Açores vão muito além das coincidências esperadas pelo fato de os dois lugares terem recebido a capital de Portugal em suas terras<sup>14</sup> e da coincidência do nome do Monte Brasil na Ilha Terceira. A relação mais direta entre eles é centenária. Por sua posição em meio ao oceano atlântico, Açores foi, desde tempos remotos, uma rota comercial entre as duas terras.

[...] os séculos XVII-XVIII, quando ao ciclo da pimenta e da Índia se sucede o do açúcar e ouro do Brasil, as ilhas açorianas (que Magalhães Godinho qualifica de ponto de encontro de todos os regressos) interpõem-se de forma cada vez mais frequente nas rotas entre as terras de Vera Cruz e Portugal.<sup>15</sup>



FIG.13  
Angra do Heroísmo e Monte Brasil vistos do Alto da Memória

---

14 Rio de Janeiro (Brasil) e ANgra do Heroísmo (Ilha Terceira- Açores) foram duas capitais de Portugal fora do continente europeu.

15 Riley (2003. p.144)

O arquipélago dos Açores, desde o século XV, foi de grande importância na relação de Portugal com outros continentes por se localizar mais para dentro do Oceano Atlântico. E essa importância não se resumia apenas aos portugueses, mas também a pessoas de outras nacionalidades, como o alemão Hans Staden. O mapa a seguir, com trajetórias de viagem do mercenário, mostra uma ligação marítima entre Brasil e Açores. Nesta viagem, a embarcação na qual ele estava, tem a Ilha Terceira como ponto de parada durante uma ida emergencial do Brasil para Portugal após terem sido “atacados” por franceses.



FIG.14  
Percurso das duas viagens feitas por Hans Staden ao Brasil no  
Século XVI, por Pieter van der Aa, 1706

## Emigração

Este povo, que tem a migração como algo presente na sua história, possui um movimento migratório para o Brasil que não foi direcionado somente para Santa Catarina e que precede o movimento para o Sul do Brasil. Segundo Rocha et al (2005 p.118), data de 1550 citações de interesse da coroa portuguesa no povoamento açoriano da cidade da Bahia, no Brasil, como mostra trecho de Carta de D. João III a Pedro Anes do Canto.

[...]a terra [Bahia] se enobrecerá muito, e porque pode ser que haja n'essas ilhas algumas pessoas que mandando-lhe eu dar embarcações. em que possam ir e mantimentos para a viagem, quereiriam ir la viver, e eu pelo gosto de se assim as ditas partes irem povoando e enobrecendo, folgarei de o fazer, e vos encomendo que façaes notificar, n'essa cidade D'angra, e em todas as villas e povoações d'essas ilhas, como eu mando dar embarcações e mantimentos a todas as pessoas que quizerem ir viver ás ditas partes do Brazil, e alem d'isso lhe serão dadas[...] **terras que plantem e aproveitem** sem d'ellas pagarem mais que o dizimo a Deus!<sup>16</sup>

Porém, as primeiras terras brasileiras que provavelmente tiveram efetivamente migração açoriana foram Maranhão e Pará. Rocha et al (2005, p.115) afirma que, no século XVII, os movimentos migratórios começaram a ser mais comuns em deslocamentos que se concentravam mais para estas regiões. Em 1751, já havia pessoas alistadas com o objetivo de se deslocarem para estes locais.

---

16 Em Carta de elrei de 11 de Setembro de 1550 – Fundação da cidade da Bahia e colonos das ilhas”, em Arquivo dos Açores, vol. XII, p. 414)

Eu o Príncipe vos envio muito saudar. Viram-se vossas cartas e relação que enviastes nestes annos do lastimoso successo d'essa ilha com o incendio que n'ella houve[...]e de como tinheis a lista dos cem casaes, para se poderem passar ao estado do Maranhão; e tendo consideração ao desamparo desses vassallos fui servido de resolver, que estes casaes se passassem para a capitania do Pará[...]<sup>17</sup>

Riley(2003, p. 153) afirma que a causa mais determinante para a migração açoriana foi a fome. Mesmo com grande conhecimento agrícola e tendo na terra a maioria de suas riquezas, por alguns momentos, a fome assolou o arquipélago. Riley (2003, p. 153), ao citar Manuel António de Vasconcelos, mostra que isso acontecia devido à existência de morgadios, subdesenvolvimento da agricultura e concentração de propriedades. Ou seja, ao que tudo indica, a coroa, por vezes, não influenciava em uma melhoria nas práticas agrícolas. E existia uma má distribuição de terras e do direito ao povo do que nelas era produzido. Porém, não se pode falar “apenas” da miséria e da fome quando se trata das causas dos movimentos portugueses coloniais para o Brasil. Afinal, a fome era um problema dos pobres que, em princípio, convergiu com os desejos da coroa de aumentar o domínio português sobre as terras brasileiras. E, para isso, a imigração para essas terras era necessária.

Esta fome, grande influenciadora do interesse do povo pela emigração, está diretamente ligada ao solo. A falta de distribuição de terras e a falta de autonomia do povo em relação às terras aparenta ter sido um fator de forte influência no anseio por novas terras. Além dos fatores como o medo de eventuais sismos, deve se atentar que aquilo que a coroa prometia no processo de migração para o Brasil era justamente terras ao povo. Logo, novamente se reforça a importância do solo no desenvolvimento da memória e da história de uma cultura.

---

17 Arquivo dos Açores, N° 27, Vol. 1, p. 265 A Jorge Goulart Pimentel, agradecendo os serviços prestados por ocasião do vulcão e instruções

“[...] A coroa disponibilizava os meios de transporte e prometia terras como forma de aliciamento dos futuros colonos.”

(ROCHA & RODRIGUES. 2008, p. 250)

Além da movimentação de pessoas entre os territórios, existiu um mútuo transporte de mercadorias entre Brasil e Açores. Por exemplo, o açúcar produzido no Brasil passava pelos Açores<sup>18</sup>, assim como o ananás, hoje produzido nas terras do arquipélago, que, em princípio, também foi levado do Brasil para São Miguel entre o século XVII e XVIII.<sup>19</sup>

Assim, conclui-se, a partir deste capítulo, que a ligação entre Açores e Brasil é algo que vai além da migração açoriana para o litoral sul brasileiro. Ela foi, e é, uma relação sólida, que envolve múltiplos fatores, como o trânsito de marinheiros de diferentes nações, parcerias agrícolas, migrações e o povoamento de Norte e Sul do Brasil.

---

18        Salvadora Apud Machado,T; Machado, M; Hamakaea (2011, p. 13)

19        Ambrosina; Oliveira (2017, p.32)



# A emigração para o sul do Brasil. Quando e por quais motivos

Foi visto no capítulo anterior a relação dos Açores e do Brasil de uma maneira “macro”, isto é, sua relação com diferentes estados e sua parceria agrícola. Cabe, neste momento, compreender a base do movimento migratório açoriano especificamente para o sul do Brasil, com maior foco em Florianópolis.

A Ilha de Santa Catarina foi o ponto de chegada dos Açorianos no Sul do Brasil. A grande migração aconteceu entre 1748 e 1756, chegando aproximadamente a 6 mil açorianos, em sua maior parte, do grupo central das ilhas. Estes colonos que chegavam eram trabalhadores de diversas áreas e mulheres jovens, com o objetivo de conseguir um crescimento populacional. É comum, em textos e até mesmo em conversas, ver os imigrantes serem chamados de “casais”. Porém, neste caso, o “casal” não era um par de pessoas com relações íntimas. Os casais eram os “ajuntamentos familiares”. Após a chegada deles em Florianópolis, foram então constituídos assentamentos, e instalados fortes como parte do sistema de defesa português da região.

Mas, quais as razões para especificamente esta migração açoriana? A princípio, ela segue a mesma lógica daquilo que foi dito sobre os outros movimentos migratórios: miséria somada aos interesses da Coroa. Como dito anteriormente, tratou-se de uma mistura da fome<sup>20</sup> das catástrofes sísmicas e vulcânicas junto com a vontade da Coroa Por-

---

20 Riley neste momento cita mais migrações do século XIX, mas o fato da fome, miséria e falta de terras também é presente no século XVIII

tuguesa em dominar, explorar e defender as regiões do território brasileiro. Neste caso específico, a vontade de garantir o domínio do sul e de se proteger da Espanha.

Como foi dito, por mais que se fale em miséria como causa da migração açoriana neste período, Avelino de Freitas Meneses<sup>21</sup>, citado por Ferreira (2006, p. 92), diz que:

“miséria, falta de terra e abalos sísmicos sempre existiram no Arquipélago e que a década de 1740 não foi das piores para os ilhéus, foi até um período de relativa expansão econômica.”

Isso se soma ao fato que dificilmente a Coroa se preocuparia em atender desta maneira os pedidos dos ilhéus, afirmando que o povoamento açoriano no Sul do Brasil foi por interesses da Coroa de “tomar posse definitiva do Sul da América.”

Ou seja, a colonização açoriana em Florianópolis, não foi a única e nem a primeira chegada dos Açorianos no Brasil. Antes da chegada dos primeiros açorianos ao que hoje se conhece como Florianópolis, eles foram para o norte do Brasil. Após a chegada na Ilha de Santa Catarina, eles foram realocados para regiões diversas. Apesar de se saber das crises que aconteciam com o povo açoriano neste período, é necessário lembrar que era interesse de Portugal povoar regiões estratégicas das terras Brasileiras. Dada a situação daquele momento, os açorianos pareciam um bom povo para efetuar este processo.

Vale salientar que, obviamente, não se busca dizer que os Açorianos são vilões neste povoamento ou algo do tipo. Apenas busca-se apresentar a complexa questão que envolve as causas de sua migração. Assim, deve ser sempre lembrados os interesses da coroa na época para se compreender as razões que levaram um povo a decidir deixar suas memórias para trás e buscar um novo começo em outras terras.

---

21 Segundo Sérgio Ferreira, Avelino Meneses é o pesquisador que mais se dedicou a história do arquipélago no século XVIII (período da emigração em questão)

# A “falta de aptidão agrícola” e o congresso

Até finais da década de 1940, segundo Sérgio Ferreira (Apêndice 1), o Estado de Santa Catarina exaltava suas ascendências italianas e alemãs, mas possuía pouco orgulho do grupo do litoral (onde se encontravam os açorianos). Porém, após a segunda guerra, dadas as crises na imagem da Alemanha e da Itália, iniciou-se uma “busca por novas origens” para o estado, o que levou a essa aproximação das origens açorianas. Em 1948, durante a “busca açoriana”, aconteceu o primeiro congresso dos 200 anos da presença açoriana em Santa Catarina<sup>22</sup>. Congresso que, infelizmente, contava com apenas um português, e sem a presença de açorianos.

Pouco depois desse primeiro movimento, em 1950, em consequência do congresso, surge a primeira obra a falar de forma mais profunda sobre os açorianos em Santa Catarina, escrita por Oswaldo Rodrigues de Cabral.

Neste capítulo, pretende-se apresentar a força da terra e de seus cultivos na vida açoriana. Esse pensamento surge em movimento contrário a um outro pensamento, que do ponto de vista deste projeto, pode ter interferido de forma errada no imaginário açoriano das pessoas de Florianópolis até hoje. Como diz Ferreira (2006, p. 89) Cabral que, em

---

22 Tal congresso abordou muitos pontos a respeito da açorianidade na região, mas pode ter se limitado academicamente e não ter buscado espalhar o conhecimento a comunidade. O papel histórico de levar o aprendizado a comunidade acontece de forma mais assertiva por Franklin Cascaes.(Apêndice I)

sua obra, inicia um discurso em que separa os açorianos povoadores entre “vitoriosos” e “fracassados” e chega a relacionar essa distinção ao que ele chama de “fracasso agrícola”.

Cabral tinha o objetivo de “resgatar” a açorianidade no povo de Florianópolis. Então, usar o termo “açoriano fracassado” é minimamente estranho e questionável ao tentar relacionar o povo a essas suas origens. O pensamento do autor, segundo Sérgio Ferreira (2006, p. 43-46), é que os colonos que se fixaram no cultivo na terra “falharam” e os “bem-sucedidos” seriam aqueles que largaram a terra, foram para a cidade e buscaram outras maneiras de viver. O problema é que esses que vão para a cidade são os que mais se desprenderam das tradições açorianas. A agricultura para Cabral não era a inclinação natural do açoriano.

Ferreira (2006, p. 43) diz que Cabral até se baseia em outros autores para falar de uma suposta “não aptidão” dos portugueses para a agricultura, ao citar que “foi a pesca a atividade rendosa que facilitou ao homem o pão que a terra negava”, e dizia que esse insucesso era algo imaginável, já que a produção agrícola sempre se mostrou abaixo das necessidades. Porém Cabral “esquece” que tal referência por ele usada (O sociólogo português António Sérgio) está a tratar de Portugal continental, e não dos Açores, o qual já foi considerado o “celeiro agrícola do país” e que, por muitas vezes, abasteceu a capital e suas colônias. Ou seja, houve, neste início da busca pela origem açoriana, uma desassociação das origens açorianas às tradições da terra, mesmo que historicamente as práticas vindas do seu solo tivessem sido extremamente relevantes e diversificadas. O clima no arquipélago foi um dos fatores que viabilizou as variadas ações agrárias, como o chá, a banana e a espadana, típicos de regiões tropicais, assim como produtos das culturas mediterrâneas, como o milho, o vinho e a laranja. Ou mesmo tradições agrárias mais ligadas à Europa Atlântica, como as pastagens ou o trigo, que é dito como o cereal mais importante do arquipélago. (Carmo, 1986 p.37) Estas pastagens influenciaram o avanço da pecuária como fonte fundamental de receita econômica. (Silva. 2010. p.43)

Além de forçar, inúmeras vezes, a ideia de que o açoriano não era um povo da agricultura, Cabral também contribuiu para a imagem daquilo que Ferreira chama de “povo marujo”. Uma ideia que considero estar viva na atualidade em Florianópolis. Como Ferreira diz, “os

açorianos são conhecidos até hoje como ‘ilhéus de costas para o mar’ [...]”, por viverem muito da agricultura e da pecuária, com poucos se aventurando pelo mar. A antiga ideia de Cabral, somada à força da pesca no litoral sul do Brasil (um território que deve se lembrar que tem um mar e costa litorânea totalmente diferente dos Açores) pode ser um dos motivos de até hoje, em Florianópolis, ligarem tanto a história, as tradições e os costumes do Açores ao mar, aos peixes, aos frutos do mar, etc. Florianópolis, por exemplo, com suas longas faixas de areia e sua situação geográfica totalmente diferente dos Açores, possui sim uma forte ligação com o mar. Os Açorianos, que lá se desenvolveram e geraram famílias ali nascidas, com o tempo, criaram fortes vínculos com o mar catarinense, a ponto de criar tradições vindas daí. Porém, deve se atentar que essas são mais tradições criadas em solo brasileiro do que em solo açoriano. Tanto que até mesmo a pesca da baleia, que ocorreu no litoral de Santa Catarina, ocorreu antes da aventura da pesca da baleia dos Açores. As atividades de pesca, segundo Carmo, sempre foram baixas no arquipélago (1986 p.55)

Os habitantes dos Açores são caracterizados até hoje como “ilhéus de costas para o mar”, vivem praticamente da agricultura e da pecuária, debruçados sobre suas lagoas. Em tempos idos, de modo geral, só se aventuram ao mar para a caça da baleia nos canais entre as ilhas centrais, sobretudo a partir do final do século XVIII, portanto, após a migração para Santa Catarina. (FERREIRA,2006, p.44)



FIG.15

Costa litorânea Açores - Fajãs do Pico



FIG.16

Escarpas no litoral dos Açores

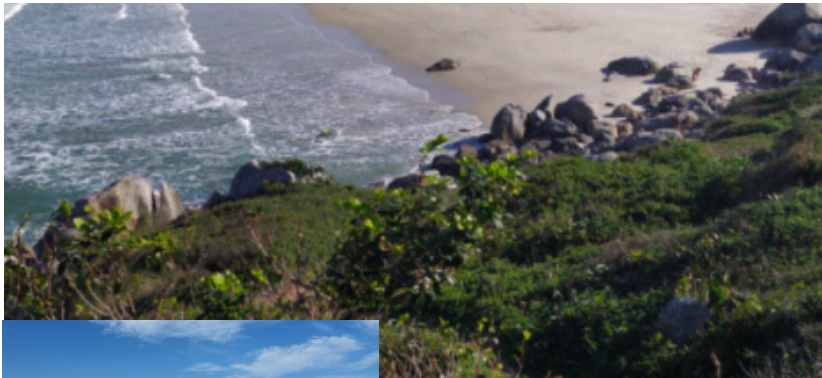


FIG.17

Litoral em Florianópolis



FIG.18

Preparativos para pesca. Litoral de Florianópolis

Sérgio Ferreira (2006, p.44), ao citar Luís da Silva Ribeiro, em sua Etnografia açoriana, mostra que a maior parcela dos indivíduos açorianos era de agricultores. Apenas depois do século XIX, passam-se a se distinguir as profissões de agricultor e de pescador<sup>23</sup>. O solo, por mais que por vezes esquecido ou desconhecido no imaginário açoriano dos moradores de Florianópolis, foi fator predominante para a fixação da gente naquelas terras. Como diz Magalhães (2010), o relevo é o principal elemento das paisagens. E é ele que define a instalação das atividades humanas. É a depender do solo que o povo consegue definir suas ações e sua fixação e, em conjunto com sua fixação, é desenvolvida a cultura e a identidade de um povo. Ainda mais se se pensar que “na sua bagagem, o emigrante açoriano transporta uma mentalidade forjada durante séculos”<sup>24</sup> e o solo foi fator crucial nestes séculos de formação.

Nos Açores, desde o início da povoação, as pessoas começaram a preparar o solo para plantação, graças às grandes possibilidades do solo da região, onde só não plantaram em locais em que a terra era “áspera” ou mesmo infértil.<sup>25</sup> Prova disso, é a Ilha Terceira, que teve, em sua geografia e particularidades geomorfológicas, como boa fertilidade do solo para plantação de cereais e terras com qualidade para criação de gado, as razões decisórias para fixação do povo. Fernandes (1985) citado em Silva (2010)

---

23 Vale salientar que **não** se almeja anular a relevância da pesca na vida açoriana. Ela é elemento importante na vida açoriana. Porém, o desejo aqui é apenas de também exaltar o solo por vezes esquecido no imaginário das diásporas, que quase sempre associam os Açores apenas a pesca e similares.

24 Pimentel (2014. p. 68)

25 Silva (2006) em Silva (2010. p.42)



FIG.19  
Gado na Ilha Terceira



FIG.20  
Visita ao museu Baleeiro- Ilha Terceira



FIG.21 Em viagem aos Açores. Ilha Terceira e suas terras

FIG.22  
Ilha do Pico . Região costeira e vinhas



De um grupo de 68 casais que zarparam de Angra do Heroísmo, em 1752, para a Ilha de Santa Catarina, havia entre os homens, 55 lavradores, 4 pedreiros, 2 estudantes, 2 pescadores, 1 carpinteiro, 1 barbeiro e 1 alfaiate. Entre as mulheres, 46 fiadeiras, 6 tecedeiras, 2 costureiras e 1 lavadeira.<sup>45</sup><sup>26</sup>

Esta forma de se ver os fatos, como foi feita por Cabral e a “plêiade de homens ilustres” dos primeiros congressos, aqueles que vinham apresentar a cultura açoriana, pode ter contribuído para gerar confusões a respeito das tradições dessa cultura. Ainda mais se pensarmos que, como Hobsbawm diz, as tradições são inventadas com um determinado propósito<sup>27</sup>. A questão é que podem estar a ser replicados os propósitos de um grupo durante muito tempo e com pouco questionamento.

Algo que reforça a imagem que as pessoas de Florianópolis e região possuem dos Açorianos, a ideia de eles estarem mais ligados ao mar, é apresentada através das respostas a um questionário elaborado para este projeto (Apêndice 2). Nele, aparentemente, as pessoas mostram acreditar que grande parte da renda açoriana vem do mar, mais até do que de suas produções ligadas ao solo, além de poucos saberem a quantidade de ilhas que fazem parte do grupo e da sua relação com o vulcanismo.

Quando se pensa em um açoriano muito mais pescador do que agricultor, esquece-se da geografia açoriana em meio ao Oceano Atlântico e as dificuldades de pesca local, em um território muito diferente de Florianópolis e sua ilha próxima do continente. Ao se pensar nisso, também parece se esquecer (ou nem buscar saber) da complexidade da história agrícola açoriana e de sua ligação com o solo.

Segundo Ribeiro (1982. p.128) em Ferreira (2006. p. 44)

“o mar não exerceu ação decisiva na vida da população açoriana, regulada pelos trabalhos agrícolas que constituem a ocupação habitual da maioria da população e a mais abundante fonte de riqueza”

---

26 Flores( 2000, p.45) em Ferreira (2006, p. 45)

27 Ver em HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Editora Paz e Terra, 2020. Título original: The invention of tradition.

É nesta situação em específico que este projeto se atém. O imaginário açoriano em uma de suas diásporas está em grande parte baseado apenas na cultura formada ali, sem levar em consideração a complexidade que a fez ali chegar. Este tipo de ação pode possibilitar o surgimento de “tradições inventadas”, que não necessariamente são más. Porém, deve se ater a elas para não se propagar falsos conhecimentos ou se informar sem questionar as essas informações. Isso pode permitir que alguns elementos culturais sejam tidos como tradicionais de uma região, como por exemplo quando associam o “boi de mamão” de Florianópolis aos Açores, sem que o sejam, já que essa não é uma tradição do arquipélago

Nesse afã de descobrir as “origens açorianas”, muita coisa que tinha origem açoriana assim foi nomeada, mas infinitas outras passaram a ser açorianas sem nunca terem sido.<sup>28</sup>



# Identidade açoriana

A identidade açoriana em Florianópolis, ao que tudo indica, parece ter surgido por um movimento de “busca” a ela. Em conversa com Sérgio Ferreira (Apêndice I) foi dito que, após os açorianos se estabelecerem na cidade, e depois de gerações inteiras terem nascido naquelas terras, houve um processo de “esquecimento” da origem açoriana. Ele relata que, por vezes, você perguntasse a alguém, de onde tinham vindo seus ancestrais, muitas vezes a resposta era de que eles estiveram sempre ali, sem referenciar aos açorianos, mesmo que fossem descendentes de tais. Isso acontece a ponto de Ferreira (2006) dizer que o século XX foi o “século dos sem origem”. E afirma que o movimento de “resgate da açorianidade”, que ocorreu em meio à esse século, é certamente uma “invenção de tradições”.

Então, na metade do século XX começaram a surgir movimentos de busca por essa origem açoriana. Cabe salientar que um movimento de “busca” é algo que tem uma data na história, faz parte de um período e é feito por pessoas. Mesmo sem ser esse o grande objetivo deste projeto, é importante levantar a ideia de que se deve ter consciência de quando, por que e em que circunstâncias a busca por essa “paternidade” ou “maternidade” cultural acontece. Pois, por vezes, são esses alguns elementos que vão explicar como elas existem e funcionam nos dias de hoje.

Em resumo, a identificação do povo do litoral catarinense ganha força na medida em que esse povo tem de se afirmar. Afinal, a não ser que um grupo esteja a ser “intimidado” ou questionado, ele dificilmente tem de apresentar suas origens e se reafirmar perante os

outros. Acontece que as casas tradicionais açorianas começaram a ser “engolidas” pelo crescimento imobiliário de Florianópolis, praticamente ao mesmo tempo em que, por exemplo, o folguedo do “Boi na Vara”/”Farra do Boi” estava sofrendo a ameaça de passar a ser considerado um crime. Em um processo de afirmação cultural, o povo procura suas raízes na busca por provar que aquilo faz parte de sua tradição, e, assim, associa-se às práticas que acontecem nos Açores. Principalmente na Ilha Terceira, como o “Boi na Corda”. Assim, o povo se afirma açoriano e passa a defender que, aquilo que fazem, faz parte da sua cultura há muito tempo.

FIG.23  
Touro bravo  
Ilha Terceira





FIG.24  
Arquitetura açoriana em Florianópolis

## Açorianidade

Trata-se de um termo criado por Vitorino Nemésio, apresentado em 1932, em que ele resumidamente apresenta a existência do povo dos Açores de forma condicionante ao seu ambiente único. Ou seja, o ambiente único auxilia na formação de uma sociedade também única. “Para Nemésio a existência do açoriano está intrinsecamente resignada às condições geográficas e sociais insulares”. Nakaguma (2009. p.870). Porém, esse termo hoje em dia é usado tanto nos Açores, como até mesmo em Florianópolis

Uma das características mais relacionadas à identidade açoriana é a religiosidade. Tanto em Portugal, como no Brasil. Algo que, na sua origem, pode estar ligado às catástrofes da terra, aos pedidos de boas safras e ao agradecimento das boas colheitas. Arruda Furtado relaciona a devoção religiosa em São Miguel aos acidentes da vida, às catástrofes e ao culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Até hoje, em São Miguel, existem romeiros, penitentes e peregrinos que caminham na ilha, em um movimento que, em princípio, iniciou-se após o terremoto de 1522.(Arruda Furtado visto em Carmo. 1986 p.58) Porém, Carmo (1986 p.59) diz que, mesmo que autores sigam a ligar a origem da religiosidade açoriana aos sismos e ao vulcanismo, relacioná-la totalmente a esses fatores não é fazer uma análise completa os fatos. Diz que certa situação pode despertar a religiosidade, mas não a cria. Como dito anteriormente, essa religiosidade pode estar ligada a outros problemas do cotidiano, ou mesmo por antigas devoções. Porém, de acordo com que o autor, em um outro texto seu, em sociedades rurais tradicionais, a religiosidade parece estar fortemente ligada aos fenômenos naturais.

A religiosidade, como dito anteriormente, é um fator que não ficou preso aos Açores. Ela foi levada pelos açorianos ao povoar o sul do Brasil. Afinal, estes costumes, hábitos e tradições são levados em movimentos migratórios, mesmo que ocorra algumas adaptações. (Alpalhão, 1983. pp. 226-234. apud Carmo 1986 p. 60)

É provável que a festa do divino seja o maior elo entre os Açores e suas diásporas. Pelo menos em Florianópolis, a festa do Divino

Espírito Santo possui uma grande semelhança com as festas que ocorrem no arquipélago português. E está aí um dos fortes elementos da açorianidade. Isso se comprova quando Pimentel diz (2014) que, em festas como, por exemplo, do Divino Espírito Santo, encontra-se a celebração da açorianidade. A religião, junto com a família e com outras tradições, em certo modo, ditaram as ações do povo açoriano, que tem na geografia e também na história, segundo Pimentel (2014), parte da formação de um povo obstinado e ligado às tradições.



FIG.25

Festa do Divino Espírito Santo nos Açores



FIG.26

Festa do Divino Espírito Santo em Florianópolis

O mar é um elemento que também ajuda a formar o caráter do Açoriano em Portugal, e que, sim pode ser um elemento em que a diáspora busca por um certo grau de familiaridade. Afinal, nos mares calmos e sem grandes escarpas do sul do Brasil, açorianos e seus descendentes conseguiram muitos frutos para a vida. Mesmo que, segundo alguns autores, como Carmo (1986, p. 55), o mar, elemento de saudosismo, “nunca mobilizou grandemente os braços” dos açorianos em Portugal.



FIG.27  
Mar nos Açores

O que se quer dizer é que, para se compreender a açorianidade, a identidade açoriana de Florianópolis, deve-se tentar compreender que ela possui uma origem, e que esta origem está nos Açores, em Portugal, e é dependente de diversos fatores, que parecem por vezes serem ignorados. Não se pode fazer simples relações de comparação como: “Os Açores são um conjunto de ilhas, Florianópolis também é uma ilha. Logo assim, a relação dos açorianos com o mar é a mesma da relação do mar nesta diáspora.” Ou tantas outras relações que podem acontecer pelo simples fato de que, “se algo é tradicional de Florianópolis, então deve possuir sua origem nos Açores”. Desta forma, cabe buscar compreender que a dita identidade açoriana de Florianópolis, por vezes, é pouco relacionada com a imagem e as origens dos Açores.

Um elemento da memória açoriana em Florianópolis é a arquitetura. No sul, centro ou norte da ilha, é possível sempre se encontrar alguma casa ou prédio com traços açorianos. Infelizmente, é raro que eles sejam bem preservados, muito embora alguns poucos ainda estejam em excelente estado de conservação. E, basta uma simples viagem para os Açores, para se perceber rapidamente essa conexão arquitetônica. O sentimento de que se está em um “bairro tradicional” de Florianópolis é constante. E essa sensação é quase como a de sentir um abraço, é uma sensação de pertencimento. Suas casas brancas ou coloridas sempre lembram Florianópolis. Essas casas açorianas, por vezes em suas cores, tinham relação com a terra local.



FIG.28  
Açores



FIG.29  
Florianópolis

A ligação do povo de Florianópolis com características açoria-

nas e tradições açorianas é indiscutível. Não se busca, de modo algum, dizer o contrário disto neste projeto. Apenas, que, por respeito às origens, deve-se ter cuidado ao reproduzir alguns pensamentos. A ligação entre os Açores e a diáspora é tão forte, que este projeto está a ser feito para que o autor busque ainda mais conhecimento justamente a respeito dela. E, com esse aprendizado, busca-se apresentar novos olhares sobre essa ligação e sobre seus efeitos culturais por meio dessa pesquisa, assim como através da criação do projeto de Design de Produto. A forma de falar, as casas, as tradições religiosas, as histórias e costumes que navegaram com povoadores açorianos foram, em grande parte, mantidos e espalhados por onde eles passaram e estão presentes no dia-a-dia da diáspora. Estudos aprofundados a respeito do assunto e movimentos tradicionais açorianos podem ser frequentemente vistos no NEA (Núcleo de Estudos Açorianos), e na Casa dos Açores de Santa Catarina. Estes, são grupos que buscam apresentar tanto a história do arquipélago, como a vida dos açorianos e de seus descendentes em Santa Catarina.

# Como estudar os Açores - Um foco no solo

Os capítulos anteriores serviram para mostrar as motivações do projeto, trazer os conhecimentos básicos a respeito dos Açores e do movimento migratório, com o intuito de conduzir a pesquisa e também o leitor por um processo gradual de aprendizado. Nestes capítulos passados, as palavras “solo”, “terra”, “história”, “memória”, “cultura” estiveram presentes diversas vezes.

Como se estuda uma cultura? Como compreender a origem de um povo? Existem certamente muitas formas de o fazer. Pois aqui, decidiu-se estudar os Açores pelo solo. Isso acontece por três causas principais. A primeira é um perceptível excesso de ligação ao mar quando se falava em Açores na cidade onde o autor cresceu, de forma a quase nunca se ouvir falar da importância do solo e de suas singularidades na cultura açoriana, ao ponto de, por vezes, dizer-se que os açorianos eram maus agricultores, anulando toda a relação açoriana com a terra. Esquece-se que o povo que migra carrega consigo aquilo que o moldou. Logo, anular o solo na interpretação sobre os Açores, é anular algo imenso sobre a sua história.

Segundo, pois, ao estudar a história dos Açores, desde sua formação, passando pelas migrações e até os dias de hoje, o solo açoriano se mostra imprescindível para o seu desenvolvimento. A origem vulcânica do arquipélago, as erupções e tremores; as consequências físicas, geográficas, sociais e culturais que este solo vulcânico acarreta; as grandes produções agrícolas se contrapondo- miséria e à fome, a má distribuição de terras e a busca por novas terras prometidas aos imigrantes. O solo, enfim, conta a história e guarda as memórias.



Os solos vulcânicos são recursos naturais de reconhecida fertilidade, característica atribuída às suas particulares propriedades físico-químicas, como o elevado conteúdo orgânico e a presença de metais. O elevado potencial agrícola destes solos conduziu a explorações históricas que se mantêm até aos dias de hoje: os solos são património natural, herdado e transmitido entre gerações.

(PARELHO, 2014 p.26)

FIG.30  
Solo e paisagem - Açores



O terceiro ponto é uma junção dos pontos anteriores na vista pelos próprios olhos. A terceira causa da escolha do solo, foi devido a uma viagem aos Açores, em que, por mais que a presença do mar jamais fosse esquecida, foi o solo, as cores, formas e presença da gente açoriana na terra que mais chamou a atenção. Os campos, as vacas, as pessoas do campo, o basalto, os vulcões, as plantações, encantaram e pareciam ter muita história para contar.

“É sobre este solo trabalhado pelas forças da natureza, é neste clima temperado pelo oceano que se veio formando a paisagem agrária dos Açores marcada pelo esforço humano de séculos de ocupação”.

(CARMO, F., 1986, p.37.)



FIG.31  
Na Ilha Terceira

Nos capítulos anteriores, a importância do solo foi apresentada de diferentes formas. Aqui serão escolhidos alguns elementos ligados ao solo açoriano, que pudessem contar mais sobre a história do arquipélago e possuíam potencial para virarem produtos a partir do projeto, interpretação e estética pessoal do autor. Assim, decidiu-se que só seriam trabalhados em produtos elementos que de alguma forma auxiliaram no aprendizado histórico dos Açores, de forma a jamais usar esses “materiais” apenas por estarem presentes no arquipélago. Usar o basalto de nada serviria, se por ele não fosse aprendido a respeito da história e singularidades que ele deu à história. E o mesmo pensamento segue com todos os “materiais” que serão apresentados. Mais que produtos finais, este projeto procura trazer conhecimento pelo próprio aprendizado do autor aqui documentado.

“O Meio exerce influência sobre os indivíduos, os seus comportamentos, não só no aspecto material mas também psíquico. Afecta-lhes as reacções. A par de outros fatores, concorre para moldar a personalidade e ambiental-lhes as manifestações culturais.” (CARMO 1986. p. 52).



FIG.32  
Casa tradicional.  
Ilha do Pico

O relevo, que é o principal elemento das paisagens, segundo Silva (2010), define a instalação das atividades humanas. A paisagem, por sua vez, já não é apenas algo estético. A sua compreensão envolve, entre seus elementos físicos, a sua história. Além, de estarem diretamente ligadas aos povos que nela habitam, interferem e são interferidos por ela. Como se pode ver, e ainda se verá, a paisagem dos Açores é constituída não só por aquilo que surgiu naturalmente com as ilhas, mas com a percepção e interação dos povos constituintes do território em cada tempo. Por isso, este projeto defende que é necessário compreender os acontecimentos, seus agentes e o período histórico que os fatos ocorrem. Pode se ver que aqui, o autor busca compreender melhor uma cultura que influenciou o seu lugar de crescimento, e compreender essa cultura que o “afeta” contemporaneamente. Mas, para isso, considerou-se necessário compreender seus agentes formadores e o passado formador. No caso da pesquisa a respeito da cultura açoriana, viu-se o solo como grande influenciador. E a cultura açoriana possui suas formas específicas de lidar com seu solo singular e conseqüentemente com sua paisagem. A paisagem açoriana é, e foi, formada tanto pelas escarpas naturais, como pelo muros feitos pelo povo, tanto pela vegetação endêmica, como pelas florestas de criptoméria, tanto pelos vulcões ou pelas plantações de milho ou até mesmo as “burras de milho”. Como diz Telles (1994) em Silva (2010 p.3), se referindo às paisagens, “as sociedades e culturas que a modelam, transformam e lhe dão sentido humano” .



FIG.33  
Fajã de São João - São Jorge



FIG.34  
Floresta natural

Um exemplo do quanto o solo é importante na paisagem e consequentemente na cultura, é o Pico, onde, em uma ilha repleta de basalto negro e que parecia infértil, o seu povo aprendeu a trabalhar com o seu solo. Costa (2019) diz que as populações do Pico “desenvolveram processos de adaptação ao meio que se traduzem num zonamento dos usos do solo de acordo com as aptidões do território”. Nesta paisagem que “expressa a natureza vulcânica da ilha e evolução histórico cultural” e que é repleta “de constrangimentos físicos e naturais”.

Pretende-se aqui estudar os Açores, seu solo e por consequência seu patrimônio, que nele abrange aquilo que a sociedade considera valioso e os significados dados por ela aos lugares, práticas culturais e também aos objetos. Assim, compreende-se que não apenas os objetos são parte do patrimônio, mas sua paisagem e seu solo também.

A idéia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas, mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais ou valor de mercado.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN 2012)



FIG.35  
Ilha do Pico

# Basalto



FIG.36  
Entre as rochas negras

O basalto, após pesquisa bibliográfica, experiências particulares, vídeos e visita in loco, foi considerado o elemento mais característico, mais “guardião” de memórias[LO28] e mais causador de histórias nos Açores. O solo açoriano abriga um amplo grupo de formas, rochas e estruturas únicas, que surgem da origem específica dos magmas, da erupção, da dinâmica e dos agentes externos da hidrosfera, atmosfera e biosfera. (Nunes et al. 2010 apud SILVA. 2010. p. 4)

É deste solo basáltico que se considera surgir algumas das cores mais emblemáticas do arquipélago, cores que foram, por isso, usadas neste projeto: a cor do basalto negro e os tons terrosos próximos do vermelho e da ferrugem. Como será possível ver no quadro de referências estéticas.

Um exemplo dos tons avermelhados está no Barreiro da Faneça, (Deserto Vermelho) (fig. 37). Paisagem resultante da antiguidade da ilha, dada a alteração e a erosão da rocha basáltica, transformando o basalto em argila. Merecem também referência as Arribas de Porto Afonso (Graciosa), com fortes cores ocre e de ferrugem, diferente do basalto negro ao noroeste da Madalena, no Pico.



FIG.37

Deserto vermelho - Santa Maria

O basalto é o protagonista de uma das paisagens mais emblemáticas dos Açores, e que liga os indivíduos com o ambiente: As vinhas do Pico, com seus muros de pedras negras.

Elas possuem, no basalto, uma estrutura vertical de proteção dos ventos e da água salgada, mas também constituem sua base, pois, como visto por Costa (2019. p. 7), elas se localizam em “fendas das escoadas lávicas de basalto, o que confere à paisagem daí resultante um carácter único.” Este ambiente é um exemplo claro da relação social do povo açoriano com a sua paisagem, em que não há alteração morfológica do espaço, mas, sim, um moldar com o próprio solo e com a paisagem, em uma combinação entre o aproveitamento dos recursos acessíveis e a melhoria para atividade indicada, como diz Costa (2019 p.9).



FIG.38  
Paisagem das vinhas





FIG.39  
Muros e vInhas

“Ao olharmos para as rochas que formam estes muros de pedra negra, estamos também a fazer uma viagem pela história geológica do local, pois cada rocha é um fragmento das sucessivas escoadas lávicas que, uma após outra, foram construindo a ilha, erupção após erupção.”

(COSTA 2019 pp. 7-8)

A paisagem da ilha do Pico expressa a natureza vulcânica da ilha e a evolução histórico-cultural de cinco séculos de ocupação humana de um território isolado e repleto de constrangimentos físicos e naturais. As populações desenvolveram processos de adaptação ao meio que se traduzem num zonamento dos usos do solo de acordo com as aptidões do território. Esta paisagem, em 2004, foi considerada pela UNESCO como Patrimônio Mundial.



FIG.40  
Ilha do Pico

Apesar da ilha apresentar um solo muito rochoso e que não possibilitaram o cultivo de cereais e também do pastel, o clima desta região e a relação do povo com o basalto os “empilhando” em muros, possibilitaram o cultivo de uvas para vinho na Ilha mais nova. (COSTA. 2019. pp. 11-15). Dentre os destinos deste vinho, quem em produção ultrapassava o consumo local, estava o Brasil.

Além dos muros, é comum avistar construções feitas de pedra, um material resistente e abundante nas ilhas.



FIG.41  
Casa em pedra

É do solo que o povo fabrica argila. Dela, muitas culturas espalhadas pelo mundo produziram casas, telhas, pratos, copos, talhas, entre outros bens. O solo açoriano tem influência na agricultura e até mesmo na cerâmica que se desenvolve na região. Em geral, o solo açoriano possuía pouca plasticidade, devido às suas propriedades vindas da natureza basáltica. Este fator influenciou esteticamente e economicamente a produção cerâmica regional.

Santa Maria, a ilha mais antiga, e consequentemente a que tem maior erosão do basalto, era a que possuía argila com melhor plasticidade. Até por isso, ela exportava para as outras ilhas. O barro também era importado da Madeira e da Inglaterra. Logo, com um exemplo simples, é perceptível como as características de um solo podem influenciar uma região. Mas, como citado, a influência não é apenas econômica, ela é também estética. Devido ao custo demandado pela necessidade de importação, os oleiros açorianos misturavam argila comprada de fora de sua ilha com barro local, de modo a buscar por uma economia no custo de produção das peças.

Além do mais, como dito anteriormente, o basalto tem uma ligação entre as cores preto e os tons avermelhados e de ferrugem. Isso acontece devido a presença de ferro em sua composição. Algo que segue no barro açoriano, com alto teor de ferro. Este fato afeta a estética, como será apresentado mais à frente, já que uma das características mais marcantes da cerâmica de barro vermelho dos Açores era o específico tom de vermelho presente nas peças.

Porém, além de toda a importância do basalto e de toda a sua presença, desde a formação do arquipélago, sua perceptível erosão, as dificuldades que trouxe para algumas culturas e benefícios que trouxe para outras, é impossível não falar sobre o seu seu impacto visual na paisagem açoriana. O basalto faz parte determinante do ambiente melancólico e bucólico do arquipélago



FIG.42

São Jorge



FIG.43

Faial



FIG.44

São Miguel

# Criptoméria



FIG.45  
Sebe de Criptoméria

Quem conhece os Açores, sabe que é praticamente impossível pensar no arquipélago sem pensar no verde de sua vegetação e de suas florestas. Elas são os recursos mais importantes para a vida do arquipélago, de forma a cuidar da água e do solo, além de propiciar imensa variedade de plantas e de animais, como diz Silva (2010 p. 21)



FIG.46  
Floresta natural vista de cima - Açores



FIG.47  
Floresta Ilha Terceira vista de dentro

Particularmente, na viagem pessoal aos Açores, o verde de sua vegetação foi talvez o primeiro grande destaque. Ao chegar na Ilha Terceira, o verde chamou a atenção, pois tinha um tom mais forte se comparado ao que fora visto em Portugal continental. Porém, sabe-se que o verde de hoje não é o mesmo que do início da povoação do arquipélago. A ação humana, no decorrer dos séculos, modificou o solo e, consequentemente, também a paisagem. Como foi visto anteriormente no texto sobre o basalto, o açoriano possui uma boa relação com o ambiente que habita, como se vê na criação das vinhas, onde há uma interferência humana sem prejudicar o ambiente. Porém, não foram em todas as situações e épocas que essa sinergia aconteceu, como se vê no exemplo das árvores nos Açores até meados da década de 1940. Fato que comprova isso é a fala de Silva (2010 p.21) ao afirmar que “os primeiros povoadores a chegar aos Açores, depararam-se com ilhas revestidas com um denso cobertor vegetal de difícil penetração. Desde logo, procederam a grandes queimadas com o fim de obter clareiras para a agricultura e para edificações dos primeiros povoados.”

Ao se pensar no verde dos Açores, na consciência de que a vegetação mudou com o tempo e com a influência humana, e relacionar a vegetação às florestas, chega-se ao nome Criptoméria. Árvore que na atualidade se encontra facilmente no arquipélago, que faz parte da paisagem açoriana e que pode ser um símbolo de percurso histórico. Conhecê-la permitiu ao autor saber um pouco mais a respeito da paisagem açoriana e da sua história. Para este estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma conversa por vídeo com Carina Nóbrega, que é Técnica Superior, Eng<sup>a</sup> Florestal na Direção Regional dos Recursos Florestais nos Açores.

Carina (apêndice 3) diz que até mais ou menos o final da Segunda Guerra Mundial muitos dos recursos naturais nos Açores estavam a ficar esgotados. As florestas estavam diminuindo devido ao uso desregrado desses meios para a fabricação de carvão para o aquecimento e a sobrevivência da população rural, para fabricação de utensílios, para o uso da indústria naval de guerra e também na abertura de espaços para a produção de gado. Após esse período, ao se perceber a situação, iniciou-se um planejamento florestal nos Açores. Nele, deu-se começo à arborização de terrenos baldios e à distribuição gratuita de plantas para a plantação em terrenos particulares. De modo que, desde a década de

1940 até hoje, são disponibilizadas plantas para a população.

Neste cenário, então, é inserida a criptoméria em solo açoriano. Em maior parte em São Miguel, mas até mesmo na Ilha das Flores tem uma significativa quantidade de exemplares se comparado à sua dimensão. A árvore de origem japonesa (*Cryptomeria japonica*) foi a escolhida para a função devido a sua facilidade de produção, sua boa adaptação e velocidade de crescimento no arquipélago.<sup>29</sup> Elas se encontram basicamente nas regiões de 400 metros de altitude, uma vez que a agricultura (setor primário) ocupa as terras mais baixas.



FIG.48  
Floresta de criptoméria

---

29 Existe ainda uma “ajuda” do Japão para melhoramento da Criptoméria Japonica para sua plantação nos Açores.

Compreender a base da história da Criptoméria nos Açores, fez com que crescesse também o conhecimento a respeito de outra parte da vegetação açoriana, como a acácia e o incenso, que também possuem números significativos no arquipélago. Tanto o incenso, usado em ramas nas plantações de ananás, como a Acácia não podem ser plantadas, pois são espécies invasoras na região. Neste caso, é permitido o seu corte. O uso da acácia, por sua vez, é mais ligado a recursos energéticos, como a lenha, Ela é usada para a construção de casas e de móveis somente quando se encontra madeira o suficiente e em condições para isso. Mas, essa situação ocorre muito raramente, já que elas não são cultivadas para esse fim e, como dito anteriormente, o seu plantio não é permitido

A criptoméria se mostra relevante no conhecimento a respeito das atuais florestas açorianas, além de apresentar o processo de relação humana com esse elemento paisagístico, mas também essencial para a vida no arquipélago. Sua inserção nas ilhas busca uma produção sustentável da árvore.



# O Milho



FIG.49  
Autor do projeto em um milharal

O milho se mostrou importante no aprendizado que ocorreu a respeito da história dos Açores, não simplesmente por ele, mas pelo caminho que ele fez esta pesquisa percorrer. Após ver algumas Burras de Milho em uma viagem aos Açores, o autor decidiu procurar conhecer aquela estrutura e, conseqüentemente, pesquisar sobre a importância do milho na região. Seguindo essa linha, viu-se que, para estudar o milho, era necessário antes estudar o trigo açoriano e a história que ele conta. Nestes estudos, compreendeu-se ainda mais as crises alimentícias do arquipélago no século XVIII, mesmo século em que acontece a migração açoriana para o sul do Brasil. O estudo do milho e conseqüentemente do trigo fez com que se tivesse uma melhor compreensão sobre o cenário das crises e da fome anteriormente citadas.



FIG.50  
Burra de milho

O trigo por vezes é lembrado em Florianópolis. Isso acontece quando é referenciada a dificuldade do seu plantio no Brasil pelos colonos açorianos, resultando na substituição do plantio do trigo pela produção de farinha, isto é, pela mandioca apresentada pelos índios da região. Já o milho, em geral, acaba não sendo lembrado.

Exatamente no século da grande migração (XVIII), supostamente os Açores têm uma queda na produção justamente do trigo, o cereal de maior importância daquele período. Tal fato acarreta algumas dificuldades na região. Porém, o milho que estava em ascensão aparece tanto como um alimento para os animais e para o povo, quanto para permitir a exportação do trigo. Além disso, ele serviu também como um importante produto comercial, devido ao sucesso em sua produção.

Analisar os fatos históricos estudados faz surgir algumas questões. Se, para alguns, a grande causa da migração açoriana foi uma enorme crise na produção de alimentos, será que, se não houvesse a crise dos cereais, os açorianos não seriam “levados” para o Brasil? Se o milho e o trigo sustentassem o povo e também fossem exportados, será que os povoadores de Florianópolis seriam outros no lugar dos açorianos? Ou será que esta crise alimentar estava longe de ser a maior causa da migração e seriam os açorianos o grupo “levado” de qualquer forma? Afinal, a coroa portuguesa é quem decidia quem ia e quem vinha de acordo com os seus interesses. São dúvidas que dificilmente seriam respondidas, mas que só puderam ser feitas a partir desta pesquisa.

[...] Foi em meados da centúria(XVIII) que o fenómeno emigratório açoriano se intensificou, após os moradores das ilhas, em pedido dirigido ao rei, em 1746[...] As crises cerealíferas sucediam-se com alguma frequência e atingiam, com diferentes ritmos, as várias ilhas e, além disso, eram geralmente acompanhadas de fomes e doenças. A emigração surgia, assim, para as populações de mais poucos recursos como uma forma de fuga a estas situações.”

(RODRIGUES, J; ROCHA, G, 2008, p. 250)

O Trigo até então é dito como o cereal de maior importância até o século XVIII, e o cultivo dele, assim como o da cevada, era tão vasto que permitiu a sua exportação para a Ilha Madeira, para a Europa e para o Norte da África. Esta produção de trigo ajudava Lisboa, que era fraca em cereais, como também as terras que fizeram parte da expansão marítima portuguesa. (MACHADO. 1995. pp.175-176).

Porém, em meados do século XVIII a produção tão importante de trigo começou a cair em função de situações climáticas e de algumas pragas, até chegar em um momento crítico, que alertou a Coroa. As produções começaram a ser vistoriadas pelo governador geral, já que o trigo, naquele momento, “não abastecia devidamente a corte”. Neste período de declínio produtivo do cereal, sugeriu-se até mesmo a distribuição de sementes e a ocupação de terras sem uso. (REGO, 1995, p. 177)

Obviamente, se a Coroa começou a reclamar da quantidade de cereais que estava a ser abastecido e iniciou um processo de vistoria nas colheitas, o problema não mais chegava apenas aos nobres. Chegava antes na base da estrutura econômica. Ou seja, na casa de quem produzia e cuidava das plantações. O trigo fazia parte da vida do povo que o produzia, não apenas da exportação ou da Coroa, que reclamava. Como foi dito em capítulos anteriores, um dos motivos da fome e da miséria foi a falta de controle do povo sobre aquilo que ele mesmo produzia e das terras em que produzia. O cereal mais importante da época enfrentou um problema tão grande em sua produção, em parte por motivos climáticos, que se chegou ao ponto em que o povo pediu para ficar com uma porcentagem maior da sua própria produção, em suas próprias terras, uma vez que a corte levava uma parte significativa do que era plantado. Ao mesmo tempo, enquanto essa disputa ocorria, a fome apenas aumentava.

“Se voltarmos a analisar a voz do povo através dos seus vereadores, verificamos que os pedidos para deixar a terça parte do cereal na terra, aumentam o que é sintomático da falta de cereal”

(REGO, 1995, p 178)

Porém, como em outros momentos difíceis dos Açores, o povo buscou alternativas para se sustentar. Buscaram, em suas terras, por outros meios de suprir suas necessidades. Por mais que o trigo fosse importante para o povo, ele não era a única fonte de alimento.

“S. Miguel apesar das crises era ainda o país mais fértil da Europa cuja abundância abraça todos os viveres - Trigo, milho a fava, o feijão a cevada...” Não era portanto só de trigo, que vivia a população da ilha.” -

Relato do Capitão José de Medeiros da Costa em Rego, 1995, p.179.

O milho mostra, então, a sua importância na sociedade açoriana neste período de crise. O alimento, que por vezes substituiu o cereal o mais importante do arquipélago, deve ser lembrado e enaltecido. Afinal, o milho conta a história de seu povo e de sua terra.

FIG.51  
Milho e  
folhas de  
milho



Em uma tabela em texto de Margarida Vaz do Rego Machado, intitulado “O milho (tabela 1) nos finais de setecentos na ilha de S. Miguel”, analisa-se os números de produção, comparando o ano de 1789 e 1800. E, nessa análise, o milho se mostra como aquele que foi o mais produzido em diferentes localidades da Ilha, de forma a provar o grande potencial deste alimento na região.

Tabela 1

	RIBEIRA GRANDE		NORDESTE (VILA)		POVOAÇÃO		ÁGUA RETORTA		CANDELÁRIA	
	1789	1800	1789	1700	1789	1800	1789	1800	1789	1800
<b>T</b>	91 843	34 800	20 466	17 400	5 937	6 900	3 026	7 380	3 024	240
<b>M</b>	23 016	180 270	44 643	21 100	27 431	14 400	12 629	5 400	29 393	20 200
<b>F</b>	12 247	7 100	121	240	213	80	1 777	710	721	70
<b>Fava</b>	65 784	40 920	1 600	1 080	1 082	—	714	740	858	300
<b>C</b>	37 529	2 220	230	—	2	—	0	—	120	—

Retirado de Machado, 1995, p. 178

Mas para ser um meio de substituição, alívio e até mesmo salvação ele deve ter surgido antes de assumir esses papéis. Esta planta foi da América para o arquipélago em meados do século XVI, tendo em princípio um cultivo inexpressivo, que cresceu no século XVII em substituição ao pastel<sup>30</sup>, mas ainda com baixa aceitação do povo. Ele se desenvolveu mesmo no século XVIII, quando o povo o aceita, sendo até mesmo considerado “o primeiro sustento da população” e “o milho, único sustento do povo” (MACHADO, 1995, pp.179-180).

---

30 Planta tintureira

Assim, ele cresce em plantações, cresce na admiração do povo, cresce em suas mesas e possibilita parte do comércio açoriano. O ano de 1789, mostrado na tabela acima, mostra que o milho ultrapassou as produções de trigo em São Miguel. Segundo Rego (1995) 1789, não é um ano de muita fome, e o milho é fundamental para isaso. Sua produção é um fator relevante tanto para o sustento do povo e dos animais, quanto para a exportação do trigo. Afinal, com o milho sustentando o povo, o trigo poderia ser comercializado. (MACHADO,1995, p.181)

O milho fez parte da paisagem açoriana pelas plantações e pelas burras de milho, mas sua importância vai além. Como se demonstrou aqui, ele possui uma enorme relevância cultural e foi essencial para aprofundar o aprendizado do autor sobre a história açoriana.



# Barro e Cerâmica



FIG.52  
Cerâmica açoriana  
Fotografia da marca Açores

Em princípio, a cerâmica demorou um pouco a se desenvolver nos primeiros anos no arquipélago. E não é possível datar com exatidão o início desta prática. Martins (1988 p. 173), ao tratar de uma vila em São Miguel, diz que certamente, na segunda metade do século XVI, os trabalhos em cerâmica eram muito poucos, e que possivelmente as cerâmicas usadas nas casas até esse período eram, em sua maioria, importadas. Outra confirmação está no relato a seguir de Gaspar Frutuoso:

Havendo aqui no tempo antigo pouca louça, coziam a carne em cabaças, e às vezes cozinhavam um carneiro e uma cabra, ou carne de vaca, cozendo-a e assando-a na pele, fazendo uma fogueira na terra, e depois de muito quente, faziam uma cova nela, e embrulhando a carne do gado que matavam na mesma pele, a metiam na cova, tornando-a a cobrir com a cinza e rescaldo da fogueira, e tornando a fazer outra fogueira em cima, assim se cozia

(FRUTUOSO. 1998/1586-1590 livro IV p.246)

Mesmo sem haver uma data certa do início dos trabalhos em barro - e se sabendo que nos primeiros anos de habitação dessas ilhas ainda não se trabalhava em demasia com ele -, a cerâmica tem e teve grande importância nos Açores. Trata-se de um elemento de grande riqueza histórica, como diz Isabel Maria Fernandes (2001), em um trecho da enciclopédia açoriana:

A cerâmica açoriana é um bom instrumento de estudo para o conhecimento das vivências do povo destas ilhas. Em barro se cozinhava, em barro se comia, em barro se cuidava da higiene corporal, com barro se trabalhava e com barro se adorava Deus.

Enciclopédia Açoriana. Cerâmica



Figura 53

Cerâmicas de barro vermelho - Ilha Terceira

A história entre os açores e o barro não é tão simples. É possível ver autores afirmarem que seu solo possuía um barro de baixa qualidade em todas as ilhas e que, por vezes, essa matéria-prima se mostrava mais cara do que o desejado, como se poderá ver adiante. Porém, assim como o Açoriano se adaptou ao seu solo basáltico e construiu os muros de suas vinhas, assim como na crise do trigo ele encontrou no milho o seu alimento, com a cerâmica não foi diferente.<sup>31</sup> Ele eles também soube se adaptar. E conseguiu fazer história com o seu solo, como Sousa (2011)

---

31

O barro de fraca qualidade que existe em todas as ilhas, aliado a uma técnica elementar, possibilitou a feitura de utensílios de cozinha muito simples[...]” Martins (1987, p.170)

mostra em citação de Martins(1994):

Se não é fácil fazer cerâmica com argilas vulcânicas, os povoadores depressa aprenderam a superar as deficiências de matéria-prima, conhecendo-lhe o comportamento, doseando-lhe têmperas apropriadas e (ou) misturando argilas com plasticidades diferentes, trabalhando-as com técnicas adequadas. Assim se aproveitaram argilas muito pobres.

(MARTINS,1999, p. 44. citado em SOUSA, 2011. p. 382)

Como um exemplo do custo mais elevado que o desejado em função do solo, pode-se ver São Miguel, que não possuía em suas terras barro de tão boas condições para o trabalho, e que, por isso, precisava comprar barro de Santa Maria<sup>32</sup>. Apesar da dificuldade de trabalho com o barro na maioria das Ilhas, Santa Maria possuía um de maior qualidade, ao ponto até de ser exportado para as outras ilhas, como para a própria Ilha da Madeira, entre os séculos XVII e XVIII.

Assim como dito por Rui de Sousa Martins, “O tipo de barro condiciona decisivamente a técnica utilizada na sua transformação[...]” ou seja, o barro que o solo açoriano lhe dava iria interferir diretamente em suas peças. É dito que, em geral, o arquipélago possuía um barro de baixa qualidade e de baixa plasticidade, forçando as pessoas a misturá-lo com barros provenientes de outro locais ou até mesmo o “misturar com bosta”.(MARTINS. 1987 pp.169-170). Desta forma, os produtos que “povoaram o quotidiano ilhéu” criados pelos ceramistas açorianos, estavam diretamente ligados às características do seu solo.

Existem poucos registros materiais das primeiras peças de cerâmica do arquipélago. Porém, sabe-se que os ceramistas açorianos criaram, ao longo da história, inúmeras peças para o seu uso cotidiano. A cerâmica açoriana foi utilizada em diversas áreas e com técnicas como a roda, e

os moldes abertos e fechados de gesso. Os moldes abertos eram muito usados para a produção das telhas de suporte do interior dos fornos. E a cerâmica feita em moldes fechados era muito usada para a fabricação de bonecos e de diversos recipientes. Na confecção dos bonecos, por exemplo, na maioria das vezes na Terceira e em São Miguel, o barro era uma mistura do barro do continente com o barro de Santa Maria. E possivelmente, em algumas ocasiões, o barro local com o barro de Santa Maria, a exemplo do Faial. Martins. (Rui de Sousa, 1987 p. 171)



FIG.54  
Cerâmica figurativa  
por molde

O fato de não poder usar o barro de seu solo e de ter de o comprar, fazia com que a matéria prima dos produtos fosse mais cara, e os impedia de ter preços competitivos para fazer telhas, por exemplo. Com o objetivo de poupar barro e de diminuir custos, os oleiros da Vila (São Miguel) faziam misturas menos gordas de barros e confeccionavam peças de paredes mais finas que os oleiros de Santa Maria. Ou seja, o solo não interfere somente na economia, mas também na construção e na estética dos objetos. A terra se mostra diferente entre as ilhas, e detalhes ligados a ela mostram a forte influência que o solo possui na vida do povo e na sua história.

### Um vidrado tardio

A cerâmica não vidrada acontece com força muito antes do período da migração dos açorianos para o sul do Brasil. Já a cerâmica vidrada na região tem maior visibilidade tempos depois, ao ponto que Sousa, ao citar Carreiro da Costa, mostra que foi apenas durante o século XIX, com a “louça branca” e com barro comprado da Inglaterra, que se iniciaram os testes com vidrado estanífero ou de chumbo (COSTA, 1938-1941: 185 em SOUSA. 2011 p.387). Provavelmente, grande parte da cerâmica vidrada presente nas casas açorianas até o século XIX supostamente eram levadas do continente europeu. Desta forma, acredita-se que, no início da povoação do arquipélago, a fabricação de peças vidradas realmente não tenha tido grande relevância. Porém, posteriormente, tenha ganho visibilidade por causa de sua beleza. Isabel Fernandes (2009), citada por Sousa (2011 p.387), diz que as peças se caracterizam por uma “beleza dos desenhos com temáticas muito próprias e dados em pinceladas vigorosas ou com recurso à técnica da estampilhagem.”

Louça vidrada dos Açores em Museu de Angra do Heroísmo  
FIG.55



## O vermelho barro

A partir dos estudos anteriores, é possível ver que não foi a cerâmica vidrada a que teve maior destaque na produção inicial açoriana. Foi a louça vermelha certamente a mais usada e fabricada nos Açores no início das atividades cerâmicas no arquipélago. E Santa Maria tem em seu vermelho, por exemplo, uma singularidade. Afinal, ela conseguiu, logo no século XVI, produzir peças em barro vermelho ao ponto de suprir necessidades locais e conseguir vendê-las para fora da ilha, como é mostrado na citação de Gaspar Frutuoso, em seu livro Terceiro das Saudades da Terra. “Há nesta ilha barro, de que se faz louça vermelha, sem necessidade da de fora, e telha muito boa, que, além de abastar para a terra, se traz para esta ilha de São Miguel muita dela” (FRUTUOSO. 1998/ 1586-1590. Livro III. p. 41).

Sousa (2011 p. 395) ressalta o fato de Frutuoso falar do vermelho. “Curiosamente, o cronista salienta uma particularidade cromática da cerâmica mariense (a cor vermelha).” Esse tom característico de vermelho vem possivelmente da origem de seu solo e da aplicação de almagre, um engobe de cor avermelhada que usavam para dar acabamento e até supostamente impermeabilização às peças.

Sustentando a ideia de que Santa Maria conseguia suprir suas necessidades de utensílios cerâmicos e ainda fazer dinheiro com sua produção de barro vermelho, Cordeiro (1981 pp 105-108), ao ser citado por Sousa (2011 p. 395) diz que

Em algumas partes a terra que tem he tudo barro vermelho, & esteril para fruto; porém para louça he excellente, & de tal louça vermelha se prove a dita Ilha, & dá provimento della a S. Miguel, & ainda á Ilha terceyra<sup>33</sup>

## O que se produzia em cerâmica nos primeiros séculos açorianos?

Ao analisar estudos das cerâmicas encontradas em dois locais nos Açores (mosteiro de Jesus na Ribeira Grande e Forte São João Baptista em Santa Maria), onde se buscava compreender a estética, função e como viviam as pessoas dessa terra antigamente, é possível perceber quais são as peças de cerâmica mais utilizadas.<sup>34</sup> Estes estudos mostram que a variada produção de cerâmica açoriana está ligada às necessidades do dia-dia de seu povo, em utilitários de mesa, para cozinhar ou mesmo para armazenagem de bens, como comida e líquidos. Martins (1987 p. 169), diz que “Os oleiros açorianos criaram utensílios que povoaram o quotidiano ilhéu[...].”

Destacaram-se, no início da produção cerâmica mais estabelecida dos açores, as bilhas, os tachos, os púcaros, as panelas, os cântaros, as tigelas, os testos e as tampas.[2] Além, por exemplo, dos talhões, dos alguidares, dos potes, das infusas, das panelas, dos bispotes, dos cuscuzeiros, dos pratos, das tigelas, dos vasos de flores e das salgas de Santa Maria (SOUSA, 2011, pp. 398-399)

Assim, o barro, com todas as suas características singulares, pela mão e pela interpretação de seu povo, produziu bens para sua população, deu dinheiro à região e foi fator crucial na relação do povo com o território, sendo fundamental, desde o começo, para a formação da cultura açoriana. Desta forma, estes produtos vindos do barro possuíam, e possuem, uma função econômica, social e cultural, assim como o basalto, o milho e até mesmo a criptoméria nos tempos contemporâneos.

---

34 O estudo em questão é feito em Sousa, Ilhas de arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores. Séculos XV-XVIII Volume I. 2011. pp. 382-422



FIG.56 Oleiro



FIG.57 Peças de olaria



FIG.58  
Cerâmica em barro vermelho

# O chá nos Açores



FIG.59  
Plantação de chá - Açores

Além de Portugal ser o único país europeu a falar a palavra “chá” como se pronunciava em Mandarim e cantonês, vale lembrar que foram os portugueses, o povo que levou o chá da Ásia para a Europa (SILVA, 2014). A origem asiática dessas primeiras negociações é Macau. (COSTA, 2013. p.7). Portugal hoje é o único produtor industrial de chá de toda a Europa. E essa plantação se encontra no meio do Atlântico, na Ilha de São Miguel.

O único solo de toda a Europa a ter plantações de chá em tais proporções e objetivos (industriais), é o solo açoriano. Este solo, além de fator primordial na composição da paisagem, tem nas produções enorme influência. Não apenas daquilo que se consegue ou não plantar, mas nas características do produto que se colhe. Desde o sabor, até os efeitos no corpo, pela sua ingestão. Costa (2013) diz que a composição do chá açoriano, como baixo teor de cafeína e alto teor de L-teanina, devem refletir seu tipo de solo vulcânico e até mesmo as técnicas agrícolas e a origem em si. “Além disso, o solo argiloso e ácido dá origem a um chá muito perfumado e de travesseiro agradável” (COSTA, 2013. p.11).

Porém, antes de chegar aos Açores e lá se fixar, Portugal transportou a planta pela Europa e por suas colônias da época. Quando o chá chega ao Brasil e seu cultivo é iniciado, é a primeira vez que isto ocorre fora da Ásia (SILVA, 2014. p.37). Porém, após a independência do Brasil, os testes de implementação do chá, que já existiam, cresceram ainda mais em território português. Este cultivo foi tentado em diferentes regiões, como Açores, continente e Madeira, mas apenas uma obteve real sucesso (Silva, 2014.)

Em princípio, a planta do chá já estava nos Açores durante parte do século XVIII, porém, apenas no século XIX que o cultivo ganhou alguma expressão. Entretanto, não é certa a origem das sementes da planta que lá chegaram. O que chama a atenção e torna a vontade de estudar o chá neste projeto ainda mais forte, são justamente as possíveis origens deste chá que chega aos Açores. Uma das grandes possibilidades é: Brasil. As sementes, segundo esta hipótese, chegaram do Brasil para São Miguel por volta de 1820 (Silva, 2014). Já, uma outra hipótese é que as sementes que chegaram aos Açores, foram transportadas do Norte de Portugal. Porém, provavelmente, mesmo estas sementes do norte, eram

provenientes do Brasil. (Silva, 2014) Ou então, como Moura(2018) apresenta, existem indícios de uma introdução do Chá nos Açores por volta de 1833, levado do Rio de Janeiro por Jacinto Leite de Betencourt.

Após a adaptação da planta em São Miguel, o cultivo começa a crescer. E este novo cultivo nos Açores pode vir a ajudar a atenuar os efeitos de uma crise que ocorre com a laranja naquele momento. Porém, para que esta nova planta tivesse o melhor resultado possível, foram chamados especialistas vindos da China para ensinar e adaptar o cultivo.

Mesmo sem saber com exatidão a data definitiva, nem mesmo quem levou o chá para os Açores, foi impossível não relacionar este cultivo singular com alguns fatos apresentados nesta fundamentação teórica. Durante o congresso de 1948 em Florianópolis, e em documentação seguinte, houve quem defendesse a ideia de não aptidão do povo açoriano para a agricultura, ao dizer que essa não era uma prática natural daquele povo. Neste caso, o chá, é mais um símbolo de como os açorianos são sim um povo da agricultura. E não só. O chá mostra a adaptação, aprendizado e reseito do povo com o solo.

Aqueles que “não eram próprios para agricultura” possuem a única plantação industrial de chá da Europa.



FIG.60  
Plantação de chá da Gorreana



FIG.61  
Plantações de chá  
vista aérea - Açores



## PRODUTOS NOS AÇORES

Os objetos a serem criados podem ser referências à história e, por vezes, à tradição, mas não se almeja produzir réplicas dos tempos passados ou do artesanato que ainda existe. O Basalto, por exemplo, é simbólico, pois, além de se ter feito casas, muros e de fazer parte da paisagem açoriana, ele é um elemento de aprendizado histórico. Os objetos não são apenas criados pelos materiais, mas pela história e pela memória por trás de sua concepção.

Este projeto não busca utilizar métodos tradicionais e apenas os replicar em novas peças. Busca-se por um processo de aprendizado, que traçará naturalmente o caminho até os elementos que serão usados. Poderia se buscar na internet artesanatos tradicionais açorianos e diretamente ir em busca de se replicar as técnicas em novos produtos, mas isso seria, para este projeto, antecipar etapas. Magnus Nilsson, Chef do episódio seis da primeira temporada da série da Netflix “Chef ‘s Table” (2019) diz: “Qualquer um pode aprender a copiar uma técnica, mas isso não é expressão criativa. O desenvolvimento que é interessante”. Em grande parte, esse pensamento tem razão. Se aquilo que se escolheu foi copiar uma técnica tradicional, deve sempre se pensar no que se aprendeu com aquilo, o que essa técnica significa, qual suas origens e suas motivações, entre tantas outras perguntas. O caminho para chegar em tradições, o caminho durante o aprendizado das tradições, o caminho na execução de sua expressão sobre o aprendizado e o futuro do seu aprendizado talvez seja o que mais seja relevante. Podemos todos aprender técnicas, mas apenas replicá-las não é o caminho que este projeto escolheu. Na verdade, a cultura e as tradições são mais que técnicas de artesanato. O design por vezes se apoia muito nisso, no artesanato. Provavelmente por ser um ponto material das culturas, e assim algo mais simples de se abordar a respeito delas. Mas, a tradição é mais do que isso. A tradição passa pelas motivações, pelos hábitos, pelas limitações de um local, pelo visual e por tantos outros pontos. Tudo isso, essa maior compreensão desses processos de formação de cultura e de tradições, deveria ser levado em consideração como um ponto de estudo e um ponto de partida para o design. Afinal, trata-se de um fator essencial que, infelizmente, muitas vezes é ignorado.

Este projeto não é o primeiro a usar elementos materiais como o basalto para produção de objetos, nem mesmo se propõem a isso, obviamente. Ele se propõe a aprender; E, deste aprendizado, a chegar no desenvolvimento de objetos influenciados pelo estudo histórico e pela geração de memórias. E vale lembrar que os produtos possuírem influências açorianas não é uma indicação de que eles sejam açorianos ou que buscam o ser.

O fato de termos influências de nossos pais, não nos torna os nossos pais. Este projeto segue a mesma lógica. Não pretende produzir “O produto Açoriano”, mas sim um produto com referências e inspirações açorianas, como um meio de mostrar o aprendizado sobre essa cultura. Algo que não deve ter um fim. Afinal, mesmo o maior estudioso de qualquer cultura morrerá sem saber tudo sobre ela.

Porém, por mais que não se vá buscar replicar técnicas açorianas, vale ter conhecimento daquilo que é feito tradicionalmente nos Açores.

“Os açorianos sempre procuraram dar resposta aos desafios do seu quotidiano, demonstrando imaginação e engenho na aplicação e transformação das matérias-primas disponíveis.”

Centro de Design e Artesanato dos Açores

Na Olaria, Vila Franca, em S. Miguel, e Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, ainda possuem métodos tradicionais regionais para a produção de seus objetos. Nestas regiões, são ainda produzidos produtos antes apresentados na fundamentação teórica, como talhões, bilhas, alguidares, sertã, entre outras peças. (Centro de Artesanato e Design dos Açores [CADA],s.d.)



FIG.62  
Peças de olaria

A azulejaria aparece com maior força no século XIX, junto das fábricas na Terceira e em São Miguel. Frequentemente vistos com detalhes em azul cobalto e desenhos de plantas ou geométricos, em relevos ou por estampilha. (CADA, s.d.)



FIG.63  
Azulejos

Junto com o advento das fábricas, iniciou-se a produção de peças em faiança, com peças pintadas seguindo a lógica de representar plantas, como nos azulejos, em sua maioria em branco e azul, em obje-

tivos decorativos e, por vezes, em serviços de café e chá.  
(CADA, s.d.)



FIG.64  
Peças em faiança

A tecelagem é uma das mais antigas indústrias tradicionais do arquipélago. Pode-se ligar isso ao isolamento das ilhas em relação ao continente e, assim, à necessidade de produção própria nesta área. As tecedeiras açorianas produziram grande parte dos seus produtos em lã, linho ou algodão. Neles, ainda representavam a sua realidade em seus padrões.(CADA, s.d.)



FIG.65  
Tecelagem

A agricultura não só abastecia o povo das ilhas e a exportação, mas facilitava também, indiretamente, a produção de produtos por aumentar a disponibilidade de matéria-prima. A cestaria tem ligação direta com a agricultura, por exemplo. As folhas de milho, de trigo, de espadana, de junco, a folha de dragoeiro, enfim, fazem parte da produção do artesanato açoriano. Além das cestarias, com o milho, o trigo e o dragoeiro eram (e são) feitas bonecas e flores decorativas. (CADA, s,d,)



FIG.66  
Cestaria



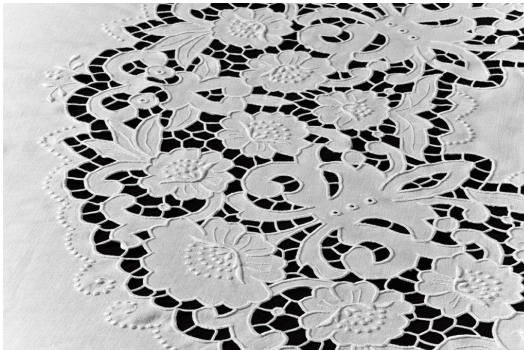
FIG.67  
Boneca de folha de milho

“A arte de trabalhar as fibras vegetais revela um entendimento da terra, do clima, dos ciclos vegetativos, das plantas e suas características.”

(Centro de Artesanato e Design dos Açores)

Em produtos como toalhas, colchas e outros, pode-se ver o bordado a branco da Ilha Terceira, diretamente influenciado pelo bordado inglês e da Ilha da Madeira. Mostra-se assim, a influência da colonização no arquipélago, neste produto tão reconhecido.(CADA, s.d.)

FIG.68  
Bordado  
Branco





# Referências

## conceituais e estéticas

Para o desenvolvimento deste projeto, foi escolhido separar as referências em dois grupos. As conceituais, que abrangem pessoas e projetos de variadas áreas, sem se limitar ao Design. Desta forma, pretende-se mostrar que as referências para projetos de design devem ir além dos companheiros de área. Aqui, serão apresentadas pessoas em projetos que o autor considera que pensam de forma similar. O segundo grupo das referências, são as referências estéticas. Essas apresentam peças de design, mas também outras referências estéticas que o autor considera relevantes, como paisagens, sensações e cores. Para isto, foi feito um painel com imagens que refletem algumas, não todas, as referências que fazem parte da bagagem visual do autor ao projetar os seus produtos. Também serve como uma forma de guia, para ver se se está produzindo uma sequência de produtos que conversam entre si.

### Conceituais

#### **Emicida:**

Rapper brasileiro, que tem na excelência de seu trabalho a busca e o respeito sobre o passado dos seus. Para a criação de seus discos, como no álbum AmarElo, buscou referências na história, na antropologia, no cinema, nas bandas desenhadas japonesas, na fotografia e muito em seus sentimentos e vivências. Essa união de referências faz com que sua música seja rica de significados e motivações, por mais simples que alguns versos pareçam. Também por isso, não

limito minhas referências em designers. Para suas músicas, ele busca sempre uma contextualização histórica e constantemente referencia o passado, de forma a compreender melhor o seu tempo. O artista é uma referência para este projeto por sua pesquisa multidisciplinar, que corre além da música, e por seu interesse e respeito pelo passado.

Podê parecer “irônico” citar Emicida em um projeto que fala a respeito de um povo colonizador, porém a referência nele se sustenta pela busca respeitosa e crítica pela história e pelo passado.<sup>35</sup>

“É importante voltar ao começo. Afinal quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo.” - Emicida



FIG.69  
Emicida

---

35 O Artista inclusive deu aulas no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, assumindo cátedra de residência artística

## Magnus Nilsson:

Chef suéco, com episódio na série da Netflix “Chef ‘s Table”. Na série documental, é mostrada a importância que Magnus dá à história da comida, ao passado e ao caminho dela até o prato. Escreveu o livro “The Nordic Cookbook”, em que, em uma viagem pelos países nórdicos, aprende técnicas antigas e descobre mais sobre a comida da região. Posteriormente, com seu aprendizado cultural, consegue implementar alguns conceitos em seus pratos, a partir da sua realidade e da sua experiência pessoal. Nilsson, por mais que estude técnicas antigas, não está preocupado em copiá-las, mas em compreender a realidade delas, justamente como se busca fazer neste projeto. Buscar por referências e inspirações, e não apenas copiar técnicas tradicionais. Além disso, é perceptível o valor que Magnus dá à terra, com pratos em que os ingredientes são todos locais. Mesmo quando é temporada de neve, quando pouco se consegue colher, ele usava comidas colhidas na sua região e conservadas. O solo é tão importante que, em diferentes pratos, ele apresenta a comida junto com elementos do solo

“Qualquer um pode aprender a copiar uma técnica, mas isso não é expressão criativa. O desenvolvimento que é interessante”.

Magnus Nilsson

FIG.70

Magnus Nilsson





FIG.71  
Prato de Magnus Nilsson 1

Prato Magnus Nilsson 2  
FIG.72



## Franklin Cascaes:

Foi um dos maiores, senão o mais influente pesquisador e divulgador da cultura açoriana em Florianópolis e região. Seu foco não se limitava a uma pesquisa academicista. Ele buscou nas pessoas pelas histórias e pelas memórias daquele povo. Por meio da sua interpretação e da sua estética própria, produziu textos, imagens e objetos. Franklin não buscava, em suas ilustrações, seguir por meios tradicionais. Ele fazia sua própria representação do aprendizado e o levava adiante. Além de ser um grande nome quando se diz respeito ao estudo da açorianidade no litoral catarinense, Cascaes é uma referência, pois, neste projeto, não se busca fazer releituras exatas de produtos açorianos ou de métodos tradicionais de se produzir produtos açorianos. Se tem como objetivo um projeto próprio, busca-se, a partir da realidade do autor, representar aquilo que foi aprendido, de forma a tornar estes objetos elementos de memória.



FIG.73

Pintura em homenagem a  
Franklin Cascaes em Florianópolis



FIG.74  
Balanço bruxólico de Franklin Cascaes

## Tiago Canário:

Tiago mostra-se como uma das referências devido ao seu projeto intitulado “Terra”, em que ele mostra a importância do solo para uma região. No projeto, são explorados objetos tradicionais do Alentejo, utilizando-se a terra como matéria que define o carácter de uma região e o solo como agente de criação e de deformação.



FIG.75  
“Terra” de Tiago Canário

## Margie Livingston e o projeto Extreme Landscape Painting

Este projeto é uma exploração da artista por sua própria marca de pintura de paisagem. Nele, ela arrasta telas pintadas por vários terrenos. As marcas destas telas são resultado do contato físico direto entre a paisagem/solo local e a obra. Ela diz estar reivindicando a terra como material do artista.



FIG.76

Processo de Margie Livingston



FIG.77

Resultado e Margie Livingston

## Atelier NL. Projeto Polderceramics.

No projeto intitulado Polderceramics, o Atelier NL produz utensílios de mesa feitos diretamente da terra de fazendas, de forma que os vegetais consumidos no jantar possam ser servidos no mesmo solo que os cultivou. Os objetos evidenciam o processo artesanal junto de uma identidade contemporânea em sua forma. Elas dizem que “É provável que você saiba mais sobre as origens dos alimentos em seu prato do que sobre o próprio prato.”



FIG.78  
Polderceramics 1



FIG.79  
Polderceramics 2



FIG.80  
Polderceramics 3

## Studio ThusThat. Projeto This is cooper

Neste projeto, eles expõem e propõem usos potenciais para um subproduto negligenciado da produção de cobre, neste caso as escórias, que são impurezas descartadas no processo de fundição em grandes montes. Os designers então usam a escória como uma alternativa de baixo teor de  $\text{Co}_2$  na produção de um Geopolímero. Neste projeto, eles misturam diferentes formas de produção com o material, considerando o projeto uma série contínua, em que a partir dos novos aprendizados e experiências se produz novos produtos. Em alguns objetos, adicionam ainda uma camada fina de geopolímero fortalecida com fibra em uma base formal e somam a isso peças em cobre martelado. Em outros, usam cofragens.



FIG.81  
“This is cooper”

## Referências Estéticas



FIG.82  
Visita ao museu de Angra do Heroísmo

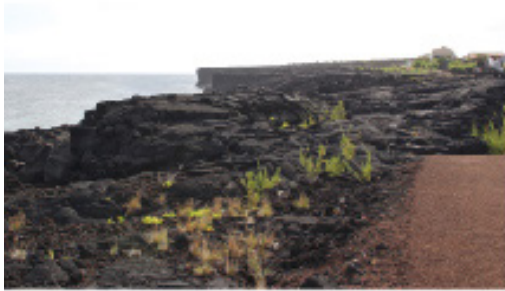
Neste ponto, serão apresentadas algumas das referências estéticas para a produção deste projeto. Elas estão presentes na vida do autor e ultrapassam os objetos de referência. Aquilo que se viu, que se vivenciou, as cores e a sinestesia que as imagens transmitem ao autor fazem parte das referências dele. Aqui foi elaborado um painel que contém produtos que são considerados referência por suas formas, cores ou pelo projeto em si, assim como imagens dos Açores. Foi escolhido trabalhar principalmente com tons escuros, vindos do solo basáltico. A bruma presente nos açores, que traz um “ar melancólico”, também remete a tons cinzas e pretos. Outro elemento ligado às cores são os tons próximos da terracota, cor presente no solo vulcânico e na coloração que o basalto atinge com o passar de muito tempo.



Polderceramics  
Atelier NL



Box Chair  
N. Bijan Pourfard



Ilha do Pico  
Açores



Bruma  
Ilha Terceira - Açores



Red Mud  
Studio ThusThat



Assentos deep block e bowl table  
Jim Partridge & Liz Walmsley





Ilha Terceira  
Açores



Cadeira ALbertine  
Anthony Guerree



Vases  
Milia Seyppel Studio



Botanica  
FormaFantasma



Burra de milho  
Ilha Terceira - Açores



Skagerak's Edge pots  
Stilleben

# Desenvolvimento de objetos

A seguir serão apresentados os desenvolvimentos dos projetos dos objetos e também dos resultados. Este projeto almeja que todos os objetos sejam, para o autor, uma representação do aprendizado que ocorreu durante todo o processo de pesquisa, assim como parte do processo de aprendizado durante os testes de suas produções.

A tipologia dos objetos seguirá a ideia de objetos que possam estar presentes no cotidiano e inseridos em casas, em estabelecimentos de estadia e até mesmo em locais para refeição. A estética a seguir está presente no painel de referências conceituais. Busca-se formas simples, melancolia, tons que correm dos escuros aos tons de ferrugem e terrosos. Se concluindo, por fim, nos respectivos objetos de memória. Com nenhum dos produtos se almeja que sejam identificados como produtos açorianos, afinal, o autor não é açoriano, não está inserido em sua totalidade na cultura, não podendo, assim, buscar que seus produtos sejam identificados como açorianos ou facilmente identificados como produtos dos Açores. Aquilo que se busca é que os produtos representem parte do processo de aprendizado do autor, e que sejam produzidos a partir de sua realidade e de sua interpretação, de forma que, no final, apresentem-se como objetos de memória. Objetos que possuem sentido material, simbólico e funcional.

# Prato

O basalto, que se mostra imensamente relevante nas características estruturais da ilha, na paisagem, na ligação com o povo e com a cultura, mostra-se um elemento de grande potencial para a elaboração de objetos devido às suas características físicas. Nos Açores, possivelmente seu uso mais conhecido seja nos muros que dividem os campos de plantações e o gado, nos muros de vinhas e na construção de tradicionais casas de pedra. O interesse pelo material surge desde uma visita aos Açores, em que o primeiro lugar o autor parou e contemplou a paisagem foi em pedras de basalto, em uma região litorânea da Ilha Terceira. Posteriormente, foi visto que era possível aprender muito a respeito do arquipélago a partir daquela rocha, a qual não era apenas um elemento estético da paisagem. Essa percepção ocorreu e ganhou volume, como visto na fundamentação teórica.

Com base nos usos mais rotineiros do basalto no arquipélago, como em casas e em muros, decidiu-se que seriam produzidos produtos para fugir um pouco desta lógica e produzir objetos de menor escala. Isso vai de encontro ao fato de que grande parte dos objetos feitos com pedras tem o costume de serem objetos robustos e de grandes dimensões, como bancos de praças e esculturas. Ainda são poucos os produtos mais delicados e utilitários produzidos com esse material.

Outra característica que se pretende na elaboração dos objetos é que sua estética siga linhas simples e retas, de forma a mostrarem que foram trabalhadas pela mão humana. Ou seja, sem o uso final de peças com a forma orgânica de pedras encontradas na praia, por exemplo. Essa decisão é tomada basicamente por dois motivos. O primeiro é a relação que se pretende fazer disso com o fato de os açorianos trabalharem a natureza e transformarem a paisagem, como fazem, por exemplo, na construção de muros ou de casas. Por mais que se esteja em grande parte a usar pedras nas suas formas orgânicas, a forma dos muros e das casas não é orgânica, é mais retilínea. E acaba por ser prova da presença humana ali. Dada a escala do projeto, e que eles não estarão a se integrar diretamente na paisagem, será na forma e nos desenhos das linhas dos objetos que isso aparecerá. O segundo ponto que inclina os objetos para esta estética é o simples apreço do autor por esta tipologia de linhas, em que, com linhas retas e simples, é possível se produzir objetos que liguem estudos históricos por vezes de um passado distante a uma estética mais contemporânea.

Por todos esses motivos, decidiu-se fazer alguns objetos utilizando o basalto. E aqui será apresentado o primeiro deles: o prato.

Seguindo a lógica que grande parte do basalto é usado em construções, em peças robustas ou em esculturas, optou-se por produzir um objeto em que normalmente a delicadeza está presente: um prato. Além disso, a escolha por essa tipologia de objeto é definida pela ligação que estes objetos possuem com a terra, dado o fato de que aquilo que se planta, que se produz e que se colhe no solo pode posteriormente estar presente no prato das mais diversas formas. Além do mais, os pratos, em grande parte das vezes, eram e são produzidos a partir de cerâmica, que tem sua matéria prima vinda do solo. Como visto na fundamentação teórica, o solo basáltico açoriano influenciou a cerâmica do arquipélago. Assim, considerou-se interessante se produzir o prato utilizando o basalto, buscando, assim, se fazer uma referência a essa influência que ele possuiu.

Além disso, o fato de o autor ter um apreço por produtos de cozinha, por ver neles uma forte relação com um ambiente que propicia o desenvolvimento das culturas, também é levado em consideração. Nas mesas das casas, as famílias se reúnem, contam histórias, comem e se desenvolvem. Durante o mestrado, o autor ainda criou dois projetos relacionados à mesa/comida, com pratos e copos das lendas de Franklin Cascaes, além de uma experiência de refeição cozida debaixo da terra, mas feita sobre a mesa.

Geralmente, pratos de cerâmica possuem acabamento vidrado. O basalto possui uma superfície relativamente porosa. Estes fatos, fizeram entrar em questão também a relação que os usuários poderiam ter com a textura do basalto. Então, buscou-se testar a possibilidade de usar vidrados cerâmicos na superfície de rocha basáltica.

Foram feitos pequenos testes para descobrir se a mistura de vidrado iria se aderir à superfície da pedra. Para isso, foi usado vidrado transparente brilhante em proporção de 100ml de vidrado em pó para 800ml de água. O vidrado líquido, por meio de imersão parcial, foi aplicado à superfície das pedras e, posteriormente, levado ao forno cerâmico a uma temperatura de 1030° C. Neste processo, uma das dúvidas era se o basalto poderia rachar ou mesmo explodir dentro do forno, visto

que esse é um comportamento que acontece com algumas rochas quando elevada sua temperatura. Para isso, as amostras foram condicionadas dentro de um contentor em cerâmica refratária.

Ao retirar as amostras do forno, foi percebido que o vidrado conseguiu aderir à superfície do basalto. No entanto, não com a mesma facilidade que se adere geralmente à cerâmica. Além disso, percebeu-se que o basalto, nos locais em que não havia vidrado, teve seu tom alterado de variações de cinza escuro para tons mais próximos dos avermelhados. Esse fato é bem relevante, dada as informações vistas na fundamentação teórica, que relacionam o solo açoriano aos tons avermelhados de seu barro, como, por exemplo, ocorreu no solo de argila vermelha de Santa Maria, que, pela erosão do basalto, teve sua cor alterada. Já nas partes com vidrado, neste teste, é perceptível que não existe a alteração de cor para tons avermelhados. A alteração que ocorre é para tons ainda escuros e que, por vezes, aproximam-se do verde.



FIG.84  
Cores do basalto após 1030°C. A pedra preta não foi para o forno.

Após estes testes em pequenas amostras, foi decidido aplicar vidrado em uma superfície maior de basalto retificado em forma de poliedro. Para isso, optou-se pelo uso de um basalto de dimensões de 18cm x 18cm x 3cm e o uso do mesmo vidrado anteriormente citado. O basalto foi imergido até metade de sua maior superfície nesta mistura líquida de vidrado. Esta amostra foi inserida na caixa de cerâmica refratária e levada ao forno cerâmico a 1030° C. Ao retirar a amostra, foi visto que o vidrado adere a superfícies de basalto como esta. Viu-se também uma leve mudança de tonalidade na parte não vidrada para tons avermelhados. E, na parte com vidrado, mantiveram-se os tons escuros somados ao brilho do vidrado.



FIG.85  
Basalto com superfície (esquerda) não  
vidrada após levado ao forno 1030°C

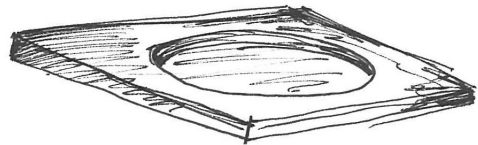
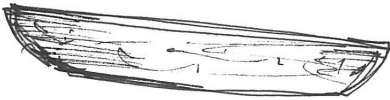
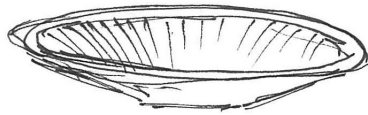
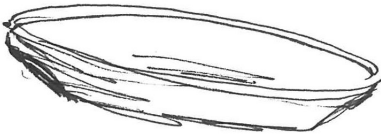
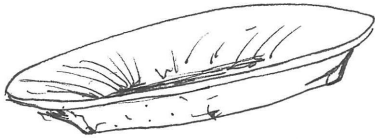


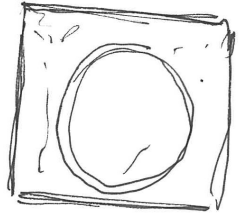
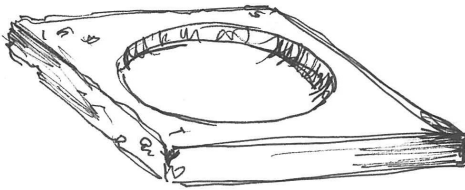
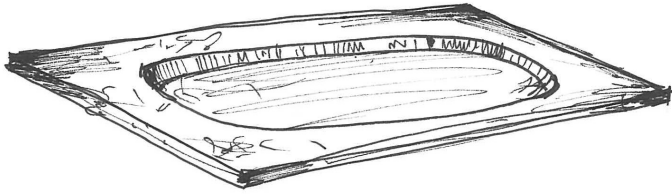
FIG.86  
Superfície vidrada



FIG.87  
Superfície não vidrada

DESENHOS





Após os testes, iniciou-se a etapa de concepção. A partir de uma lógica formal que passou também pela elaboração de desenhos, iniciou-se a execução de protótipo de um prato. Para isso, com basalto em dimensões 18cm x 18cm x 3cm em mãos, foram feitas linhas guias de corte e o basalto foi retificado com o uso de uma esmerilhadeira/rebarbadora com disco para pedras.

FIG.88  
Produção do prato



Após esse processo, a peça, já com forma de prato, foi aquecida a 40°C para que o vidrado tivesse maior potencial de aderência. Em seguida, a parte interna do prato foi banhada com vidrado transparente brilhante. A etapa final foi inserir o prato em uma caixa de cerâmica refratária e colocá-la no forno para cerâmica à 1030°C.



FIG.89  
Prato de basalto com superfície interior vidrada



FIG.90  
Prato após ir para o forno vidrar (frente) e basalto natural (fundo)

Percebeu-se que o vidrado possui boa aderência ao prato, porém, pela quantidade de grandes poros que a rocha possui, não foi possível vedar por completo a sua superfície, de forma que, quando adicionada água, ela vertia em determinadas partes. Analisou-se também a cor e a textura do prato. A superfície não vidrada alterou levemente seu tom para mais avermelhado que antes de ir para o forno. Já a superfície com vidrado ganhou brilho, manteve-se escura e deu maiores destaques aos pequenos cristais que se formam no basalto, os quais surgem neste caso em tons claros.

Referente à forma, ainda existia uma insatisfação, pois sentiu-se que ela ainda estava excessivamente “complexa”. Com relação às dimensões, foi decidido diminuir a profundidade do prato e aumentar o seu diâmetro. Também foi visto que a textura do material sem vidrado era o que mais agradava, de forma a ter uma sensação mais real em relação ao material. Além disso, após ver as alterações de cor do basalto quando vai ao forno, decidiu-se que, neste caso, era de maior interesse que o basalto preservasse as cores originais da rocha. Desta maneira, foi feito um segundo prato com essas características. Formas mais simples, sem vidrado e com dimensões alteradas.

As técnicas usadas para a produção do basalto foram as mesmas do teste. Uso de rebarbadora/esmerilhadeira com disco para pedra. A forma é desenhada na rocha, é presa com grampos à uma mesa e é feito o prato.



FIG.91

Produção do prato em basalto



FIG.92  
Prato em basalto natural. Detalhe



FIG.93  
Prato em basalto natural. Ambientação



FIG.94  
Prato e outros objetos do projeto

Considera-se que este objeto nasce, por essência, da vivência do autor e de sua busca por conhecimento sobre os Açores através do basalto. Isto é, passa pelo aprendizado teórico e se formaliza pelas interpretações do mesmo na sua concretização. Um objeto que, em suas formas simples, traz consigo significados criados durante o caminho de aprendizado, tornando-se um “objeto de memória” para o autor. E transmite, assim, sentido material, simbólico e funcional.

# Objetos de sentar - Basalto e Criptoméria

Dentre os mais variados projetos de produto que passam pela mente criativa dos designers, a cadeira e seus similares, que pode-se classificar aqui como “objetos de sentar”, estão em posição de destaque. Pode ser pelo desafio que estes objetos criam na mente de seus autores em conceber um produto que já passou pela criação de tantos outros antes dele, ou talvez pela ligação direta do corpo humano com o objeto. E ainda mais que isso, objetos de sentar fazem parte da vida social humana. Estão presentes diretamente no cotidiano humano

Em visita à Ilha Terceira, a um restaurante que faz parte de uma quinta em que os aspectos regionais produzem um sentimento de se voltar no tempo, de se experienciar a vida de séculos atrás, foi percebido como estes “objetos de sentar” também fizeram parte do convívio açoriano. Nesta visita, foi possível ver casas tradicionais de diferentes formas, além de interpretações de uma antiga olaria, de uma destilaria, de uma burra de milho, entre outros elementos, até se chegar ao restaurante com comida e ambiente típicos da região. Neste espaço, obviamente, havia mesas com cadeiras à sua volta, porém havia uma característica que chamava a atenção. Todas as cadeiras eram diferentes. É explicado, então, o motivo para tal.

Antigamente, na região, quando havia uma festa ou encontro de família e de amigos, a casa que sediaría o evento arrumava o seu maior ambiente, que normalmente era onde se faziam as refeições. Se pedia então que cada pessoa que viesse de fora trouxesse uma cadeira. Isso acontecia, pois dificilmente uma família possuiria cadeiras para todas as pessoas, visto que aquilo que se tinha em casa era para suprir suas necessidades básicas familiares. Desta forma, com o fato de cada pessoa trazer uma cadeira, o ambiente era composto por objetos que se diferenciam esteticamente uns dos outros.

Este fato, logo chamou a atenção e ficou em mente a possibilidade de criação de pelo menos um objeto de sentar. Não necessariamente uma cadeira. A ideia ganha força à medida que o basalto se associa à ideia de um objeto de se sentar.

Ao chegar nos Açores, a primeira ação a ser feita foi a de se sentar em conjuntos de rochas basálticas próximas do mar. Sentar-se e apoiar-se para contemplar. Este foi o primeiro momento de se contemplar a paisagem açoriana, e isso foi feito sobre o basalto negro. Durante a viagem, por outras vezes, foi o basalto também a “peça” que servia de

apoio para o corpo poder contemplar a sua paisagem. Fosse por rochas presas ao solo, soltas ou em construções de muros e casas. O basalto da ilha, na sua essência, é um constante elemento de apoio a quem nela está. Quantas pessoas usaram o basalto de alguma forma para contemplar sua ilha, as ilhas vizinhas, suas plantações ou o mar? Apesar de não haver aqui um estudo aprofundado a respeito destas perguntas, acredita-se que isso seja constante. Tais perguntas, neste momento, também não buscam respostas. São apenas questionamentos naturais do processo de aprendizado.

Decidiu-se, por tais motivos, levando em consideração toda a importância do basalto para a história do arquipélago, das diásporas e da paisagem, que ele seria, de alguma forma, usado para se produzir um “objeto de sentar”. Porém, não será o único. Neste caso, aparece a criptoméria como um elemento a se unir com o basalto. Dentre as motivações do uso da criptoméria neste projeto está o interesse pessoal do autor em trabalhar com madeira, pois é um material pelo qual ele sempre possuiu interesse e com o qual sempre gostou de trabalhar. Além disso, chegou-se a criptoméria pelo natural uso de madeiras na produção de móveis e pela busca por uma madeira que não fosse de corte prejudicial ao arquipélago. Neste caso, era de interesse usar alguma madeira que explicasse parte da história açoriana e que ainda possuísse um manejo sustentável. Como visto durante a fundamentação teórica, a criptoméria é inserida nos Açores justamente após a percepção de um mau uso das florestas, de forma a ser inserida para fazer parte de um reflorestamento sustentável da região. Esse interesse pela madeira também fez com que o autor ampliasse o seu conhecimento histórico sobre as árvores do arquipélago, e sobre o seu desflorestamento, assim como aumentou também o seu conhecimento sobre outras plantas e sobre os seus usos, além de o permitir compreender um pouco mais sobre como era, antigamente, a vida nos Açores. E isso o fez entender melhor também as atuais políticas de florestas da região.

**Assim, foi definido que seria usado o basalto em conjunto com a madeira de criptoméria. Na estética do produto, busca-se, como em todos os outros objetos deste projeto, por linhas simples. Além disso, foi definido que as partes de madeira seriam queimadas. A madeira queimada foi escolhida por uma**

junção de fatores. Ela serve como referência direta à lembrança/memória das madeiras que se tornaram carvão para aquecer a população dos anos de 1950 até o surgimento da criptoméria no arquipélago, além de remeter ao painel de referências estéticas anteriormente apresentados. Os tons escuros e queimados da madeira proporcionam uma estética mais melancólica, que está relacionada aqui a uma melancolia sentida pelo autor nos Açores, na bruma e nas incertezas, além de se ligarem bem às cores pretas e cinza escuro do basalto.

### Banco 1

Neste banco, como nos outros, foram escolhidas formas retas e simples, pois foi considerado que o significado que o projeto carrega consigo se satisfaz sem a necessidade de rebuscar as formas.

### Esboços



Após definida a forma do banco, as madeiras foram cortadas e, depois, foram feitas perfurações nas partes necessárias. Após esta etapa, adicionou-se cavilhas com cola para que não fossem utilizados parafusos em sua montagem e nem mesmo as cavilhas fossem notadas por fora. Após a cola secar, com o uso de um maçarico, todo o banco foi queimado, seguindo uma técnica próxima da técnica Shou sugi ban.

Após a queima do banco, foi passada uma esponja abrasiva para tirar o excesso de fuligem e, por fim, foi passado cera acetinada para a madeira. Para finalizar o banco, foi adicionado o assento. Esta parte foi composta por uma rocha de basalto da ilha de São Miguel da Ribeira Grande retificada em medidas de 28cm X 28cm X 2cm.



FIG.95  
Banco sendo queimado



FIG.96  
Detalhe do banco



FIG.97  
Banco 1

Após a produção deste primeiro banco, foi feito um segundo banco que seguia praticamente a estética formal do primeiro, porém, desta vez, em maiores dimensões. Além disso, ao invés de usar cavilhas, este segundo ensaio de “objeto de sentar” faz uso de parafusos. Percebeu-se que, possivelmente devido à tipologia da madeira, da forma e das dimensões de cortes, o objeto perdia um pouco de sua estabilidade. Mesmo o uso de parafusos não resolveu por completo a situação da estabilidade. Para um objeto desse tipo, usar grandes vãos entre as madeiras e madeira de baixa espessura pode não ser a melhor escolha. Considera-se que, para um banco com uma madeira deste tipo, uma possibilidade é usar superfícies maiores de madeira.

### Banco 2



FIG.98  
Banco 2

### Ensaio 3 Objeto de sentar

Após esse banco, optou-se por uma terceira alternativa, em que a madeira seria trabalhada em superfícies maiores, de forma a buscar uma maior estabilidade e um melhor uso da madeira de criptoméria. De forma, como sempre, a procurar por formas simples esteticamente. Para isso, escolheu-se trabalhar com três placas de criptoméria que formam uma estrutura de “H” vista por cima. Visto o uso de maiores superfícies, ao invés de “ripas”, o banco ganha boa estabilidade com o uso desta tipologia de madeira. Por fim, a madeira é queimada, limpa e é dado um acabamento com óleo de linhaça a ela. A madeira queimada é usada com símbolo da história apreendida ao longo do projeto.



FIG.99  
Processo de produção  
"Ensaio 3 objeto de sentar"



FIG100.  
Queima  
da madeira I



FIG.101  
Queima da madeira 2



FIG.102  
Ensaio 3.Banco final



FIG.103  
Ensaio 3.Banco final



FIG.104  
Ensaio 3.Banco final

# Luminária candelabro

O basalto, como visto anteriormente, possui muita importância histórica e, além disso, um grande potencial no que se refere à produção de objetos. Desta vez, este material se junta à relação dos Açores com suas brumas e luzes. É comum ouvir ou ler referências nas ilhas sobre a névoa, com luzes difusas, e a repentina aparição do sol, que transforma a percepção da paisagem. Essa bruma parece andar junto com um ar melancólico que atravessa todo o arquipélago. Estas características são percebidas através da experiência pessoal, mas podem ser vistas também, por exemplo, na obra “Ilhas desconhecidas de Raul Brandão”. Junto disso, foi percebida uma sensação de incerteza. Essa incerteza acontece por variados motivos, como, por exemplo, a simples incerteza de se a pessoa vai conseguir retornar para casa na hora prevista depois de aterrar na Ilha das Flores devido ao mau tempo. Esse sentimento pode surgir também das incertezas climáticas, dos tremores, das incertezas históricas que o povo passou em suas plantações, etc.

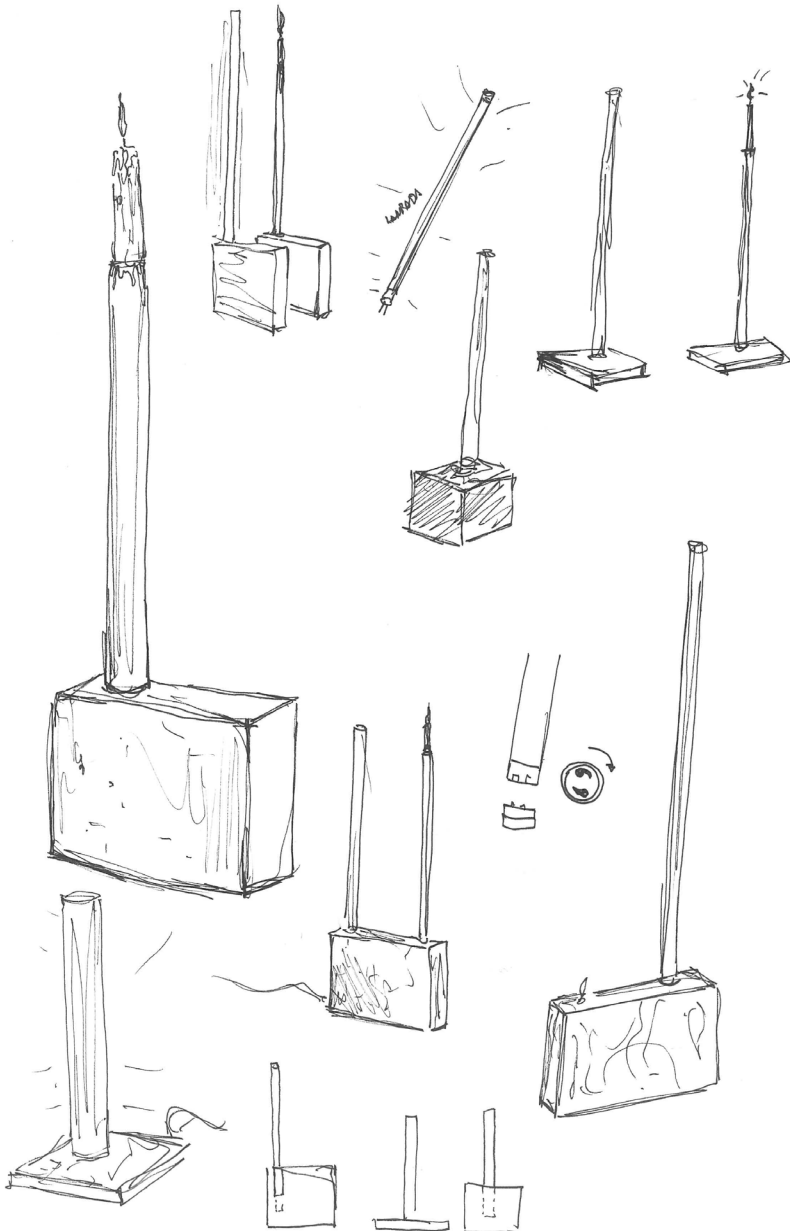
Ainda sinto os pés no terreiro,  
Que os meus avós bailavam o pezinho  
É que nas veias corre-me **basalto negro**  
E na lembrança vulcões e terramotos.

Por isso é que sou das **ilhas de bruma**,  
Onde as gaivotas vão beijar a terra

Música “Ilhas de Brumas”.  
De Manuel Medeiros Ferreira (Ilha de São Miguel, 1950-2014)

Foi pensando nas luzes particulares das brumas e incertas que interferem na experiência com a paisagem e com território que se decidiu projetar uma luminária. Esta luminária deveria conter o basalto e devia trabalhar, de alguma forma, com o conceito de incerteza. Para isso, foram feitos alguns esboços formais.

Esboços



Decidiu-se, então, por uma forma simples, com o basalto como base e cortado em um bloco. A luminária deveria permitir que uma lâmpada de led fosse acoplada a sua estrutura, mas não só. Além da lâmpada de led, tornou-se possível, após a retirada da lâmpada, que se adicionasse uma estrutura para um candelabro com vela. A ideia deste produto se baseia em ter a lâmpada com uma luz suave e que também possibilite, quando desejado, gerar uma luz de vela, que teria essa característica de incerteza e irregularidade desejada. A luz de uma vela varia com o passar das pessoas por perto, com o vento, não é tão intensa como uma lâmpada e pode apagar a qualquer momento. Além disso, na incerteza do autor em produzir uma base para lâmpada ou para uma vela, tem-se aqui os dois.

Esteticamente, o produto segue a forma reta do basalto, em prova da ação humana sobre o material, com uma lâmpada de led em tubo e possibilita a troca por um tubo cilíndrico em metal para o posicionamento da vela em seu topo.

Foi feito um primeiro protótipo. Para isso, utilizando o basalto de São Miguel, foram feitas perfurações para os tubos na parte superior e um furo na parte traseira para acoplar o cabo de energia para quando se for usar a lâmpada. Para estas perfurações foi utilizada uma furadeira com uma serra copo (berbequim com serra craneana). Além disso, foi adaptado um receptáculo para lâmpada (casquilho) no seu interior de pedra. Este serve como apoio para a lâmpada, que foi alterada para ser compatível com o casquilho em questão. A entrada de energia é feita com um "Plug", que pode ser retirado quando necessário. Devido ao sistema de encaixe entre o receptáculo e a lâmpada, é possível ligá-la e desligá-la apenas a rotacionando.



FIG.105  
Equipamento de furação e testes

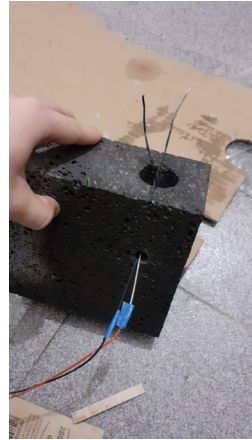


FIG.106  
Teste de posição dos fios

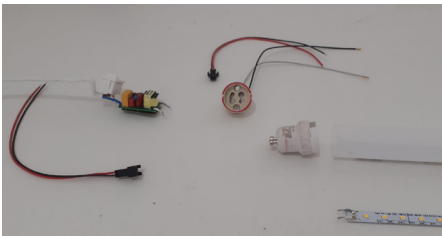


FIG.107  
Adaptação da lâmpada para o sistema de receptáculo escolhido



FIG.108  
Entrada de energia possibilidade usar sem fio (para vela)



FIG.109

Luminária ao centro



FIG.110

Objeto como candelabro



FIG.111  
Candelabro

Dado o percurso até este objeto, compreende-se, então, que ele satisfaz os objetivos do autor neste projeto. Mais que o estudo do basalto, que é um material palpável, existe aqui a interpretação a respeito das interpretações e sensações, da experiência pessoal do autor em relação àquilo que é e foi sentido, como as palavras de livros como “As Ilhas desconhecidas” ou músicas como “Ilhas de Bruma”. A produção deste objeto, formaliza-se em um objeto de memórias técnicas, históricas e sensoriais.

# Bule

A cerâmica açoriana possui uma história longa e complexa. Presente praticamente desde o início da povoação do arquipélago, ela teve, nas características de seu solo, fatores que influenciaram desde a estética dos objetos, à sua tipologia e até à sua economia. Dada toda a pesquisa apresentada neste projeto, é inegável que nesta arte existe muita ligação com o solo e com a formação cultural, material e imaterial dos Açores. Desta maneira, foi decidido que seria feito um objeto de cerâmica.

Na procura por qual tipologia de objeto deveria seguir, o autor levou em consideração a vasta quantidade de peças diferentes que fizeram e fazem parte do dia-a-dia açoriano, como foi apresentado no corpo de texto deste projeto. Em sua maioria, nos primeiros anos, foram produzidos objetos para a cozinha e para o uso diário. Grande parte deles ligados à fabricação de alimentos ou o depósito de líquidos. Foi percebido, então, que pouco se via falar de bules de chá em seu início. Estes, pelo que foi identificado por essa pesquisa, começaram a ser produzidos mais tardiamente nos Açores, dado o período que se popularizaram as peças em cerâmica vidrada. Além disso, é reconhecida a importância do chá na história da região, como visto ao longo da pesquisa. Por mais que seja uma produção relativamente nova se for comparada com o milho, com o trigo e com a laranja, o chá mostra a singularidade que este arquipélago em meio ao Oceano Atlântico possui. Após toda a trajetória desta pesquisa, ao rever que, na busca por açorianidade em Florianópolis, os açorianos podem ter sido considerados maus agricultores, foi praticamente impossível não fazer uma associação da contradição existente entre essa afirmação e o fato de que a primeira e atual única fábrica de chá de todo o continente europeu se encontra em meio ao Oceano Atlântico em uma Ilha dos Açores. Este fato, junto com a fundamentação teórica, mostra a grandiosidade do solo e da relação do povo com ele no desenvolvimento da sua cultura e de sua história. Este produto, portanto, surge da ironia de que, na terra-natal de um povo que, por vezes, foi dito como mau agricultor, nasce o chá da primeira e atual única plantação de chá do continente europeu.

É definido, então, que um dos objetos a se produzir seja um bule para chá em cerâmica.

O solo por vezes dificultou a produção da cerâmica açoriana, com seu barro de pouca gordura. Por isso, dada a dificuldade que o solo trouxe para a tradição da cerâmica, é justamente no elemento mais marcante dele, o basalto, que se quer basear a estética dos bules a serem produzidos.

Com os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa bibliográfica e durante os testes feitos anteriormente, levou-se em conta as reações que o basalto possui ao ser levado ao forno de cerâmica. Por vezes, ele ganha tons esverdeados (quando aplicado vidrado transparente e levado a 1030°C) e, em outras situações, tons avermelhados. E estes fatos, naturalmente, foram considerados quando se pensou sobre a estética dos bules.

O bule, por ser um recipiente feito para armazenar água, necessitaria de uma aplicação de vidrado para sua própria proteção e impermeabilização. E, além de resolver esses dois problemas, os vidrados definem as cores e as texturas dos objetos cerâmicos. Juntando isso com as reações do basalto em fornos feitos de cerâmica, decidiu-se tentar criar colorações com basalto em vidrado para aplicação na superfície das peças. Para isso, foi comprado basalto de Santa Maria em pedaços pequenos e feito pó do mesmo com uso de uma peneira. Após isso, o pó foi adicionado a uma mistura de vidrado transparente brilhante de baixa temperatura e aplicado em diferentes peças. Grande parte dos testes foram feitos em simultâneo.



FIG.112  
Basalto sendo peneirado



FIG.113  
Basalto retificado, em grão e peneirado

O primeiro teste em um modelo de bule utilizou a técnica de lastra em barro vermelho. Nele, não se seguiu desenhos pré-definidos, de maneira que a forma resultante seria a relação direta do barro com quem produziu a peça. Após a forma concluída e seca, o bule foi chacoalhado (primeira queima) na mesma temperatura que todas as peças de cerâmica deste projeto (980° C). Posteriormente, recebeu um vidrado transparente brilhante com proporção de 8 partes de água para 10 de pó de vidrado e com adição de 10% de pó de basalto ao seu peso final. O vidrado foi aplicado na parte inferior do bule, para poder ampliar a diferença entre a parte vidrada e a não vidrada. Após esta etapa, o bule foi para o forno numa temperatura de 1030° C. Percebeu-se que, em barro vermelho, o vidrado não cria muitas alterações nas cores. Partículas maiores de pó do basalto criam texturas na superfície e, onde há maiores concentrações de vidrado, é possível ver uma alteração da cor, que fica levemente esverdeada.



FIG.114  
bule para cozedura 980°C



FIG.115  
Vidrado aplicado



FIG.116  
Bule barro vermelho + vidrado com basalto

Após este teste, ainda foi analisado se apenas pó de basalto com água poderia se aderir a peças de cerâmica ou se, após a água evaporar no forno, o pó se deslocaria ao perder água. Foi feita uma peça em barro vermelho para armazenar água potável, em que, depois de chacoçada, foi aplicada, com pincel, uma mistura de pó de basalto com água em uma mistura de 50% de água com 50% de pó de basalto. Esta peça foi para o forno a 1030° C. O basalto aderiu ao objeto e ganhou tons avermelhados, mas ainda sedimentou levemente. E a peça passou a possuir também um aspecto áspero ao toque. Ainda assim, conclui-se que é possível aplicar uma mistura de basalto com água em cerâmica chacoçada.

FIG.117

Barro vermelho com pó de basalto em sua superfície



Outro teste que ocorreu foi em uma peça em barro vermelho produzida pela técnica de lastra, como os dois testes anteriores. Esta, após chacoçada, foi mergulhada em uma mistura de 50% de pó de basalto com 50% de água. Após essa mistura estar seca na superfície, o objeto foi mergulhado em vidro líquido transparente brilhante de baixa temperatura. Em seguida, foi levada ao forno a 1030° C.

Após ser retirada, foi possível ver a reação que ocorreu. O pó

de basalto que se agarrou à cerâmica não permitiu que todo o vidrado também se prendesse, de forma a gerar um padrão aleatório no vidrado. É natural que, quando exista um pó por baixo, ou gordura, por exemplo, o vidrado seja repelido de algumas áreas da superfície a qual foi aplicado.

FIG.118

Vidrado transparente sobre pó de basalto



Foram feitos testes em amostras de grés com baixa adição de pó de basalto pinceladas com um vidrado com mistura de pó de basalto em 15%. Essas amostras receberam diferentes proporções de vidrado.



FIG.119  
Amostras de grés com pó de basalto e vidrado  
com pó de basalto. 1030°C

As amostras com números 1 e 3 tiveram na composição da sua matéria 70% de barbotina de grés, 20% de pó de basalto e 10% de água a mais. A amostra com número 2 e 4 possuía 80% de grés e 20% de pó de basalto sem adição de mais água. A amostra com número 5 é apenas a mistura de 50% da amostra 1 com 50% da amostra 4

Essas peças, após a primeira queima, foram vidradas com vidrado transparente brilhante com adição de 20% de pó de basalto. O vidrado foi pincelado em camadas nas peças, que foram ao forno a uma temperatura de 1030°C.

Como resultado, é possível ver que o grés mudou sua cor natural para um tom levemente mais rosa. As camadas de vidrado, quanto mais grossas, mais esverdeadas ficaram.



FIG.120  
Testes 1,2,3,4,5

Ainda foi feito teste de vidrado em grés com adição de 10% de pó de basalto em sua barbotina e de 20% no vidrado. A peça é feita pela técnica de lastra e cozida a 1030° C. Seguem as cores obtidas:



FIG.121

Pó de basalto em barbotina grés e vidrado. Vista 1



FIG.122

Pó de basalto em barbotina grés e vidrado. Vista 2

Após todos os testes feitos, decidiu-se: Produzir um bule simples, que seja produzido por molde, que seja em grés e vidrado com uma mistura de vidrado transparente com adição de pó de basalto.

## ESBOÇOS





Foi decidido também o desenho, seguindo a lógica que correu até aqui de simplicidade das formas e de linhas retas. Este desenho também busca se referenciar nos vales e montanhas do arquipélago.

Para sua produção foi decidido que o objeto seria produzido por moldes. O fato de não ser feito em uma olaria não parece ser um problema, dado que este projeto se trata da interpretação e dos conhecimentos atuais do autor dentro de sua realidade, e não da busca por uma produção tradicionalmente mais antiga. Além disso, sabe-se que o uso de moldes de gesso foi e é presente na cerâmica açoriana.

Para produção de seu molde, analisou-se a forma desenhada e se procurou a melhor maneira de alcançar a forma desejada ou algo próximo à ela. Foi, então, usado peças de plástico como vasos e jarras, cortados e fixados com cola e fita para a criação da madre do molde.



FIG.123  
Objetos para produção da madre  
para dar forma ao molde do bule

Essas peças unidas formam a madre. Que é aquilo que dará forma ao molde de gesso para a produção dos bules. A partir disto, é feito o molde e esperado que seque em um período de 10 dias. Após esse tempo, são feitos os bules em molde com barbotina de grés. Depois que os bules secam naturalmente em um período de 7 dias são levados para primeira cozedura a 980° C.



FIG.124  
Molde do bule em 3 partes.



FIG.125  
Recipiente com vidrado transparente mate para alta temperatura com pó de basalto.

A barbotina é vertida para dentro do molde e é esperado o tempo necessário para a criação da parede do bule, a depender do clima do dia. Após isso, é retirado o excesso de barbotina e esperado o tempo necessário para se poder retirar o bule do molde. Após ser retirado do molde, o bule deve secar durante alguns dias até ir para a primeira cozedura à 980°C. Então, depois de chacoalhados, os bules são vidrados de formas diferentes. Como o pó do basalto é mais denso que as outras partículas do vidrado, ele tende a sedimentar. Esse fato foi usado para vidrar as peças por técnica de banho de diferentes formas. Algumas teriam maiores concentrações de basalto que outras e depois de saírem do forno seriam analisadas. Esse processo ocorreu de forma empírica, dependendo de situação para situação vendo o comportamento do basalto.



FIG.126  
Bules secando



FIG.127  
Vidrado aplicado



FIG.128  
Vidrado aplicado. Teste de "excesso" e amostra de vidrado em baixa temperatura

Os bules foram ao forno em uma temperatura de 1030° C. Mas, após saírem do forno, percebeu-se que o vidrado comprado não se vitrificou nesta temperatura. Isso fez com que as peças, além de não vitrificadas, ficassem com um toque áspero e esbranquiçado, como se pode ver nas imagens.



FIG.129  
Erro de vidrado

Então, como o grés pode ser levado a altas temperaturas, uma amostra foi colocada no forno a 1200° C. O basalto, nas erupções vulcânicas, chega a temperaturas entre 1100° C e 1250° C. Neste caso, existia uma dúvida a respeito do que aconteceria com o vidrado com o basalto a essa temperatura no forno de cerâmica. O resultado obtido foi apreciado. A cor que se obteve é próxima ao verde, com saliências de pontos mais avermelhados e escuros onde as partículas de basalto são maiores. Assim, em seguida, todas as peças foram cozidas a esta temperatura (1200°C).



FIG.130  
Primeiro bule a ser vidrado em alta temperatura (1200°C). Vista 1



FIG.131  
Primeiro bule a ser vidrado em alta temperatura (1200°C). Vista 2

O resultado obtido é uma variação de tons esverdeados, amarelos, ocres, vermelhos e fortes tons de ferrugem. Estas características seguem as “pistas” encontradas durante os testes anteriores, assim como os estudos bibliográficos. Onde há maior concentração de basalto, a cor chega mais próximo dos tons avermelhados e de ferrugem, cor que lembra o barro da ilha mais antiga, que lembra do vermelho do barro açoriano e de toda a história que o basalto tem com o arquipélago, desde a formação até a cerâmica, como foi visto ao longo da pesquisa. Os locais em que existe acúmulo de basalto apresentaram escorrimento do mesmo.



Bule com pouco acúmulo de basalto em seu vidrado e superfície.  
FIG.132

Quando a camada de vidrado está mais espessa, como é possível ver na figura a seguir, o tom da cor do vidrado fica mais escuro. Nesta imagem, também é possível visualizar os grãos de basalto, que

anteriormente eram pretos, mudarem de cor e trazerem textura à peça.



FIG.133  
Bule com manchas leves de escorrimento e acúmulo

Peças com maior acúmulo de basalto ganham maior variedade de tons na cor. Por vezes, é possível que este acúmulo escorra. Como dito, o basalto, em alta temperatura, aproxima-se de tons terrosos e de ferrugem. Pode-se ver isso nas imagens a seguir.

É decidido então que esta será a identidade de vidro das peças, de forma que as cores obtidas não são totalmente controláveis, são incertas e variam dependendo da concentração de basalto e escorrimento do vidro em cada peça.

Para finalizar o objeto são adicionadas a pega, o filtro e a tampa quando necessários. Alguns bules possuem o filtro na saída de água do produto e outros o filtro de metal é encaixado na tampa de cortiça. As pegas além de poderem ser de variadas formas, podem também fazer parte do corpo de cerâmica do produto. Estas, devido a temperatura de 1250°C tender a mudar a sua forma. Esta situação não é um problema para o projeto.



FIG.134  
Bule com acúmulo de basalto e fundo da peça colado. Vista 1



FIG.135  
Bule com acúmulo de basalto e fundo da peça colado. Vista 2



FIG.136  
Variação de vidro 1



FIG.137  
Variação de vidro 2





FIG.140  
Bule com uso de vidrado brilhante ao invés de mate



FIG.141  
3 bules



FIG.142  
Bule com pega e pinceladas de vidro de basalto



FIG.143  
Bule com pega em madeira queimada e copos com mesmo acabamento sobre  
tábua de criptoméria

## Ramificações deste projeto

Após a percepção das possibilidades de trabalho com este vidro, foram desenvolvidos objetos que resultam do processo de criação dos bules. Foram criados pequenos copos e taças com a adição do vidro com basalto dos Açores, além de uma base para os copos e o bule feito em criptoméria.



FIG.144  
Copo em grés com vidrado de basalto



FIG.145  
Copos com vidrado de basalto empilhados



FIG.146  
Teste em taça 1



FIG.147  
Teste em taça 2



FIG.148  
Ambientação  
bule, copo, taça

Conclui-se esta etapa do projeto com objetos que possuem ligação direta com o solo açoriano, com sua história, com a pesquisa e com o aprendizado do autor. O basalto, tão marcante no solo açoriano, apresenta-se como formador da estética dos objetos por meio de um vidro com tons e cores incertas e que se assemelha ao processo de erosão da terra pela cor e pelo escorrimento lávico, pela textura e pelo movimento das formas. Desta forma, tais objetos se consideram objetos de memória.

Após a conclusão da pesquisa sobre as possibilidades de se criar um vidro com adição de pó de basalto dos Açores, feitos testes e feitas descobertas, considerou-se que poderia ser viável a adição de pó de basalto na estrutura dos objetos. Ou seja, adicionar basalto à barbotina de grés. A ideia é que, mais que trazer a cor do basalto no vidro, o basalto se apresente na estrutura dos objetos. Porém, não se sabia se era possível realmente se fazer essa adição. E quais seriam as consequências se isso fosse feito em peças de alta temperatura. Afinal, se viu que, em baixa temperatura (1030°C), o grés fica um pouco rosado.

A questão é que a temperatura em que o basalto se apresenta fluido quando está na superfície é entre 1100°C e 1250°C. Ou seja, tornou-se interessante a dúvida de qual seria o comportamento de grés com basalto a 1200°C.

Para se testar isso, foi adicionado 25% de pó de basalto ao peso total de barbotina líquida. Após a mistura feita, foram feitos ensaios diferentes, como:

- Misturar barbotina de grés com basalto e sem basalto dentro do molde do bule;
- Criar uma camada fina de barbotina de gres com basalto dentro do bule e preencher com gres “limpo”;
- Pincelar moldes com barbotina grés com basalto e preencher com grés “limpo”
- Produzir a peça em barbotina de grés e pincelar barbotina com basalto por fora.
- Produzir a peça em barbotina de grés e pincelar barbotina com basalto por fora e aplicar vidro.

Após os testes, descobriu-se variadas situações. As peças com maior quantidade de basalto tendem a “derreter”, comprovando o com-

portamento de fundição da rocha a essa temperatura. Porém, ao contrário do vidrado, a cor obtida se aproxima em geral a tons castanhos escuros, cinzas e preto. Ou seja, próximo da cor natural do basalto. O “derretimento” de algumas peças foi tão intenso que deformou por completo algumas e chegou a colar os objetos na base que as apoiava no forno.

Se percebeu que quanto mais basalto se adiciona, maior a possibilidade de escorrimento da peça, mais bolhas e produz e mais próxima de um derramamento lávico se parece.

Uma opção que se mostrou viável e que não apresenta danos às peças é a de pincelar os moldes com barbotina com basalto. Isso faz com que a camada de basalto seja mais fina. Assim, quando levada à alta temperatura, acaba apresentando texturas e cores diferentes da cor obtida em baixas temperaturas. As peças que tiveram os moldes pincelados, quando foram para a primeira queima (980°C), apresentaram um tom levemente mais rosa e sem relevo nas regiões com basalto. Porém, quando levada à alta temperatura, sua coloração muda para castanho escuro, próximo do preto, e ganha textura de pedra.

Desta forma, o basalto novamente mostra ter um alto potencial para produção de objetos que o enaltece; E, novamente, criam-se aqui mais objetos de memória.



FIG.149 Peças antes da primeira queima



FIG.150 Peças ao fundo antes da primeira queima



FIG.151 Bule antes antes de cozer



FIG.152 Bule depois do forno 1200°C



FIG.153  
Bule derretido 1 e copo



FIG.154  
Bule com camada fina pincelada de grés+basalto e vidro transparente fosco



FIG. 155  
Bule derretido 2



FIG.156  
Peça de mistura de grés com basalto na pasta



FIG.157  
Copos com acabamentos variados. Barbotina com basalto e vidradas. Abaixo, criptoméria



FIG.158  
Bule derretido 3



FIG.159  
Bule em que o molde foi pincelado com barbotina grés+basalto e posteriormente enchido com grés. Olhar FIG.151

# Biombo

Como dito no corpo de texto deste projeto no capítulo a respeito do milho, foi em uma viagem pessoal aos Açores que as burras de milho foram vistas pela primeira vez pelo autor desse projeto. Perto da casa que lhe serviu de estadia, também havia uma estrutura dessas. E, em alguns outros pontos pelos caminhos percorridos de carro, outras estruturas deste tipo também foram vistas, ao longe, de forma a fazer sutilmente parte da paisagem, ou mesmo de perto, na Quinta do Martelo. Nesta visita, é explicado ligeiramente o uso das burras de milho e o seu funcionamento. Tratam-se de estruturas feitas em madeira para organizar e secar o milho. Pode existir alguma variação formal a depender de quem a constrói, ou mesmo da quantidade de milho que é produzida no local. É dito, popularmente, que, em tempos passados, a riqueza de uma propriedade era vista pela quantidade de burras de milho que a mesma possuía.



FIG.160  
Burrá de milho

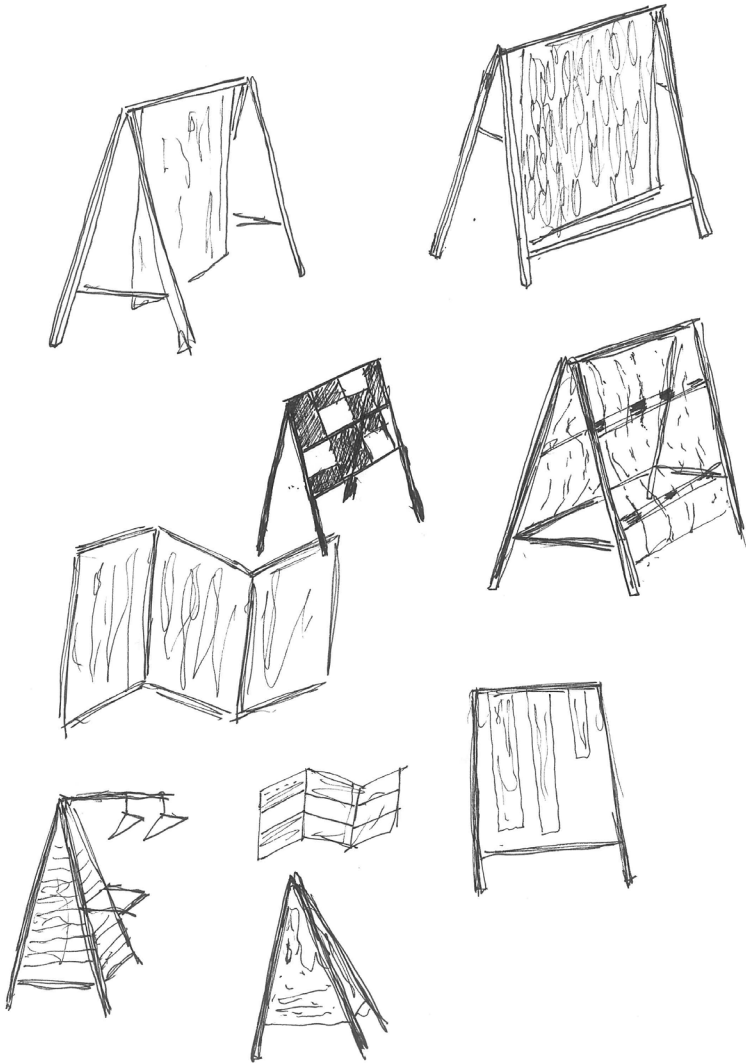
Foi graças às burras de milho ainda presentes na paisagem açoriana que foi despertado o interesse pela pesquisa a respeito do milho na vida dos Açores. Com esta pesquisa, foi possível compreender mais a respeito da história do solo do arquipélago, das produções, das dificuldades, da fome, da miséria, mas também das exportações, da riqueza do solo e da força do povo açoriano para ultrapassar as dificuldades. Para além do milho, foi possível, com essa pesquisa, compreender com maior embasamento histórico a realidade do povo açoriano no século que aconteceu a migração para Florianópolis. Este estudo trouxe respostas para algumas dúvidas, mas, mais que isso, trouxe novas questões a respeito da migração. Quanto mais conhecimento se adquire, maior são as nossas perspectivas e maiores são as nossas dúvidas. Isso foi, durante o projeto, um sinal de que o aprendizado estava a acontecer, e os objetivos aos poucos estavam a ser alcançados. E espera-se que essas novas questões possibilitem não apenas o surgimento de um maior interesse por novas pesquisas e por novos projetos por parte do autor, num caráter pessoal, mas também que possam trazer questionamentos e inspirações a quem vir a se interessar pelo tema.

As Burras de Milho ficaram marcadas na memória. Por este motivo, decidiu-se criar um objeto que trouxesse para o autor a memória deste objeto e a trajetória de seu aprendizado.



FIG.161  
Burra de milho na  
Ilha Terceira

Foram então esboçadas algumas alternativas formais



Após a análise dos desenhos, decidiu-se criar um separador de ambientes, como se fosse um biombo, que fosse esteticamente simples, com formas e linhas retas. E que remetesse à memória das Burras de Milho. Mas, ao mesmo tempo, buscou-se fazer com que sua estética simples marcasse presença em um ambiente.

Para sua produção, foi escolhido trabalhar com a madeira de criptoméria, dada a relevância que ela teve no aprendizado do autor. A técnica escolhida para o acabamento da madeira segue a lógica estética apresentada na produção dos bancos e das cadeiras. Afinal, a ideia é a de se seguir uma mesma linha estética em todos produtos em que a madeira for usada ao longo desse projeto de mestrado. Isto é, madeira escura por carbonização de superfície

O elemento que funciona como separador desta estrutura é resultado de testes das possíveis aplicações das folhas de milho. Decidiu-se não utilizar nenhuma técnica tradicional açoriana de produção de produtos com milho. Isso acontece pelo interesse do autor de manter sua própria visão, de acordo com sua realidade e com suas interpretações, a respeito dos temas do projeto.

Para isso, foram feitos testes de produção de “folhas de papel com folhas de milho”. Em um processo semelhante ao de produção de papel reciclado, foi feita uma mistura de 50% de papel reciclado triturado e de 40% de folhas de milho com 10% de cola. Esta mistura foi posta em um contentor retangular com água. A água foi agitada para mistura e suspensão dos componentes e foi inserida em uma moldura com tela de bambu, em que se assentaram as partes da mistura que tornar-se-iam o papel. As telas secaram até se tornarem as folhas, como é apresentado nas imagens.



FIG.162 Produção  
folha de milho 1



FIG.163 Produção  
folha de milho 2



FIG.164 Produção  
folha de milho 3



FIG.165 Produção  
folha de milho 4

Foram produzidas diversas folhas desta mistura, coladas e depois recortadas em tiras. Após isso, foram inseridas na estrutura feita de madeira.



FIG.166  
Amostra folha de papel com folhas de milho



FIG.167  
Tiras de papel com folha de milho



FIG.168. Tiras do papel posicionadas na estrutura de madeira

Além deste teste com as folhas de milho, foram feitos outros testes, como estão apresentados nas imagens a seguir.

Teste 1: Juntar folhas de milho trituradas com 30% de dição de cola e pressionadas com a mão. Neste caso, ao invés de se produzir folhas finas e translúcidas, são feitas placas.

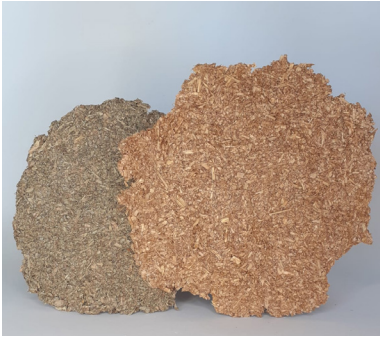


FIG.169 Folhas de milho triturada com 30% de cola



FIG.170 Folhas de milho coladas



FIG.171. Testes com folha de milho triturados com cola e amostra da FIG.170

Estes testes foram feitos tanto com a folha da planta do milho, como também com as folhas (palha) que envolvem a espiga do milho.

Após conversa com o orientador, foi percebido que as técnicas mais interessantes eram as que usavam as folhas que envolvem a espiga do milho e suas folhas sem serem trituradas. Desta maneira, a aparência de palha de milho era percebida com maior facilidade. Isso faz com que a associação com o milho aconteça de uma forma melhor. As folhas trituradas não aparentavam ser feitas de milho.

Assim, decidiu-se que as palhas de milho seriam coladas de modo a formar uma grande folha, que seria posicionada no centro da estrutura de madeira. Essa forma se mostra mais simples que os primeiros testes e possui o mesmo resultado de separar visualmente os ambientes. A escolha da cor natural do milho ocorre também por uma relação de contraste que resulta entre ele e a madeira queimada. O milho foi colado nas duas faces de um tecido de algodão cru.



FIG.172  
Biombo e outros objetos



FIG. 173  
Biombo  
Detalhe



FIG.174  
Biombo  
Vista 1

FIG.175  
B i o m b o  
Vista 2



Este objeto se finaliza após um processo de aprendizado do autor a respeito dos Açores e do seu solo. Com o estudo do milho, aprendeu-se mais sobre a história da terra, sobre os cultivos, como o do trigo, e sobre os momentos bons e também os ruins dos Açores. Com o estudo do milho, foi possível compreender historicamente de uma forma melhor o século em que ocorreram as migrações açorianas para o Sul do Brasil. E este estudo acontece a partir justamente do interesse do autor pelo solo, assim como de sua relação pessoal com ele e com a paisagem do arquipélago. E resulta em um objeto que lhe trará as memórias de seu processo.

# GEO

Durante o processo de produção de peças de cerâmica, pensou-se em produzir um objeto inteiramente feito com o pó do basalto, colocando-o em um forno de cerâmica. Imaginou-se que essa ideia poderia resultar, visto que o pó de basalto ganhou uma estrutura sólida quando foi depositado apenas com a adição de água em uma peça de barro vermelho (FIG.117). Porém, quando não aplicado sobre a superfície de cerâmica, rapidamente se descobriu que o basalto sozinho, em um forno de cerâmica, não conseguia tomar a forma de um objeto, já que era possível destruí-lo com apenas um toque.

Além disso, o fato da alteração de cor do basalto em altas temperaturas foi outro fator para descartar a ideia destes testes. Isso porque, o interesse aqui seria na produção de um objeto que seguisse a cor natural cinza escura da rocha e que possibilitasse também a produção por meio de algum tipo de molde ou modelagem. O objetivo de conseguir produzir um objeto de basalto desta forma (molde ou modelagem) surge, pois geralmente as peças com esse material são feitas a partir da retirada de matéria da rocha, seja por corte ou por outro sistema abrasivo. Conseguir criar um produto que seja feito em molde com o basalto, proporciona uma grande liberdade na criação de formas. Ou pelo menos seria uma forma diferente de se trabalhar com ele, sem utilizar procedimentos “escultóricos”.

Em visita ao site do estúdio Thusthat e ao seu perfil no Instagram, foi visto novamente um termo de que já se tinha ouvido falar em outras ocasiões. Os chamados Geopolímeros. Devido a presença do prefixo “geo”, houve um interesse de se saber mais a respeito.

Resumidamente, os Geopolímeros são polímeros inorgânicos que endurecem em solução alcalina devido ao processo de polimerização. Eles surgem como uma alternativa às argamassas cimentícias. Na sua produção, os componentes possuem alto teor de sílica e alumina<sup>36</sup>

Lembrou-se, então, que o basalto, em sua composição química, aparentemente poderia ser utilizado para se criar uma espécie de geopolímero. Nela, ele apresenta, como seus dois maiores componentes, 49,2% de sílica e 16,7% de alumina.<sup>37</sup> Assim, imaginou-se que seu uso como parte dos componentes na produ Assim, imaginou-se que o seu uso na produção de algo pelo menos similar a um geopolímero poderia

---

36 Palestra Geopolimeros 2021 - Marlon Longhi - Youtube.com

37 Ver em /mundodasrochas/rochas-magmaticas/basalto

gerar bons resultados. Logo, naturalmente, decidiu-se testar esta possibilidade na prática.

A única forma de saber realmente a possibilidade de produção de um material ou compósito que se assemelhasse a isso, foi testar na prática.

Os geopolímeros necessitam de um precursor e de um ativador. No caso, o basalto com sílica e alumina funcionam como o precursor. O ativador é o elemento que faz o “ataque químico” no precursor para iniciar a reação e a produção do material. Esse ativador dissolve o precursor por um ataque ácido ou alcalino.<sup>38</sup> Como ativador, escolheu-se o Silicato de Sódio, juntamente com o Hidróxido de cálcio e, por vezes, o hidróxido de sódio..

Teste A com as proporções:

50% pó de basalto

40% Silicato de sódio

10% Hidróxido de sódio

O procedimento ocorre com a adição do pó de basalto, em seguida a adição do hidróxido de sódio e são misturados. Após isso, é adicionado o silicato de sódio em forma líquida e misturado por 5 minutos. Após isso, esperou-se 30 minutos e a composição já adquire estrutura sólida.



FIG.176  
Teste A

Teste B com as proporções:

- 50% pó de basalto
- 30% Silicato de sódio
- 10% Soda cáustica
- 10% água

O procedimento ocorreu com a adição do pó de basalto, seguida da adição da soda cáustica. Adicionou-se a parte de água e se fez a mistura. Após isso, foi adicionado o silicato de sódio em forma líquida e misturado por 5 minutos. Esperou-se 30 minutos e a composição não enrijeceu. Após 24h ainda não havia curado. Então, a composição foi misturada manualmente novamente e, em 5 minutos, ficou sólida. Porém, mostrou-se mais quebradiça.



FIG.177  
Teste B

Teste C com as proporções:

- 50% pó de basalto
- 40% Silicato de sódio
- 10% Hidróxido de cálcio

Em busca de uma composição menos líquida e que proporcionasse maior plasticidade e a possibilidade de modelagem, foi trocado o hidróxido de sódio pela cal hidratada (hidróxido de cálcio). Elas su-

postamente possuem o mesmo papel na composição dos geopolímeros, Porém, imaginou-se que, por sua composição em pó, diferente do hidróxido de sódio, a cal hidratada tinha a mais chances de gerar os efeitos desejados. E o experimento foi um sucesso. Foi observado que a massa produzida por esta mistura possuía características mais plásticas. E isso possibilitaria a modelagem das peças, visto que as outras tentativas eram mais líquidas e proporcionavam apenas o uso de moldes.



FIG.178  
Teste C

Por fim, foram desenhadas formas de vasos/contentores que possibilitassem dar forma para aquilo que foi apreendido durante este processo. As formas seguem a lógica do painel de conceitos, assim como todos os outros produtos buscaram seguir. A possibilidade de produção das peças em moldes e as suas cores seguiram a cor original do basalto satisfizeram as necessidades iniciais.

### Proporções

Basalto 50%  
Silicato 40%  
Cal 10%

Para a produção das peças foram usadas folhas de acetato para os moldes.

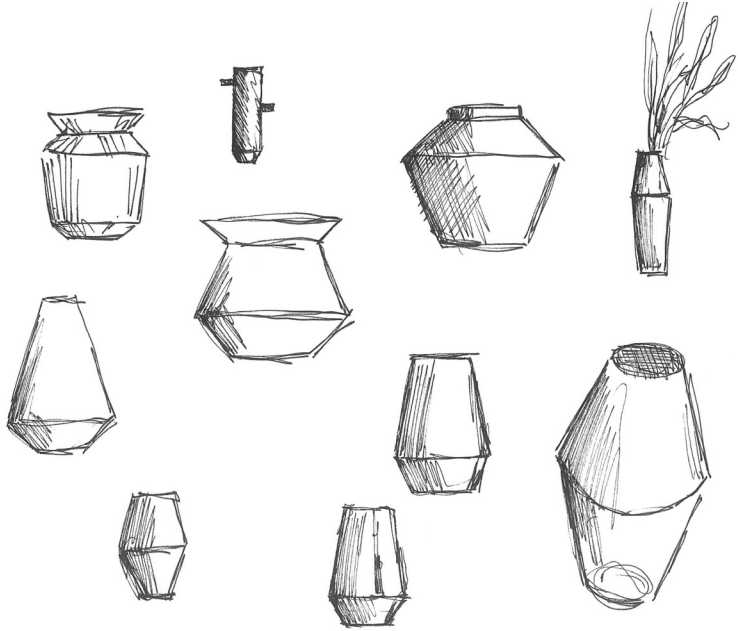


FIG.179 Gabarito da forma do molde em papel e molde montado



FIG.180  
Teste pequeno por enchimento de molde



FIG. 181  
Vaso

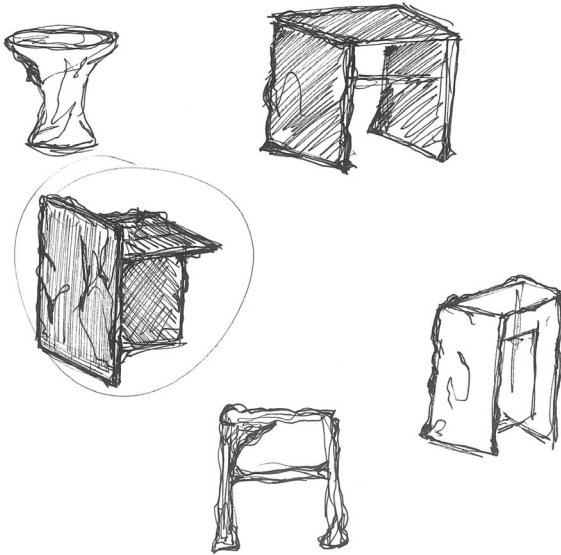


FIG.182 Vaso

## Banco Geo

Após a execução dos produtos para sentar e das análises do comportamento do material à base de basalto, decidiu-se criar um objeto com a junção destas ideias. Com o intuito de criar um objeto de sentar que tivesse características estéticas que remetesse ao basalto por completo, foi desenvolvido um banco com adição deste material. Sua estética deveria buscar a ideia de basalto fundido e escorrido, que mistura formas retas estruturais junto de uma irregularidade de sua superfície. Buscou-se lembrar das formações de basalto que se encontram na superfície das ilhas.

Esboço da forma



O objeto tem como base estruturante uma montagem em madeira de criptoméria, com adição da tentativa de geopolímero à base de basalto.

Para isso, a mistura é feita com 60% de basalto, 30% de silicato de sódio e 10% de cal hidratada. A escolha da cal foi feita, pois ela não só permite uma melhor plasticidade do material para este tipo de trabalho, como também possui um processo de cura que libera uma quantidade de água menor. A redução da porcentagem de silicato (líquido) também ocorre para fazer com que o material aplicado fosse uma espécie de massa (mais plástico) e não um líquido.



FIG.183 Estrutura de criptoméria



FIG.184  
Banco com geopolímero e outros objetos



FIG.185  
Detalhe superfície do banco



FIG.186. Banco GEO



FIG.187  
Banco GEO vista lateral

Visto o percurso até a produção destes objetos, considera-se que os objetivos foram alcançados. O caminho teve início no interesse de pesquisar o solo e depois seguiu para o estudo do basalto, que vai desde as pesquisas bibliográficas até as experiências do autor com esse basalto como material. Além disso, para se construir os objetos apresentados, passou-se por outras etapas de aprendizado e de experimentação, como foi o caso dos projetos envolvendo o basalto e os fornos para cerâmica. No fim, os objetos que foram apresentados fazem parte da interpretação do autor, do seu aprendizado e da sua realidade. E como, dentre os projetos já feitos pelo autor em seu percurso acadêmico, existiram projetos ligados a materiais como o chamado “cimento mole”, este tema ganha relevância no processo. Assim, percebe-se que existe um interesse anterior em estudos de materiais e compósitos.

Por fim, estes objetos são, mais do que objetos finais, um grande indicador de que novas possibilidades devem ser exploradas. Afinal, percebeu-se que é possível trabalhar o basalto se utilizando de novas formas, formas que vão além da retificação da rocha. E se espera que esses objetos sirvam para mostrar que novas pesquisas e que novos projetos envolvendo esse material podem ser válidos e que, por isso, devem ser feitos e explorados. Além disso, este projeto também faz o autor lembrar sua relação com o material e a sua adaptação a ele, como aconteceu na adaptação e interpretação dos antigos açorianos ao seu solo e à sua paisagem.



FIG.188 Bule, taça e copo





FIG.189 Objetos variados



FIG.190.Ambientação de objetos variados

FIG.191 Objetos variados 2





# Considerações finais

Acredita-se que os objetivos traçados pelo projeto foram alcançados, pois as soluções materiais, que foram aqui desenvolvidas, passaram por um processo considerado essencial pelo autor, que foi o de aprendizado pessoal a respeito dos Açores, especialmente por ele sentir uma necessidade individual de saber mais sobre o povo que influenciou o local em que ele nasceu. Além disso, considera-se que, por meio dos projetos e do caminho percorrido neste processo, foi produzida uma pesquisa e alguns produtos que visam auxiliar no aprendizado, na criação de uma memória e no enaltecimento do solo como formador de uma identidade açoriana, tanto para o autor, como para quem se interessar pelo assunto. O projeto mostra, de forma breve, a real relevância que o solo tem na história açoriana. E, por meio desse estudo focado nele, foi possível adquirir maiores conhecimentos históricos sobre um povo e uma cultura que tiveram influência na vida do autor, assim como foi possível também se desenvolver novas técnicas de criação de produtos. Tais conhecimentos são levados tanto para o âmbito pessoal, quanto para o criativo, tendo forte influência sobre a produção dos objetos.

O autor, que antes possuía um imaginário açoriano “contaminado” por pensamentos comuns relacionados a suas diásporas, procurou na história escrita, na história falada e ao visitar presencialmente o território português por meios de enxergar os Açores com outros olhos. Afinal, até então, por mais que ele tenha nascido em uma diáspora açoriana e tenha sido criado em outra, ele ainda considerava ter pouco contato com os Açores. Este processo fez com que, além da história açoriana, houvesse também uma jornada de autoconhecimento. Inclusive, um dos grandes desafios do projeto era conseguir conciliar o interesse do autor por sua própria história, e pela história em geral, e sua vontade de repassar esse seu aprendizado à criação de uma pesquisa que possibilitasse a produção de novos produtos. Pois o autor acredita que o designer, como indivíduo criativo, pode e deve ter forte ligação com sua história e com o seu passado. Neste processo, percebeu-se que esta forma de projetar objetos, fortemente baseada em um estudo histórico como seu ponto inicial, é uma das formas

que mais agrada ao autor. Levar o design para além da forma é, para o autor, mostrar o apreço e o respeito que o design pode ter ao projetar objetos.

Através desta pesquisa, foi possível compreender a formação do arquipélago açoriano não só como espaço geográfico, mas como comunidade. Compreender os Açores “isoladamente”, e a formação da sua identidade, mostrou-se fundamental para a posterior compreensão mais crítica a respeito do território onde o autor nasceu, cresceu e se desenvolveu, tanto como designer, quanto como indivíduo social.

A respeito dos objetos, compreende-se que todos eles poderiam percorrer caminhos diferentes se fossem projetados por outras pessoas, ou mesmo se outras decisões fossem tomadas pelo próprio autor no decorrer do projeto. Mesmo que isso pareça óbvio, é algo a se considerar, pois a bagagem e a relação de cada indivíduo com o seu projeto disponibilizam diversos caminhos a se percorrer. Quem lê este projeto, devido à sua relação pessoal com o tema, provavelmente não escolheria os mesmos caminhos que o autor escolheu. Inclusive, é sempre interessante se pensar nos motivos pelos quais determinados caminhos são escolhidos. Afinal, a relação do autor com o tema apresentava várias possibilidades. E, por isso, foi necessário se fazer uma escolha, se tomar uma decisão em relação a quais caminhos se deveria percorrer. .

Considera-se ainda que, mais que objetos finais, todos os produtos possuem potencial de serem ainda mais explorados, tanto pelo autor, como por outras pessoas que se interessarem pelos temas. Além da pesquisa, que expandiu os conhecimentos pessoais, este projeto possibilitou a exploração de materiais e de técnicas novas. Como exemplo, foi desenvolvido uma pigmentação em vidro a partir da rocha de basalto. O basalto, inclusive, foi explorado de uma forma pouco comum, sendo matéria-prima para a criação de objetos em que ele raramente é utilizado, como ocorreu na construção dos pratos de pedra. E, nesse processo, foi descoberto pelo autor, isto é, por meio de sua exploração, novas possibilidades de aplicação de vidro em basalto e de suas variações tonais causadas por sua exposição ao forno de cerâmica. Nesse ponto, mostra-se como a produção de objetos esteve ligada à fundamentação teórica. Para além desses objetos, foi desenvolvido um material com fortes semelhanças aos geopolímeros com base

em rocha basáltica. Foram testadas variações e também apresentados novos objetos. E esses servem não só como objetos finais deste projeto, mas também como possíveis referências para novas explorações de tal material.

Após a entrega, este projeto busca continuação, dado o potencial investigativo que os objetos e materiais possibilitaram, tanto para a produção dos objetos aqui apresentados, quanto como em novos objetos e linhas de pesquisa.

Assim, definitivamente o geopolímero será mais explorado nas suas possibilidades de aplicação e de melhorias do material, junto também com o basalto inserido em barro ou em vidrado, que possui ainda mais potencial para aplicação e para criação de novas formas. Os bules, por exemplo, já foram diversas vezes objetos de interesse de compra.

Ou seja, como dito anteriormente, estes objetos, mais que objetos finais, são uma apresentação de novas possibilidades de produção e de investigação. Visto que o projeto é público, espera-se que ele sirva para o aprendizado de alguém e para o surgimento e exploração de novas técnicas.

Como visto na fundamentação teórica, pode ser considerado que a memória pura e natural já não existe, e o que resta dela são rastros, como os lugares de memória. Dado o fato que o autor não possuía uma relação direta com os Açores e, conseqüentemente não existia memória real, considerou-se que ele foi em busca de seus “objetos de memória”, que, neste caso, foram criados a partir do seu anseio em descobrir mais sobre o solo e também do próprio desenvolvimento de sua pesquisa. A partir daí, o seu aprendizado foi finalizado e concretizado através de objetos que são, para ele, símbolos de memória não apenas dos Açores, mas também do próprio caminho que ele decidiu trilhar nesse projeto.

Ainda assim, vale lembrar que a pesquisa deixou algumas lacunas para o autor, que ainda possui grande interesse em investigar mais essa questão das origens dos povos que influenciaram a cultura de sua terra-natal, como os povos originários da América. Há ainda um forte interesse em pesquisar mais sobre os Açores e sobre o seu solo. Para ele, essa mistura de um estudo histórico, dessa busca pela memória, e do design se mostrou muito interessante. E se tornou um caminho que ele pretende continuar a explorar.



# Rerefências Bibliográficas

ABREU, Manuela Silva Nunes Reis. 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.

BRASIL. Câmara Municipal. PROJETO DE LEI Nº 174/2017 de 1 de dezembro da Câmara Municipal de São José - Santa Catarina, 2017.

AMBROSINI, Larissa Bueno; OLIVEIRA, Carlos Alberto de. Indicação geográfica para frutas: Critérios de concessão e objetivos, uma análise comparativa de casos europeus e brasileiros. Potencialidades para a obtenção de Indicação Geográfica (IG) por parte do abacaxi (*Ananas comosus*) de Terra de Areia - RS, Santa Maria, RS: Extensão Rural, DEAER - CCR - UFSM, Santa Maria, v.24, n 3 jul./set. 2017.

Azeredo, Flávio Antônio de. Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] / Flávio Antônio de Azeredo. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2019.

CANTO, Ernesto do. Carta de elrei de 11 de Setembro de 1550 : Fundação da cidade da Bahia e colonos das ilhas. Arquivo dos Açores (Arquivo dos Açores), Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, v. 12, p. 1-586, 1892. Obra reeditada pela Universidade dos Açores de 1980 a 1984.

CARMO, Francisco. O meio rural açoriano. ARQUIPÉLAGO. Ciências Sociais, Açores: Universidade dos Açores, ed. 1, ano 1986, p. 33-63.

COELHO, Maria Helena da Cruz. O Portugal quatrocentista: Um reino de onde partiram para os Açores. Revista Portuguesa de História, Coimbra: Universidade de Coimbra, t. XXXI, Vol. I, ano 1996, p. 99-130.

COSTA, Manuel Paulino Soares Ribeiro da. Muros de Basalto Negro: um repositório da geodiversidade, da biodiversidade e da História da ilha do Pico. Douro e Pico. Paisagens culturais patrimônio mundial. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória - Porto. Dezembro de 2019 p. 7-19

COSTA, Cláudia Daniela Pereira. Avaliação da atividade anti-Candida do chá verde dos Açores Experiência Profissionalizante na Vertente de Farmácia Comunitária, Hospitalar e Investigação. Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Farmacêuticas - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR. Covilhã, junho de 2013.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Título original: The Established and the Outsiders: A sociological Enquiry into community Problems. ISBN: 8571105472.

Enciclopédia Açoriana. Cerâmica. Cultura. Governo dos Açores. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=1615>>. Acesso em: 2/12/2020

FERREIRA, António de Brum. Geodinâmica e perigosidade natural nas ilhas dos Açores. Finisterra, XL, 79, 2005, p. 103-120.

FERREIRA, Sérgio Luiz. “Nós não somos de origem”: Populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil (1780-1960). Orientador: Joana Maria Pedro. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (UFSC), 2006.

FRUTUOSO. Saudades da terra : livro III / Doutor Gaspar Frutuoso ; [Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues] - Nova ed. - Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998/1586-1590. Ass: AÇORES / HISTÓRIA / HISTORIOGRAFIA AÇORIANA. séc. 15 -16

FRUTUOSO. Saudades da terra : livro IV / Doutor Gaspar Frutuoso ; [Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues] - Nova ed. - Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998/1586-1590. Ass: AÇORES / HISTÓRIA / HISTORIOGRAFIA AÇORIANA. séc. 15 -16

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. 392 p. Título original: The invention of tradition. ISBN: 978-85-7753-209-4.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Patrimônio Cultural Imaterial : para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. ~ 3. ed. ~ Brasília, DF : Iphan, 2012

LINS, Tarcila Rosa da Silva. MÉTODOS DE PROTEÇÃO DA MADEIRA PARA CONTROLE DE BROCAS MARINHAS. Dissertação apresentada ao curso de PósGraduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. CURITIBA 2020.

MACHADO, Margarida Vaz do Rego. O milho nos finais de setecentos na ilha de S; Miguel. Arquipélago: História, Ponta Delgada, Açores, v. 1, p. 175-188, 1995. ISSN 0871-7664.

MACHADO, Théa Mirian Medeiros; MACHADO, Maria Márcia Magela; HAMAKAWA, Paulo José. As rotas marítimas do Brasil colônia, os suprimentos e as mercadorias a bordo. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica: Passado presente nos velhos mapas: conhecimento e poder, Paraty, RJ, 2011.

MEDEIROS, Carlos Alberto. Nota sobre os primórdios da emigração açoriana e a ocupação do sul do Brasil . Cadernos de Geografia, Coimbra: Universidade de Coimbra, Número 17, ano 1998, p. 139-143.

MOURA, Mario Fernando Oliveira. Introdução da cultura do chá

na Ilha de S. Miguel no século XIX (subsídios históricos). Doutoramento em História Insular e Atlântica (Séculos XV – XX). FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E ARTES. Universidade dos Açores. 2018

NACAGUMA, Simone. A AÇORIANIDADE DE VITORINO NEMÉSIO E O RETORNO A PHYSIS. ANAIS DO SETA, Número 3, 2009. pp. 870-880

NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES.v. 10 (1993): JUL./DEZ. HISTÓRIA E CULTURA. Copyright (c) 2012 Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História

PACHECO, J.M. et al. (2013) - Notas sobre a geologia do arquipélago dos Açores. In: R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha, J.C. Kullberg (Eds), Geologia de Portugal, vol. 2, Escolar Editora, p. 595-690.

PARELHO, Carolina. Solos vulcânicos: vulnerabilidade à poluição agrícola. Açoriano Oriental, Açores Magazine, UAciência. Ponta Delgada. Açores. Outubro 2014. pp. 26-27.

PONTES, Mylene Silva de. Construindo Visibilidades na Cidade de São José/SC: Uma Proposta de Ensino de História e Patrimônio Cultural dos Povos Africanos e Afrodescendentes.. 9º ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, Florianópolis (UFSC), maio. 2019

PIMENTEL, Afonso Alberto Pereira. Identidade, globalização e açorianidade. Dissertação de Mestrado, Estudos Interculturais (Dinâmicas Insulares), Universidade dos Açores. 31 de Março de 2014.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. 8 de Março de 2003. Budapeste. Título original: “Memory, history, oblivion” Conferência internacional: “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”

RILEY, Carlos Guilherme. A emigração açoriana para o Brasil no século XIX: braçais e intelectuais. ARQUIPÉLAGO. História, Açores: Universidade dos Açores, 2ª série, vol. 7, ano 2003, p. 143-172

ROCHA, Gilberta Pavão Nunes et al. O Arquipélago dos Açores como região de fronteira. Arquipélago: História, Açores: Universidade dos Açores, ed. 2ª série, IX, ano 2005, p. 105-140.

ROCHA, Gilberta P. N.; RODRIGUES, José Damião. A emigração açoriana para o Brasil: ritmos e destino. Deslocamentos e Histórias: Os Portugueses, Bauru, SP, p. 245-258, 2008.

RODRIGUES, José Damião. Sociedade e administração nos Açores (século XV-XVIII) : o caso de Santa Maria. Arquipélago: História, Açores: Universidade dos Açores, ed. 2ª série, vol. 1, nº 2, ano 1995, p. 33-63.

SILVA, Carmen Sofia Rocha. Análise da Evolução da Ocupação e Uso do Solo no Concelho de Angra do Heroísmo: Influência nos Movimentos de Terreno e de Vertente. Orientadora: Doutora Maria

SILVA, Rui Manuel Esteves da. O Chá Em Portugal: História e Hábitos de Consumo. Dissertação de Mestrado Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. Universidade do Minho Instituto de Letras e Ciências Humanas. janeiro de 2014.

SOUSA, Élvio Duarte Martins. Ilhas de arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (Séculos XV-XVIII Volume I. 2011.

## Vídeos

A Marca Invisível. Realização de Manuel Cunha. RTP AÇORES.25 Fev. 2022

. Disponível em: <<https://www.rtp.pt/play/p10035/e601362/a-marca-invisivel>>. Acesso em 26 Fev. 2022

Mal-amanhados - Novos Corsários das Ilhas.RTP Açores. 10 episódios. 2020. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/pesquisa?q=mal+amanhados>. Acesso em: 21/07/2020

Palestra Geopolimeros 2021. Youtube,21 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6QGQEt5eENk&t=2826s>> Acesso em: 10/01/2022

Roger Chartier: O passado no presente - Memória e História. Parte 01. Youtube, 25 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mXHt3vVVwsw&t=295s>>. Acesso em: 12/01/2022

# Lista de Figuras

- FIG.1 Esquema metodológico usado- Fonte: Acervo pessoal
- FIG.2 Porto Alegre - Fonte: <https://prefeitura.poa.br/gp/projetos/conheca-porto-alegre>
- FIG.3 CTG (Centro de Tradições Gaúchas)
- FIG.4 Autor do projeto vestido com indumentária gaúcha ao se apresentar com a dança do Pezinho - Fonte:Acervo pessoal
- FIG.5 Praia dos Açores - Florianópolis - Fonte: <https://destinoflorianopolis.com.br/praiha-dos-acoeres-sul-da-ilha-floripa/>
- FIG.6 Arquitetura Açoriana presente no Ribeirão da Ilha, Florianópolis - Fonte: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana>
- FIG.7 Centro de Florianópolis - Fonte: Osni Pereira
- FIG.8 Centro de Florianópolis - Fonte: Osni Pereira
- FIG.9 Açores(esquerda) e Continente Português (direita) - Fonte: Google Maps <https://www.google.pt/maps/@38.1958289,-15.4445996,5z?hl=pt-PT>
- FIG.10 Ilhas dos Açores e respectivos grupos - <https://byacores.com/-quantas-ilhas-tem-os-acoeres/>
- FIG.11 Notícia do Jornal Público a respeito dos sismos em São Jorge - Fonte: <https://www.publico.pt/2022/03/24/sociedade/noticia/sismos-acoeres-preparado-retirada-pessoas-sao-jorge-2000014>
- FIG.12 Mapa “Insulae Azores”. Possível mapa mais antigo a registrar os Açores - Fonte: <https://purl.pt/4004>
- FIG.13 Angra do Heroísmo e Monte Brasil vistos do Alto da Memória - Fonte: <http://ot.azores.gov.pt/up/36>
- FIG.14 - Percurso das duas viagens feitas por Hans Staden ao Brasil no Século XVI, por Pieter van der Aa, 1706 - Fonte Machado et al (2011 p.7)
- FIG.15 Costa litorânea Açores - Fajãs do Pico - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.16 Escarpas no litoral dos Açores - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.17 Litoral em Florianópolis - Fonte: <https://www.ima.sc.gov.br/index.php/noticias/1597-ima-divulga-ultimo-relatorio-de-balneabilidade-da-temporada-de-verao-2021>
- FIG.18 Preparativos para pesca. Litoral de Florianópolis - Fonte: EPAGRI <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/2020/05/15/coronavirus-em-sc-com-medidas-de-protecao-pescadores-aguardam-os-cardumes-para-a-pesca-da-tainha/>
- FIG.19 Gado na Ilha Terceira - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.20 Visita ao museu Baleeiro- Ilha Terceira - Fonte: Acervo pessoal

- FIG.21 Em viagem aos Açores. Ilha Terceira e suas terras - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.22 Ilha do Pico . Região costeira e vinhas - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.23 Touro bravo Ilha Terceira - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.24 Arquitetura açoriana em Florianópolis - Fonte: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana>
- FIG.25 Festa do Divino Espírito Santo nos Açores - <https://folclore.pt/festa-do-divino-espirito-santo/>
- FIG.26 Festa do Divino Espírito Santo em Florianópolis - Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/05/24/ciclo-de-festas-do-divino-espirito-santo-comeca-neste-sabado-em-florianopolis-ransito-sera-alterado.ghtml>
- FIG.27 Mar nos Açores - Acervo pessoal
- FIG.28 Açores - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.29 Florianópolis - Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/ve-rao/2014/noticia/2013/12/casarios-acorianos-guardam-historia-da-colonizacao-em-florianopolis.html>
- FIG.30 Solo e paisagem - Açores - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.31 Na Ilha Terceira - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.32 Casa tradicional. Ilha do Pico - Fonte: <http://ot.azores.gov.pt/up/86>
- FIG.33 Fajã de São João - São Jorge - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.34 Floresta natural - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.35 Ilha do Pico - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.36 Entre as rochas negras - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.37 Deserto vermelho - Santa Maria - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.38 Paisagem das vinhas - - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.39 Muros e Vinhas - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.40 Ilha do Pico - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.41 Casa em pedra - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.42 São Jorge - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.43 Faial - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.44 São Miguel - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.45 Sebe de Criptoméria - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>
- FIG.46 Floresta natural vista de cima - Açores - Fonte: <http://siaram.azores.gov.pt/>

- FIG.47 Floresta Ilha Terceira vista de dentro - Acervo pessoal
- FIG.48 Floresta de criptoméria
- FIG.49 Autor do projeto em um milharal - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.50 Burra de milho - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.51 Milho e folhas de milho - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.52 Cerâmica açoriana. Fotografia da marca Açores - Fonte: <https://9idazoresnews.com/olaria-tradicional-as-maos-dos-uten-silios-acorianos/>
- FIG.53 Cerâmicas de barro vermelho - Ilha Terceira - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.54 Cerâmica figurativa por molde - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/ceramica/ceramica-figurativa/>
- FIG.55 Louça vidrada dos Açores em Museu de Angra do Heroísmo - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.56 Oleiro - Fonte: <https://agendacores.pt/top-azores-artesanato-dos-azores/>
- FIG.57 Peças de olaria - Fonte: <http://angradoheroismo.pt/artesanato-em-ceramica/>
- FIG.58 Cerâmica em barro vermelho - Fonte: Cerâmica em barro vermelho
- FIG.59 Plantação de chá - Açores - Fonte: <https://byacores.com/fotografias/sao-miguel/plantacao-de-cha-porto-formoso-sao-miguel>-FIG.60
- Plantação de chá da Gorreana - Fonte: <https://agendacores.pt/plantacao-e-producao-do-cha-dos-azores/>
- FIG.61 Plantações de chá vista aérea - Açores - Fonte: <https://azoresgetaways.com/pt-ca/destination/azores/general-articles/tea-plantations-in-the-azores>
- FIG.62 Peças de olaria - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/ceramica/olaria/>
- FIG.63 Azulejos - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/ceramica/azulejaria/>
- FIG.64 Peças em faiança - -Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/ceramica/faianca/>
- FIG.65 Tecelagem - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/tecelagem/>
- FIG.66 Cestaria - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/fibras-vegetais/cestaria-2/>
- FIG.67 Boneca de folha de milho - Fonte: <http://artesanato.azores.gov.pt/azores-crafts/a-folha-de-milho/>

- FIG.68 Bordado Branco - Fonte:<http://artesanato.azores.gov.pt/artesana-to/bordados/>
  - FIG.69 Emicida - Fonte:<https://www.almadascotes.com.br/2020/03/emicida-apresenta-seu-novo-show-amarelo.html?spref=pi>
  - FIG.70 Magnus Nilsson - Fonte: <https://www.latimes.com/food/la-fo-magnus-nilsson-faviken-restaurant-sweden-closing-20190506-story.html>
  - FIG.71 Prato de Magnus Nilsson 1 - Fonte: <https://www.latimes.com/food/la-fo-magnus-nilsson-faviken-restaurant-sweden-closing-20190506-story.html>
  - FIG.72 Prato Magnus Nilsson 2 - Fonte: <https://www.davidlebovitz.com/-faviken-restaurant-sweden/>
  - FIG.73 Pintura em homenagem a Franklin Cascaes em Florianópolis -Fonte:<https://ndmais.com.br/cultura/mural-sobre-franklin-cas-caes-ganha-novos-elementos/>
  - FIG.74 Balanço bruxólico de Franklin Cascaes - Fonte: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/8956-8956-cascaes>
  - FIG.75 “Terra” de Tiago Canário - Fonte: [/www.oficinasdoconvento.com/?p=15156ht](http://www.oficinasdoconvento.com/?p=15156ht)
  - FIG.76 Processo de Margie Livingston - [https://www.gregkucera.com/\\_images/livingston/2018/livingston\\_Lake-22-reflection\\_horizontal\\_web.jpg](https://www.gregkucera.com/_images/livingston/2018/livingston_Lake-22-reflection_horizontal_web.jpg)
  - FIG.77 Resultado e Margie Livingston - [https://www.gregkucera.com/livingston\\_extreme-painting.htm](https://www.gregkucera.com/livingston_extreme-painting.htm)
  - FIG.78 Polderceramics 1 - Fonte: <https://www.ateliernl.com/projects/polderceramics>
  - FIG.79 Polderceramics 2 - Fonte: <https://www.ateliernl.com/projects/polderceramics>
  - FIG.80 Polderceramics 3 - Fonte: <https://www.ateliernl.com/projects/polderceramics>
  - FIG.81 “This is cooper” - Fonte: <https://thusthat.com/This-is-Copper>
  - FIG.82 Visita ao museu de Angra do Heroísmo - Fonte: Acervo pessoal
  - FIG.83 Painel de referências estéticas - Fonte: Acervo pessoal
  - FIG.84 FIG.84
- Cores do basalto após 1030°C. A pedra preta não foi para o forno. -  
Fonte: Acervo pessoal
- FIG.85 Basalto com superfície (esquerda) não vidrada após levado ao forno 1030°C - Fonte: Acervo pessoal

- FIG.86 Superfície vidrada - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.87 Superfície não vidrada - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.88 Produção do prato - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.89 Prato de basalto com superfície interior vidrada - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.90 Prato após ir para o forno vidrar (frente) e basalto natural (fundo) - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.91 Produção do prato em basalto - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.92 Prato em basalto natural. Detalhe - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.93 Prato em basalto natural. Ambientação - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.94 Prato e outros objetos do projeto - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.95 Banco sendo queimado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.96 Detalhe do banco - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.97 Banco 1 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.98 Banco 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.99 Processo de produção “Ensaio 3 objeto de sentar”
- FIG.100 Queima da madeira 1- Fonte: Acervo pessoal
- FIG.101 Queima da madeira 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.102 Ensaio 3.Banco final - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.103 Ensaio 3.Banco final - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.104 Ensaio 3.Banco final - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.105 Equipamento de furação e testes - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.106 Teste de posição dos fios - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.107 Adaptação da lâmpada para o sistema de receptáculo escolhido - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.108 Entrada de energia possibilita usar sem fio (para vela) - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.109 Luminária ao centro - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.110 Objeto como candelabro - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.111 Candelabro - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.112 Basalto sendo peneirado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.113 Basalto retificado, em grão e peneirado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.114 bule para cozedura 980°C - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.115 Vidrado aplicado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.116 Bule barro vermelho + vidrado com basalto - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.117 Barro vermelho com pó de basalto em sua superfície - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.118 Vidrado transparente sobre pó de basalto - Fonte: Acervo pessoal

- FIG.119 Amostras de grés com pó de basalto e vidrado com pó de basalto. 1030°C - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.120 Testes 1,2,3,4,5 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.121 Pó de basalto em barbotina grés e vidrado. Vista 1- Fonte: Acervo pessoal
- FIG.122 Pó de basalto em barbotina grés e vidrado. Vista 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.123 Objetos para produção da madre para dar forma ao molde do bule - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.124 Molde do bule em 3 partes. - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.125 Recipiente com vidrado transparente mate para alta temperatura com pó de basalto. - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.126 Bules secando - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.127 Vidrado aplicado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.128 Vidrado aplicado. Teste de “excesso” e amostra de vidrado em baixa temperatura - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.129 Erro de vidrado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.130 Primeiro bule a ser vidrado em alta temperatura (1200°C). Vista 1 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.131 Primeiro bule a ser vidrado em alta temperatura (1200°C). Vista 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.132 Bule com pouco acúmulo de basalto em seu vidrado e superfície. - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.133 Bule com manchas leves de escorrimento e acúmulo - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.134 Bule com acúmulo de basalto e fundo da peça colado. Vista 1 -
- FIG.135 Bule com acúmulo de basalto e fundo da peça colado. Vista 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.136 Variação de vidrado 1 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.137 Variação de vidrado 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.138 Variação de vidrado 3 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.139 Bule com pega em mesmo material e acabamento - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.140 Bule com uso de vidrado brilhante ao invés de mate - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.141 3 bules - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.142 Bule com pega e pinceladas de vidrado de basalto - Fonte: Acervo pessoal

- FIG.143 Bule com pega em madeira queimada e copos com mesmo acabamento sobre tábua de criptoméria - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.144 Copo em grés com vidrado de basalto - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.145 Copos com vidrado de basalto empilhados - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.146 Teste em taça 1 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.147 Teste em taça 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.148 Ambientação bule, copo, taça - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.149 Peças antes da primeira queima - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.150 Peças ao fundo antes da primeira queima - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.151 Bule antes de cozer - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.152 Bule depois do forno 1200°C - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.153 Bule derretido 1 e copo - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.154 Bule com camada fina pincelada de grés+basalto e vidrado transparente fosco - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.155 Bule derretido 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.156 Peça de mistura de grés com basalto na pasta - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.157 Copos com acabamentos variados. Barbotina com basalto e vidradas. Abaixo, criptoméria - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.158 Bule derretido 3 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.159 Bule em que o molde foi pincelado com barbotina grés+basalto e posteriormente enchido com grés. Olhar FIG.151 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.160 Burra de milho - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.161 Burra de milho na Ilha Terceira - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.162 Produção folha de milho 1 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.163 Produção folha de milho 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.164 Produção folha de milho 3 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.165 Produção folha de milho 4 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.166 Amostra folha de papel com folhas de milho - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.167 Tiras de papel com folha de milho - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.168 Tiras do papel posicionadas na estrutura de madeira - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.169 Folhas de milho triturada com 30% de cola - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.170 Folhas de milho coladas - Fonte: Acervo pessoal

- FIG.171. Testes com folha de milho triturados com cola e amostra da FIG.170 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.172 Biombo e outros objetos - - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.173 Biombo Detalhe - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.174 Biombo Vista 1
- FIG.175 Biombo Vista 2 - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.176 Teste A - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.177 Teste B - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.178 Teste C - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.179 Gabarito da forma do molde em papel e molde montado - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.180 Teste pequeno por enchimento de molde - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.181 Vaso - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.182 Vaso - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.183 Estrutura de criptoméria - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.184 Banco com geopolímero e outros objetos - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.185 Detalhe superfície do banco - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.186. Banco GEO - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.187 Banco GEO vista lateral - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.188 Bule, taça e copo - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.189 FIG.189 Objetos variados - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.190.Ambientação de objetos variados - Fonte: Acervo pessoal
- FIG.191 Objetos variados 2 - Fonte: Acervo pessoal

## APÊNDICE I – Transcrição da entrevista nº 1

Esta entrevista é resultado de uma conversa por videochamada com o Professor Doutor Sérgio Luiz Ferreira, no dia 12 de agosto de 2021. O conteúdo nela apresentado são perguntas feitas pelo autor e a transcrição (editada pelo autor) das informações passadas.

**Qual você acha que é o motivo para a perda da memória da ascendência?**

Sérgio Ferreira: Os açorianos quando foram para o sul do Brasil no século XVIII, foram transportados de um lado para outro do mesmo império, diferente de outros imigrantes no Brasil. Diferente por exemplo dos alemães, que também foram para o sul do Brasil, os açorianos não iam para o país com passaporte. Ou seja, ela não tinha que se afirmar como alguém “de fora”. O açoriano no sul do Brasil entra no século XIX sabendo dizer especificamente de onde é. Sabia dizer de qual ilha dos Açores vinha sua família e o nome dos seus antepassados.

O povo segue uma memória horizontal, ou seja, a memória é cultivada com aqueles com quem ele conviveu, diferente, por exemplo, dos nobres, que possuem uma memória vertical de seus antepassados. Isso quer dizer que o povo, muitas vezes não alfabetizado como aqueles açorianos migrantes, conta no dia a dia aquilo que ouviu e passa adiante. Ele vive com os seus e cria memórias. Já as famílias que vem da nobreza, tendem a sempre lembrar de onde vieram e fazerem questão de dizer que fazem parte de uma linhagem histórica. Algo que dificultou por vezes que muitas pessoas descobrissem suas origens, por exemplo por pesquisa dos registros que eram feitos em igrejas, é o fato de muitos serem analfabetos

**Outros povos de Santa Catarina se identificam com suas “origens”?**

Sérgio Ferreira :Em São Pedro de Alcântara os descendentes de alemães ainda se chamam de alemães. Mesmo que a Imigração dos alemães para a região (1828) tenha acontecido antes da unificação da Alemanha. Muitos dos descendentes destes, se chamavam de alemães e chamavam os outros de brasileiros.

## **Qual a importância de conhecer os antepassados?**

Sérgio Ferreira: A ideia de identidade está ligada ao sentimento de pertencimento, algo que foi forte no século XX. Em Florianópolis, por exemplo, a “farra do boi”, que antes era chamada de “boi na vara”, começou a ser “atacada” na década de 1980. Nesse momento, aqueles que a praticam consideram que sua tradição/cultura está em ataque e buscam defendê-la. É nessa busca que, com maior força, se identificam como Açorianos/descendentes de Açorianos. Isso segue a lógica de que só é preciso de uma identidade quando se está em um meio diferente, quando precisa se afirmar como algo, ou pertencente a um grupo. Assim, um grande número de pessoas que viveram de forma ativa nos anos de 1980 se consideram açorianos, diferente de muitos dos mais antigos, em que não tiveram que afirmar ou ter que explicar a tradição desta maneira.

## **Como ocorre o movimento de resgate à açorianidade e o congresso de 1948?**

Sérgio Ferreira: O congresso de 1948 foi um congresso da elite, onde só havia um português de Coimbra e ninguém dos Açores. Santa Catarina tinha grande orgulho das suas “origens” italianas e alemãs, e era um estado que, por vezes, falava mal dos povos do litoral. Porém, ao no final da Segunda Guerra, com a imagem de Alemanha e Itália abaladas, inicia-se uma busca de novas identidades.

Quem fez um grande trabalho no processo de conhecimento da identidade açoriana foi Franklin Cascaes. Nascido em Itaguaçu, Cascaes faz o verdadeiro papel de “formiguinha” no conhecimento da cultura açoriana em Florianópolis. Ele andou pela ilha, viveu na comunidade e mostrava para ela que muito daquilo que se dizia e fazia, era de origem açoriana. Diferente de muitos pesquisadores que nunca mais voltam ao seu público “pesquisado”, Franklin viveu de forma a aprender e a ensinar junto do povo. Disse que “encontrou o açoriano do seu estado puro”. Seu trabalho inicialmente foi rejeitado pela academia por “falta de rigor científico” e deixou de ser convidado para esse congresso da elite de 1948, em que o tema era justamente o bicentenário da colonização Açoriana. Depois de Cascaes, um grupo que trabalha e ajuda no conhe-

cimento da cultura açoriana é o NEA (Núcleo de Estudos Açorianos)

**Como o senhor relaciona as “invenções das tradições” a Florianópolis? Pode me dar um exemplo de algo que é dito como açoriano, mas pode não ter origem nos Açores?**

Sérgio Ferreira: O “boi de mamão” é um folguedo mais de Florianópolis, seguindo a lógica de um “boi de pano”, como acontece em vários outros lugares do Brasil. O elemento mais açoriano que existiu neste folguedo talvez foram as cantorias. Antes elas eram mais chorasas, como muitas cantorias açorianas, mas hoje já não seguem mais essa lógica. O “Pirão d’água”, por exemplo, também não vem dos Açores e não é tradicionalmente açoriano. Feito a base de farinha de mandioca, o que pode se considerar mais próximo de açoriano é a maneira como a farinha de mandioca (que não é açoriana e sim indígena) é feita. Resultando em uma farinha muito mais fina que normalmente a farinha de mandioca é vista no Brasil, o açoriano a deixou próxima da farinha de trigo usada nos Açores.

Os historiadores da época do império louvavam a capacidade de trabalho dos Açores. Diziam que o ilhéu é mais dado ao trabalho que os descendentes de portugueses de outras partes de Portugal. Porém, no início da República no Brasil, isso mudou. A República quer cortar laços com Portugal, e nesse processo dizem que o Açoriano foi abandonado por Portugal e além disso a imagem do açoriano começa a ser moldada para um povo “malandro”. Essa imagem “malandra” que ainda se tem hoje, é diferente de outros lugares que o açoriano migrou, como Estados Unidos e Canadá. Nesses lugares o Açoriano ainda é visto como um povo dedicado ao trabalho. Isso pois, nesses lugares, não houve o mesmo processo que houve no Brasil. A república no movimento de romper laços com Portugal acaba influenciando na mudança de visão do açoriano trabalhador para preguiçoso.

O principal elo entre Florianópolis e os Açores é a Festa do Divino Espírito Santo. Uma festa que no Brasil o clero era contra e considerava como uma religião “tosca”, sendo ela verdadeiramente uma festa do povo. Por tempos a Igreja tentou pegar a festa para si, mas o

açoriano tenta fazer a festa voltar para o povo e reformar o sentimento e ações de partilha da festa. Partilha de comida e bebida, por exemplo.

A festa acontece em diferentes lugares do Brasil, com características variadas, como por exemplo no Maranhão. A primeira Migração Açoriana para o Brasil foi inclusive para o Maranhão em 1619. No período do Império, ele incentivou as festas. Havendo até em tribos indígenas no Amapá que a celebravam.

Mesmo que seja uma festa que não tem sua origem nos Açores, mas sim no continente, essas festas foram praticamente extinguidas em Portugal continental. Porém, o Açoriano pega ela como sua identidade. Posteriormente, Portugal continental, com referências nos Açores, começa a reaprender a fazê-las.

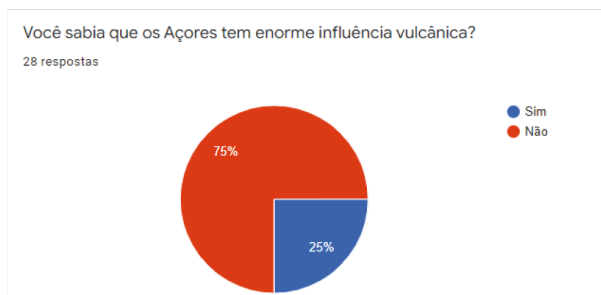
### **Quando você vai aos Açores, qual o sentimento mais presente?**

Sérgio Ferreira: Acolhimento e pertencimento. O Açoriano sempre foi considerado hospitaleiro, aquele que quando tem visita, dá a melhor cama da casa.

## Apêndice 2 ~ Questionário rápido sobre os Açores

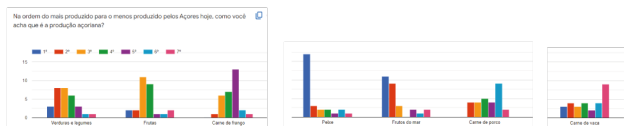
Este é o resultado de um breve questionário feito com 28 pessoas com idade entre 18 e 40 anos que residem ou residiram em Florianópolis, com o objetivo de analisar as informações que tinham a respeito dos Açores

### Você sabia que os Açores têm enorme influência vulcânica?



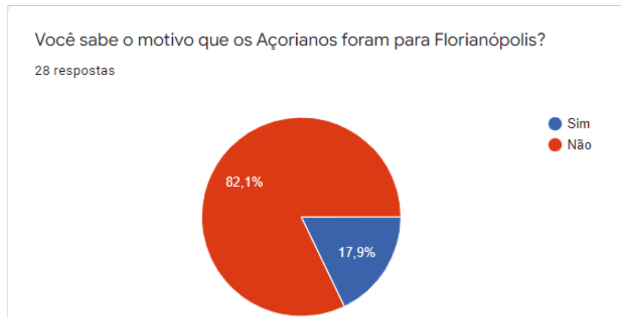
- 75% respondeu que não sabia

### Na ordem do mais produzido para o menos produzido pelos Açores hoje, como você acha que é a produção açoriana?



A maioria das pessoas acreditam que o alimento mais produzido é o peixe e na sequência os frutos do mar.

**Você sabe o motivo que os Açorianos foram para Florianópolis?**



82,1% diz que não sabe a motivação da migração.

**Você sabe mais ou menos a época que os Açorianos foram para Florianópolis?**



35,7% diz saber mais ou menos a época da migração açoriana para Florianópolis.

## APÊNDICE 3 – Transcrição da entrevista nº 2

Esta entrevista é resultado de uma conversa por videochamada com a Técnica Superior- Eng<sup>a</sup> Florestal Carina Nóbrega, no dia 10 de agosto de 2021. O conteúdo nele apresentado são perguntas feitas pelo autor e a transcrição (editada pelo autor) das informações passadas.

Como a Criptoméria aparece nos Açores?

Carina diz que em um período pós segunda guerra começa a haver um planeamento florestal nos Açores, em um período em que as florestas eram reduzidas devido a utilização desregrada dos recursos naturais. O esgotar dos recursos naturais até o fim da Segunda Guerra acontecia por parte da população fazendo carvão, para aquecimento e sobrevivência da população rural, na fabricação de utensílios, na indústria naval para a guerra e para a produção de gado. Após esse período, com planeamento, então começa a arborização dos terrenos baldios e distribuição gratuita de plantas para plantação em terrenos particulares. Desde a década de 1940 até hoje, o governo disponibiliza plantas para a população.

As criptomérias estão localizadas basicamente em regiões de 400 metros de altitude. Isso ocorre devido a agricultura, que é setor primário estar localizado nas terras mais baixas.

Existem Serviços Florestais em todas as ilhas, menos na Ilha do Corvo. A ilha das Flores tem uma significativa quantidade de Criptomérias para a dimensão da Ilha.

Qual o motivo da escolha da criptoméria?

É dito que o motivo da escolha da criptoméria para a plantação é por sua facilidade de produção e velocidade de crescimento na região. Existe ainda uma “ajuda” do Japão para melhoramento da Criptoméria Japonica para sua plantação nos Açores. A maior parte das Criptomérias estão na Ilha de São Miguel.

Por qual motivo os Açores têm, em questão de porcentagem pela área, um número tão menor de eucalipto em comparação a Portugal Continental?

Carina diz que isso é uma escolha econômica. O Eucalipto é uma árvore que se tira a celulose, e por não haver indústria de celulose no arquipélago e o transporte deste ser caro para o continente, não seria economicamente viável a plantação de eucalipto nos Açores.

Ouve-se falar também de outras plantas como a acácia e o incenso. O que pode dizer sobre elas?

A Acácia e o incenso são espécies invasoras na região. E essas espécies, por isso, não podem ser plantadas. Elas nascem pois são invasoras. Ao contrário do incenso, em que se usa a rama, a acácia se usa a madeira, porém a maior parte dela é para recursos energéticos/lenha. Sempre que se encontra uma boa madeira de Acácia ela é usada para construção de casas ou móveis, porém isso não acontece com frequência, pois ela não é cultivada normalmente para esse fim e por não ser permitido o seu plantio. Porém, apesar de não ser permitida a plantação de acácia e incenso, é permitido o corte. Por exemplo o incenso, quando se pede autorização para cortar, ele “arrebenta a patouça”. Isso quer dizer que é cortada a árvore, mas não é cortada a raiz, e ela volta a crescer.

Quando perguntado para Carina Nóbrega, qual o sentimento que tem em viver nos Açores, lembro daqueles que dizem das brumas e da incerteza. A Carina diz que esse sentimento muda com a idade. Quando ela tinha seus 16 anos, queria estudar fora e conhecer outras realidades fora dos Açores. Essas oportunidades vieram. Estudou em Portugal Continental e morou na França para estagiar na área. Regressou aos Açores e encontrou um lugar na sua área para trabalhar e de lá já não tem mais vontade de sair. Sente que se deseja viajar e conhecer outros lugares, pode fazer como pessoas que vivem em outros lugares, mas deve voltar aos Açores, onde está realizada. Carina diz que dependendo da idade e condição de vida das pessoas, as respostas são diferentes, mas que com aquilo que viveu, e com aquilo que vê como essencial, está nos Açores o seu lugar.





MDP/ESAD.CR